

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
FLUMINENSE DARCY RIBEIRO (UENF)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA POLÍTICA
(PPGSP)**

LUIZA SOARES DE ALMEIDA SOUZA

**“É O TEMPO QUE TENHO PARA MIM”: sofrimento social, cuidado e cotidiano
de mulheres-mães no salão de beleza em um conjunto habitacional do
programa municipal Morar Feliz**

Campos dos Goytacazes - RJ

2023

LUIZA SOARES DE ALMEIDA SOUZA

“É O TEMPO QUE TENHO PARA MIM”: sofrimento social, cuidado e cotidiano de mulheres-mães no salão de beleza em um conjunto habitacional do programa municipal Morar Feliz

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia Política Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientadora Prof.^a Dr^a Wania Amélia Belchior Mesquita.

Campos dos Goytacazes - RJ

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

UENF - Bibliotecas

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

S72

Souza, Luiza Soares de Almeida.

“É O TEMPO QUE TENHO PARA MIM”: SOFRIMENTO SOCIAL, CUIDADO E COTIDIANO DE MULHERES-MÃES NO SALÃO DE BELEZA EM UM CONJUNTO HABITACIONAL DO PROGRAMA MUNICIPAL MORAR FELIZ / Luiza Soares de Almeida Souza. - Campos dos Goytacazes, RJ, 2023.

132 f.: il.

Bibliografia: 119 - 127.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2023.

Orientadora: Wania Amelia Belchior Mesquita.

1. mulheres mães. 2. sofrimento social. 3. cuidado. 4. cotidiano. 5. rede de apoio. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD -


**"É O TEMPO QUE TENHO PARA MIM": SOFRIMENTO SOCIAL, CUIDADO E
COTIDIANO DE MULHERES-MÃES NO SALÃO DE BELEZA EM UM
CONJUNTO HABITACIONAL DO PROGRAMA MUNICIPAL MORAR FELIZ**

LUIZA SOARES DE ALMEIDA SOUZA


Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política do Centro de
Ciências do Homem da Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, como requisito final para a
obtenção do título de Mestre em
Sociologia Política.

Aprovada: 14/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Camila Fernandes Pinto (Antropologia Social – UFRJ)
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof^ª. Dr^ª. Réia Sílvia Gonçalves Pereira (Sociologia Política – UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF



Prof^ª. Dr^ª. Caterine Reginensi (Sociologia Política – UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF



Prof^ª. Dr^ª. Wania Amélia Belchior Mesquita (Sociologia Política – UENF)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF (Orientadora)

DEDICATÓRIA

Às mulheres mães.

AGRADECIMENTO

Este trabalho é realizado por muitas mãos, pois sem a contribuição de todas e todos em que agradeço abaixo, não teria sido possível realizá-lo. Assim, agradeço primeiramente as trabalhadoras do salão, local onde foram coletados dados pela disponibilidade e carinho ao contribuir com a pesquisa e as mulheres mães frequentadoras do salão, que forneceram um pouco de seu precioso tempo e atenção para contribuir com a pesquisa. Gratidão.

À minha mãe e à minha vó por terem me amparado para chegar até aqui. Foram elas que me criaram e são as grandes inspirações para o tema. Meus amores incondicionais. O amor transforma e nos move.

Aos meus gatos, Banguela e Amarelinho que foram companhia, calma, suporte e incentivo nesta jornada;

Agradeço especialmente a Marcus Vinicius, meu companheiro, a minha sogra, sogro e cunhada; e a Tamires, minha irmã de alma por terem estado tão presentes quando outros não puderam estar e terem me ajudado tanto para que conseguisse concluir este trabalho. Retribuirei tudo com toda certeza. Vocês são incríveis.

Às minhas amigas Samantha e Jessica que foram fundamentais neste processo, onde me ajudaram a respirar em meio às turbulências do percurso e para que me mantivesse firme. Amo vocês e a nossa troca. Contem comigo.

À minha psicóloga e aos psicólogos da UENF que foram essenciais para que eu pudesse ter saúde em meio a uma crise pandêmica mundial, para encarar mais este desafio que é um mestrado.

À Stephane por toda contribuição a este trabalho, com muito carinho e incentivo, ela fez toda a diferença para a conclusão deste. Gratidão eterna. Você é luz.

À todos os funcionários da UENF.

À Wania Mesquita minha orientadora e coordenadora de curso, que me apresentou caminhos maravilhosos e fundamentais para seguir, me corrigiu, direcionou e se esforçou muito para conseguir me orientar em situações tão adversas e desafiadoras com a pandemia de Covid 19 e os ataques frequentes a educação pública que sofremos nos últimos anos. Agradeço de coração, aprendi muito com você!

À Silvia Gonçalves Reis, mulher e mãe que muito contribuiu para este trabalho com seu olhar amoroso e incrível, deste modo, ela foi fundamental para a conclusão deste.

Você é luz querida.

Às professoras das bancas de qualificação e final, Caterine Reginensi, Fatima Cecchetto, Vânia Morales Sierra, Nathalie Reis Itaboraí, Camila Fernandes e Silvia Reis por todo o esforço também de contribuir ao máximo para a minha formação. Levarei para sempre os ensinamentos de vocês. Muito obrigada por cada ajuda, contribuição e direcionamento que me deram, foi essencial para a concretização do trabalho e para a minha vida. Vocês são inspiradoras.

Aos professores do PPGSP pelo conhecimento compartilhado, em especial a Geraldo Timóteo pelas dicas preciosas e essenciais.

Agradeço aos colegas de turma, não vou citar todos, pois são muitos e todos contribuíram de alguma forma. Em especial, Hiorrana, Luana, Mylena, Gustavo, Yves e Michelle. Não teria sido possível sem a ajuda de vocês. Muito obrigada pela troca.

À UENF, a Faperj e ao PPGSP pela estrutura e financiamento concedidos, os quais foram essenciais para a realização da pesquisa e da minha formação.

RESUMO

SOUZA, Luiza Soares de Almeida. **“É o tempo que tenho para mim”**: sofrimento social, cuidado e cotidiano de mulheres-mães no salão de beleza em um conjunto habitacional do programa municipal Morar Feliz. 2023.131f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes/RJ, 2023.

A desigualdade de gênero acarreta na excessiva carga de trabalho destinada culturalmente às mulheres, principalmente as que são mães de classes populares que ainda possuem o cuidado com os filhos realizado majoritariamente por elas e com divisão parental desigual, sem rede de apoio, inclusive estatal. A dissertação em questão tem como objetivo compreender o sofrimento social presente na experiência cotidiana de mães e suas práticas de auto cuidados em um salão de beleza no conjunto habitacional do programa municipal Morar Feliz implementado pela prefeitura de Campos dos Goytacazes, RJ. A partir de uma perspectiva socioantropológica aborda os principais desafios cotidianos enfrentados por essas mulheres mães; compreendendo as relações estabelecidas na localidade de moradia, vizinhos, família e algumas outras pessoas presentes no conjunto. A pesquisa teve como base empírica a observação etnográfica, três entrevistas semiestruturadas com mulheres mães que mais frequentam o salão de beleza, além de conversas informais com demais interlocutores. A pesquisa revela a importância das redes de cuidado formais e informais para as mulheres mães na periferia, que enfrentam suas principais dificuldades cotidianas como: a “correria”, a falta de tempo, o “fazer tudo”, os relacionamentos com homens, a falta de infraestrutura, a não conseguir se cuidar no dia a dia, somente aos finais de semana. Ainda, as dificuldades apareceram como maiores na medida em que os filhos são menores. O salão de beleza então foi compreendido como um território de cuidado de si mesmas, troca de informações e apoio mútuo, onde as mulheres adquirem novos saberes para enfrentar cotidianamente as violências e o sofrimento social.

Palavras-chave: mulheres mães, sofrimento social, cuidado, cotidiano, rede de apoio.

ABSTRACT

SOUZA, Luiza Soares de Almeida. **"It's the time I have for myself"**: social suffering, care and daily life of women-mothers in the beauty salon in a housing project of the Morar Feliz municipal program. 2023.131f. Dissertation (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes/RJ, 2023.

Gender inequality leads to an excessive workload culturally assigned to women, especially those who are mothers from the popular classes who still have the care of their children mostly performed by them and with an unequal parental division, without a support network, including the state one. The dissertation in question aims to understand the social suffering present in the daily experience of mothers and their self-care practices in a beauty salon in the housing complex of the Morar Feliz municipal program implemented by the city hall of Campos dos Goytacazes, RJ. From a socio-anthropological perspective, it addresses the main daily challenges faced by these women mothers; comprising the relationships established in the place of residence, neighbors, family and some other people present in the set. The research was empirically based on ethnographic observation, three semi-structured interviews with women mothers who most frequent the beauty salon, in addition to informal conversations with other interlocutors. The research reveals the importance of formal and informal care networks for women mothers in the periphery, who face their main daily difficulties, such as: the "running", the lack of time, "doing everything", relationships with men, lack of infrastructure, not being able to take care of yourself on a daily basis, only on weekends. Furthermore, the difficulties appeared to be greater as the children were younger. The beauty salon was then understood as a territory of self-care, exchange of information and mutual support, where women acquire knowledge of resistance to face violence and social suffering on a daily basis.

Keywords: mother women, social suffering, care, daily life, support network.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

COVID19 -	Corona Virus Disease 2019
CRAS -	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS -	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
ENEM -	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEEL -	Laboratório de Estudos da Educação e Linguagem
MCMV -	Minha Casa Minha Vida
NEABI -	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
PNHR -	Programa Nacional de Habitação Rural
PNHU -	Programa Nacional de Habitação Urbana
SMFAS -	Secretaria Municipal da Família e Assistência Social
UENF -	Universidade Estadual do Norte Fluminense
UFF -	Universidade Federal Fluminense

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Transformações Históricas da Pobreza Urbana	p.33
Quadro 2 - Redes Sociais Formais e informais das mulheres mães do local	p.82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do bairro Novo Jockey	p.24
Figura 2 - Entrada do Bairro Novo Jockey e início da Avenida Rosa Montezano de Oliveira, a principal do bairro	p. 24
Figura 3 – Início do Conjunto Habitacional Morar Feliz.	p.27
Figura 4 – Muro de uma das casas do Conjunto	p.29
Figura 5 – Igrejas Pentecostais e Neopentecostais	p.30
Figura 6 - Fachada de uma Igreja localizada na Avenida Rosa Montesano	p.30
Figura 7 - Fachada de Igrejas evangélicas localizadas dentro do conjunto habitacional Morar Feliz do Novo Jockey	p.31
Figura 8 - Tela do IBGE constando o Quantitativo de cor ou raça de pessoas acima de 15 anos da cidade de Campos dos Goytacazes, RJ	p.34
Figura 9 - Rua Rosa Montezano	p.62
Figura 10 - Mapa marcando redes formais das mulheres mães no território	p.84
Figura 11 - Treino da escolinha de futebol Bola Boa	p.86
Figura 12 – Crianças e Jovens em atividade	p.87
Figura 13 – Cartaz de evento	p.90

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: “A pesquisa enquanto processo”: Trajetória da pesquisadora	13
1. INTRODUÇÃO	22
1.1 A etnografia.....	27
1.2 Os capítulos da dissertação.....	31
2. “NÃO, EU MORO NA FAVELA, NÃO GOSTO DO NOVO JOCKEY NÃO.” O LOCAL: CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR MORAR FELIZ NO BAIRRO NOVO JOCKEY.	33
2.1 Quem são essas mulheres mães? Cotidiano de cuidado, desafios e criação dos filhos.....	49
2.2 “Mãe maravilha. Faz tudo com as pessoas atrapalhando.” As Identidades. ...	55
2.3 Políticas de cuidado e gênero: uma aproximação ao debate.....	62
2.4 Sofrimento social.....	65
2.5 Como as mulheres mães tornam seu “mundo habitável”? A vida cotidiana após os sofrimentos sociais.....	74
3. “ME SINTO BONITA, ME SINTO CUIDADA” - MULHERES MÃES NO SALÃO DE BELEZA	79
3.1 O Salão.....	79
3.2 Linda: “Para mim, nada é difícil nas dificuldades, têm os desafios.”.....	83
3.3 Denise: “Faz eu me sentir melhor”.....	86
4. COMO ELAS CONSEGUEM IR AO SALÃO? AS REDES SOCIAIS DE APOIO DAS MULHERES MÃES	89
4.1 Redes sociais formais e informais.....	90
4.2 “Bola boa”: A escolinha de futebol	95
4.3 Possibilidades e limites das redes	98
4.4 “Ele falava que tava pesado e devolvia”. “Ausência e presença do Estado e dos homens.”	102
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
APÊNDICE A – IMAGENS.....	127
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA	129
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	131

CONSIDERAÇÕES INICIAIS “A pesquisa enquanto processo”¹: Trajetória da pesquisadora.

A pesquisa desta dissertação visa compreender o sofrimento social presente na experiência cotidiana de mães e suas práticas de auto cuidados em um salão de beleza no conjunto de habitação de interesse social Morar Feliz da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro.

Numa primeira perspectiva, poderíamos considerar uma suposta contradição em uma abordagem que conjugue sofrimento e auto cuidado, ao considerarmos o contexto social destas mulheres que são pobres (beneficiárias ou das famílias beneficiárias de programas como o Bolsa Família²), de origem de favelas de Campos dos Goytacazes, locais estes onde a pobreza urbana está situada. (VALLADARES, 2016; FERREIRA, 2019), a maioria delas negras (VIEIRA; ARAÚJO, 2020) e mães que criam seus filhos sem a divisão igualitária de gênero deste cuidado (FERNANDES, 2020; MORENO, 2019). Além das condições locais de ausência ou fragilidade nos serviços de saúde, transportes, etc. e a presença de um grupo armado organizado para a venda de drogas ilícitas que realizam um controle de ordem neste território. (VALLADARES, 2016; FERREIRA, 2019)

Entretanto, observou-se que ir ao salão é uma forma de tornar a vida destas mulheres habitável, mesmo diante deste contexto de sofrimento social, em referência ao pensamento de Das (2020). Pois, o salão é compreendido como um ambiente de cuidado. Um cuidado de si enquanto prática de liberdade e um “exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser.” (FOUCAULT, 2004, p. 265). Foucault (2004, p. 266) compreende a libertação para além dos processos de liberação da dominação, ele se preocupa também com as práticas de libertação e justifica: “para que esse povo, essa sociedade e esses indivíduos possam definir para eles mesmos formas aceitáveis e satisfatórias da sua existência ou da sociedade política.”

No entanto, a aparente contradição se dilui ao aprofundarmos a discussão sobre os conceitos de sofrimento social e cotidiano aqui evocados. Tais categorias

¹ Conforme estabelecido no livro de resultado da Tese de doutorado do autor ZAMBONI (2012), que aborda o conceito: “pesquisa enquanto processo”.

² De acordo ainda com a pesquisa intitulada “Ações pentecostais nos conjuntos habitacionais das periferias de Campos dos Goytacazes-RJ: sociabilidades religiosas nos espaços de moradias”. (MESQUITA, 2023)

são tributárias de Das (2020, p.17). Analisado, primeiramente o conceito de sofrimento social, tem-se como base a abordagem desta autora sobre a obra de Wittgenstein.

Assim, ela parte da concepção de *exceção ordinária* para se referir a como as pessoas habitam suas vidas e aos acontecimentos cotidianos que não são usuais, são extraordinários, como os das violências cometidas pelo Estado. (DAS, 2015). São eventos de profundo horror capazes de quebrar a inteligibilidade do mundo. Contudo, o foco das análises de Das busca compreender como são tecidas as relações no reabitar o mundo devastado. Nesse sentido, Das desce ao cotidiano como instância para narrar a violência decorrente da “Partição da Índia em 1947 e o assassinato da então primeira ministra Indira Gandhi, em 1984” (DAS, 2020, p.16-17), acontecimentos estes que geram conflitos com terror, instabilidade, e que irão culminar na constituição de uma nova Índia enquanto nação. Das possui um enfoque nas mulheres e também com relação a localidade onde os fatos ocorreram, ou seja, na ocorrência de grandes eventos devastadores relacionados com o Estado. Para a autora, em contextos de devastação, “a gramática fracassa”, as palavras já não podem ser narradas e tampouco descrever o horror. É na dimensão do cotidiano que a violência pode ser tratada e retomada. (DAS, 2020, p.22)

Veena Das (2020) ao focar o sofrimento social analisa como as pessoas se expressam na esfera micro. Não se trata, entretanto, de desconsiderar o macro destes acontecimentos. Veena está interessada na “relação escorregadiça entre o coletivo e o individual”. Assim, o cotidiano está ligado aos acontecimentos como se houvessem “tentáculos”, em suas palavras, entre eles. (DAS, 2020, p.16-22)

Em conjunção a abordagem do sofrimento social no contexto a pesquisa focalizei o cuidado. Fernandes (2020, p. 209), em uma etnografia com mulheres mães moradoras de favelas na cidade do Rio de Janeiro na atualidade, buscou: “identificar a agência masculina e estatal no universo dos cuidados.” Para tanto, a autora analisa as ausências dos homens e do Estado, o primeiro versa sobre o “compromisso não assumido por figuras masculinas no campo dos cuidados” e o segundo acerca da ausência de responsabilidade estatal na “condução de determinados serviços, ações, direitos e recursos, além de apresentar um caráter de “belicosidade” nas palavras da autora nas práticas estatais, ou seja, uma imagem de guerra.

Este contexto nos coloca há mais ou menos vinte anos, a duas ruas do início do conjunto habitacional popular pesquisado, onde resido. Deste modo, ao longo do meu desenvolvimento acadêmico, pessoal e vivência diária em interação com a

comunidade local foi possível observar as desigualdades (ARRUDA, 2009) de raça, gênero e classe que vinham sendo impostas. Assim, os acontecimentos diários foram instigantes e fomentaram a busca de uma perspectiva de pesquisa que possibilitasse desvelar as questões e problemáticas que se apresentavam também em meu cotidiano.

Deste modo, vivenciar um contexto de pesquisa familiar, de acordo com Velho (1981), não nos faz necessariamente possuir um vasto conhecimento acerca daquele ambiente. Quando este autor discorre acerca da observação do que nos é familiar, afirma que aquilo que está mais próximo de nós fisicamente, socialmente ou psicologicamente pode parecer, a princípio, mais conhecido dada a esta proximidade, entretanto, ele destaca que por diversas vezes temos conhecimento de pessoas que sabem mais de artistas internacionais do que do seu próprio país de origem por exemplo.

Nesse sentido, como Hine (2020) aborda, o método utilizado da etnografia possui também esse caráter reflexivo da proximidade da pesquisadora de corpo presente e sua interação com esse meio, e traz neste caso, ganhos substanciais para a problematização dos aspectos da pesquisa.

Fonseca (1999, p.65) nos recorda da impossibilidade da neutralidade em uma pesquisa científica, pois, como ela coloca: “somos parte da realidade que pesquisamos”. No caso em questão, isto se intensifica pela pesquisa fazer parte também do cotidiano da pesquisadora, ao frequentar os mesmos comércios, transportes e serviços que os moradores do conjunto.

Portanto, nesta configuração, não me encontro posicionada como uma pesquisadora que vai até o campo de pesquisa, conhece o material e vai para sua casa que se localiza em outro território. O campo onde é realizado esta pesquisa foi por mais de 20 anos, é e ainda vai continuar sendo também o meu território cotidiano, de produção de vida, lazer, pois, frequento por exemplo a mesma lanchonete, farmácia que as demais pessoas locais. Devido a isto, houve um cuidado a fim de evitar erros na condução da pesquisa no local, pois qualquer problema que houvesse na condução do trabalho de campo, como de uma interpretação errônea das reais intenções da pesquisa que houvesse, não poderia me ausentar do local pesquisado.

Este percurso de experiências, reflexões e percepções caminhou em conjunto com minha formação acadêmica na graduação em Psicologia na UFF dentro do campus do instituto de ciências da sociedade e desenvolvimento regional de Campos

dos Goytacazes - RJ, local onde tive o primeiro contato com a Antropologia e estive mais próxima das discussões da Psicologia Comunitária e do compromisso ético, social e político do psicólogo.

Em paralelo, também me encontrava inserida na extensão universitária da UENF no Laboratório do LEEL (Laboratório de Estudos da Educação e Linguagem) em um projeto acerca das manifestações culturais em uma comunidade quilombola de Quissamã - RJ, cidade próxima localizada no Norte Fluminense. Ainda, fui integrante também na UENF por mais de cinco anos do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) onde foi possível dar início e desenvolver as compreensões acerca de temáticas das relações étnico raciais no Brasil e nos EUA, a diáspora, o período colonial e suas consequências para as desigualdades.

Portanto, ao ter em vista esta perspectiva da não neutralidade na pesquisa científica, (CHAGAS, 2015; OLIVEIRA JÚNIOR, 2020), e posicionada com minha formação enquanto psicóloga, busquei trazer para este trabalho a potência das estratégias de resistência e existência frente ao sofrimento social e o salão de beleza como espaço possível de produção destas estratégias, algo que apreendi nas pesquisas referentes a outros espaços de resistência coletiva e existência como o quilombo e no curso de Psicologia da UFF Campos. Percebo assim, que este trabalho também versa acerca do existir, de como resistem e as formas de existência das mulheres mães, principalmente negras e pobres diante das violências cotidianas.

Violências estas que se constituíram enquanto limites a pesquisa devido a violência urbana no bairro, inclusive de uma incursão policial no dia 18 de março de 2022, por volta das 11:30 da manhã de uma sexta-feira, no momento em que estava presente, onde vários carros da polícia entraram em velocidade com sirene ligada em volume alto em direção ao conjunto habitacional, a poucos metros dele, momento este em que os comerciantes se mostraram temerosos e preocupados com tiroteios e me pediram para ir urgente para a minha casa.

Presenciei novamente na avenida principal movimentada, desta vez uma perseguição policial de motocicletas. No dia 17 de fevereiro do ano seguinte, 2023, quase um ano depois, às 17h de uma sexta-feira, véspera de Carnaval. Um policial sozinho perseguia um rapaz de moto também sozinho. Os dois corriam muito, o policial atrás do homem e as feições das diversas pessoas que presenciavam a cena eram de assustadas.

Os dois passaram correndo muito ao meu lado na rua, virei para traz para

acompanhar e vi que entraram na esquina seguinte para dentro do conjunto habitacional e sumiram. Fiquei preocupada. Os fogos que avisam da presença da polícia foram disparados antes dos dois aparecerem. Com medo atravessei a rua e entrei dentro de uma farmácia, alguns transeuntes fizeram o mesmo, outros permaneceram parados olhando para o conjunto habitacional para verem o desenrolar da ação, permaneci um tempo dentro da farmácia, esperaria para ver o que aconteceria em seguida e se estava seguro sair para ir embora. Homens parados na rua que assistiram a cena diziam: “Agora não pega não”, no momento que o rapaz de moto saiu da avenida principal e adentrou o conjunto habitacional. Além disso, um rapaz na rua disse: “A Penha está cheia de “poliça” ao se referir ao bairro vizinho e a alguma ação que ocorria lá.

Após a entrada do rapaz no conjunto habitacional com o policial, apareceram cerca de três mulheres a correr atrás deles, imaginei serem familiares do rapaz que estava sendo perseguido, pois elas corriam e gritavam preocupadas. Já havia de minha parte uma preocupação quando avistava a polícia no local, um medo de algum confronto. Com o trabalho de campo e as pesquisas isto se intensificou e meu coração começou a disparar toda vez que via a polícia se aproximar.

No trabalho de campo pude notar a forte presença da polícia no local, algo que também observo em outro bairro periférico da cidade, com alguns carros contendo uma arma, no caso um fuzil, apontado para fora da janela. Em certo dia, um carro da polícia estava saindo e alguns minutos depois outro estava entrando nas ruas próximas e dentro do conjunto habitacional. Acerca disto, Fernandes (2020, p. 212) contribui com esta compreensão quando discorre sobre a intervenção estatal como: “belicosamente em territórios racializados identificados como perigosos.” Também Das (2020) quando trata acerca de como as violências com a participação do Estado provocam dores com consequências no cotidiano dos moradores da região.

Houve ainda relatos de assaltos sequenciais na vizinhança com abordagens de moradoras nas ruas com a utilização de facões, o que dificultou o trabalho de campo por um período curto de tempo. Além dos impedimentos dos trabalhos de campo no primeiro ano da pesquisa em 2021 devido à pandemia mundial de COVID-19. (UNASUS, 2020)

Além destas observações, presenciei por todos estes anos, muitas cenas no transporte coletivo que passa pelo conjunto e ao andar pelas ruas não ficava alheia nem mesmo aos considerados pequenos acontecimentos rotineiros, pois sempre tive

curiosidade em compreender as singularidades, ou as semelhanças entre as pessoas nos grupos sociais e os efeitos que os ambientes provocam em nós. (DELEUZE, 1997) É possível aferir, tanto através da observação do dia a dia, quanto através de trabalhos sobre o tema (SCORCE, 2018; OLIVEIRA, 2020; QUINTÁNS PINTOS, 2019; WALKER, 2013) a dificuldade diária das mulheres mães pobres no transporte coletivo e o uso do tempo delas no trabalho não remunerado, como por exemplo nos momentos presenciados em que vão realizar compras no supermercado, este um trabalho doméstico, e precisam inventar um espaço no chão do transporte para colocar as sacolas pesadas de compras e contar com a ajuda dos outros passageiros para isso.

Ferreira (2019) relata também acerca da diminuição dos ônibus no local. Caso este em que se observou uma mudança nesta pesquisa, pois, onde anteriormente os ônibus não possuíam horário definido, em 2022 passaram a transitar de trinta em trinta minutos devido a cobranças e movimentações de um grupo organizado de moradores do bairro liderado por mulheres denominado SOS Novo Jockey.

As dificuldades se expandem ainda para o tempo perdido no percurso do transporte (QUINTÁNS PINTOS, 2019) que neste caso da pesquisa percorre o conjunto habitacional. O transporte coletivo se move e atravessa toda a extensão do bairro, do seu início ao fim e demora aproximadamente, no mínimo 30 minutos para percorrê-lo para então poder avançar para o centro da cidade, o que demora em torno de 20 a 30 minutos e fornece um total de 40 minutos em média para o tempo de viagem e presença dentro do mesmo ônibus que é frequentado de modo massivo por mulheres. A escassez de tempo aparece ainda nas entrevistas realizadas por esta pesquisa. Isabela³ por exemplo, perguntada sobre o que gosta de fazer no salão, responde: “O cabelo, porque não tenho tempo de cuidar e os cílios.” Além dela, Denise⁴ também aborda a questão do tempo quando foi perguntada como se sente quando vai ao salão, no que responde: “Faz eu me sentir melhor, é o tempo que tenho para mim, para me cuidar.”

Irene Quintáns Pintos (2019, p. 29) discorre acerca do conceito da “pobreza de tempo” que trata dos sofrimentos que as classes sociais passam, de modo distinto, ao possuírem acesso ao tempo que irá depender das condições de vida com o poder de adquirir bens de consumo como um carro por exemplo. Deste modo, segundo a

³ (Nome fictício) Informação obtida em entrevista em março de 2023.

⁴ (Nome fictício) Informação obtida em entrevista em abril de 2023

autora, a falta de recursos financeiros reverbera na pobreza de tempo para o autocuidado e para o cuidado com os filhos. Sobre o tempo ela afirma que: “[...] é a condição que permite ou dificulta o acesso aos espaços urbanos, por isso é preciso ser planejado em conjunto com outras políticas” como a de moradia, acrescenta. (QUINTÁNS PINTOS, 2019, p. 30)

A autora nos revela ainda, dados acerca das horas de transporte e da origem da pobreza de tempo laboral que possui relação com os trabalhos domésticos e não remunerados no caso das mulheres:

No Chile, um estudo de 2015 que analisou a Pesquisa Nacional sobre o Uso do Tempo (ENUT), da Instituto Nacional de Estatísticas, determinou que 9,8% da população entre 18 e 65 anos é pobre de tempo. Se incorporarmos as horas de transporte, o valor sobe para 26% para a população média. A origem laboral da pobreza de tempo que se deve ao trabalho remunerado (82,7% são homens) e ao trabalho doméstico (98,5% são mulheres). (QUINTÁNS PINTOS, 2019, p. 30)

Exposto isto, um último ponto a ser considerado no processo da pesquisadora com a pesquisa, têm como base Cláudia Fonseca (1999) que deixa bem demarcado a importância de informações como idade, lugar social, geracional, origem socioeconômica dentre outros do informante e do pesquisador, para ser possível saber por exemplo da posição do pesquisador frente a aqueles que o acompanham naquela investigação.

Sobre a minha subjetividade com relação as sujeitas da pesquisa, as quais são pertinentes estas observações de acordo com Fonseca (1999), tenho muita simpatia por estas mulheres devido a possuir conhecimento acerca das problemáticas sofridas devido às questões de gênero, classe e raça, onde compartilhamos de dores em comum, porém, sou ciente das limitações, como as de raça por exemplo, pois me autodeclaro e sou lida racialmente como branca (SCHUCMAN, 2012).

Além disso, me trouxe a lembrança minha própria mãe (que se autodeclara como parda) em várias vezes no campo, suas feições, modos de se portarem e de falar, os conflitos, me remetiam a mim, a minha mãe e a minha família. Já imaginava que haveriam semelhanças, mas me surpreendi em notar de como eram muitas, principalmente na forma de se relacionar em família. Em minha percepção, o que me pareceu mais se diferenciar das mulheres foram pensamentos que adquiri dentro das universidades, ensinamentos relacionados a Psicologia, Sociologia e Antropologia. No entanto, fui surpreendida por notar reflexões comuns com algumas mulheres mães negras jovens como por exemplo o de tratar seus filhos de modo mais leve do que

suas mães as trataram, a intensão e o saber que bater nos filhos não é uma prática tolerável, e de ter a compreensão de que as tarefas domésticas e de cuidado com os filhos não são responsabilidade somente da mulher.

Com relação a história geracional desta pesquisadora, minha família materna é em sua maioria negra e parda proveniente do Estado do Rio de Janeiro e minha família paterna branca do Estado de Minas Gerais. Sempre foi dito na família materna que minha tataravó e bisavó eram negras, entretanto como o bisavô era branco, nenhum filho daquela relação nasceu negro(a) retinto e assim atribuíam o fato de não serem brancos a um antepassado indígena que “coloriu” a família. Porém, em muitas conversas com minha avó descobri que esse familiar indígena se encontra localizado mais distante na árvore genealógica e os parentes mais próximos são os negros e brancos. Entretanto, ninguém da família se considera negro, utilizam a expressão “moreno”. Uma marca da violência racial no Brasil. (VARGAS; CASTRO; NETO, 2022. p.08-09; MUNANGA, 2012; NOGUEIRA, 2006) Assim como minha mãe, que é lida racialmente por mim como negra de pele clara, no entanto, se autodeclara parda. Nasci em 1991, de cor branca e com os olhos e cabelos castanhos escuros, porém, minha mãe conta que quando estava grávida de mim, sua primeira filha, ficava olhando para os olhos esverdeados do meu pai para que eu nascesse com os olhos coloridos. Fato que me recorda a força do branqueamento racial no Brasil. (MUNANGA, 2012)

Minha avó materna, nascida em Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, cidade trabalhada nesta pesquisa, conta que seu pai era branco e filho de um dono de engenho da região. Inclusive a travessa que minha avó mora até hoje possui o nome do meu bisavô que recebeu uma herança e pôde adquirir aquelas terras na época onde plantava e colhia. Fato que fez com que ninguém da minha família materna ter passado fome por exemplo, não há relatos da falta de alimentos como já ouvi de outras famílias da mesma época e cidade, em condições de vida diferentes. (MENDES, 2011).

Nesta família materna citada acima, a qual tive mais contato durante a vida, tenho um tio com mais de uma graduação que recebeu prêmios de desempenho escolar, uma tia assistente social pela mesma universidade com que me graduei, a UFF Campos dos Goytacazes e minha mãe que teve acesso ao melhor curso de inglês da cidade na sua época e a universidade particular no curso de Letras – Português-Inglês, ambos custeados por este tio citado. Minha formação até o Ensino Médio foi

realizada totalmente em instituições de ensino públicas que possuíam defasagens. No entanto, me recordo de possuir 5 anos de idade quando minha mãe começou a me ensinar Inglês em casa e Língua Portuguesa era a disciplina que eu apresentava melhor desempenho na escola em todos os anos e foi a primeira ideia de Universidade que me ocorreu, onde cheguei a tentar realizar a inscrição na mesma instituição que minha mãe tinha concluído sua graduação. Sou a primeira da família a cursar o mestrado e acredito que a trajetória e privilégios da minha família materna foram alguns dos fatores que contribuíram para que eu conseguisse chegar a este lugar.

1. INTRODUÇÃO

Ao realizar a revisão bibliográfica, percebeu-se que há mais facilidade em encontrar estudos e discussões acerca das dificuldades da maternidade no ambiente universitário em detrimento de outros ambientes. Franchl e Nascimento (2020) corroboram esta afirmação em sua pesquisa onde também encontraram artigos acerca da maternidade e da academia e relacionaram o aumento do interesse por este tema com a geração de pesquisadoras que estão passando por esta fase e por discussões das mulheres da classe média. Além disso, estas autoras consideram urgente pesquisas que abarquem as redes que envolvem as famílias e as relações conjugais envolvidas nesse processo maternal, assim como se propõe em parte este estudo.

No entanto, se mulheres que tentam a carreira universitária, muitas vezes pensam em desistir devido à falta de uma rede de apoio como aponta Bitencourt (2020), há aquelas residentes de comunidades de baixa renda que não chegam nem mesmo a cogitar este espaço ao não perceberem este ambiente com sentido em suas vidas, pois difere da forma com que suas famílias as ensinaram, onde foram instruídas a serem esposas, mães e a cuidar do ambiente doméstico. (MARTIN, V.B.; ANGELO, M, 1999; PADILHA, 2011)

Ao estudar a moral dos pobres na periferia de São Paulo, Sarti (2014) investiga também estas famílias e seus integrantes, além de discorrer acerca do comprometimento do cuidado materno neste contexto ao tratar da relação do desemprego, de baixos salários e da escassez de recursos que fazem com que mães e filhos precisem trabalhar a mais e em momentos prejudiciais para os mesmos, como por exemplo em um período onde está mãe deveria gozar de uma licença maternidade e os filhos se dedicarem aos seus estudos ou mães que precisam deixar seus filhos sozinhos em casa ou sendo amparados pelos irmãos mais velhos, pois necessita acumular dois empregos para manter a família.

Ainda com relação a pobreza, Sarti (1994) discorre que esta foi mais trabalhada pela ciência do que a pessoa pobre de fato, e realiza a crítica de um apagamento dos sujeitos nesse caso. Entretanto, Marques (2007) irá realizar a crítica de haver muitas vertentes nos estudos pautadas principalmente nos aspectos individuais da pobreza urbana e a dimensão social é deixada a parte. Há ainda o desenvolvimento de novas apreensões acerca da pobreza, que desde a virada do século passou a não ser considerada mais uma responsabilidade do indivíduo, houve assim uma abertura para

a compreensão dos fatores externos envolvidos com o problema. Além disso, foi sendo substituída aos poucos uma ideia mais forte de marginalização dos pobres considerados também como desocupados para serem vistos como trabalhadores. (VALLADARES, 1991)

No entendimento das circunstâncias acerca da pobreza, Marques (2007) discorre que às redes sociais têm sido utilizadas para este fim e que os conhecimentos sobre como elas funcionam ainda são pequenos. Segundo este autor as redes entre as pessoas em situação de pobreza são mais diversas, menores e possuem um caráter local em detrimento das redes de classe média. Além disso, de acordo com o autor alguns tipos de redes possuem ligação com condições de vida mais satisfatórias nos âmbitos econômicos e de empregabilidade da população pobre.

Como estamos tratando de um trabalho com a população de baixa renda, um dos fatores considerados necessários de atenção ao ser trabalhado em uma pesquisa como essa é o aspecto de colonial. A antropóloga indiana Veena Das (2008), é uma das autoras de coloniais que nos faz um convite a repensar a visão europeia como central ao falar de outras sociedades e de trazer a experiência da camada pobre da população para a teoria social. Nesse sentido, González (2020), também contribui a este aspecto ao discorrer acerca do eurocentrismo da ciência, de como ela se constituiu branca, pois, o poder econômico, a fonte de financiamento inicialmente branca e europeia, ditou e normatizou os métodos e teorias que seriam validados e os conhecimentos que seriam pertinentes sem levar em consideração outros povos e perspectivas de pensamento. Desta forma, os saberes dos povos colonizados não foram legitimados ou valorizados. E assim, se constitui como mais uma das formas de exclusão.

Além da questão da pobreza, o cotidiano é um dos aspectos tratados na pesquisa, Weber contribui a este ponto ao considerar que ao tratarmos de fenômenos, a investigação não se restringe a questões consideradas culturalmente de ordem econômica somente, como bancos e a bolsa de valores, como ele exemplifica, mas também a religião que pode possuir essa ligação econômica indiretamente. Ele denomina este aspecto como “a ciência econômico-social”. Assim, tudo da vida cotidiana possui relações em última instância com interesses econômicos devido a uma pressão material a que os acontecimentos estão impostos. (WEBER, 2003, p. 79-81)

No que tange a um outro aspecto central da pesquisa, o cuidado, Foucault (2004,

p. 04) discorre acerca do “cuidado de si mesmo” em que ele tenta desvelar uma compreensão de origem grega que se trata do “fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo”. Há uma dimensão com o outro também e uma ética política nesta noção de Foucault.

Para Jenson (1997, p.182) o cuidado possui relação direta com o bem estar na contemporaneidade. Considera ainda que a preocupação com o tema deve ser de todos e não somente das pessoas afinadas com as problemáticas de gênero, para que com isso as reflexões sobre o cuidado e o bem-estar sejam levadas ao patamar de responsabilidade que necessitam. A autora afirma o dever de elaborarmos tipologias nas análises que considerem “os elementos mais importantes dos regimes de bem-estar.” Além de ressaltar que devido a termos passado por um momento de uma “reestruturação dos sistemas de bem-estar”, ocorre de surgirem novas ações de cuidado no âmbito prático que interferem no “gênero, nas relações sexuais e na igualdade das mulheres.”

Sandra Laugier (2011, p.185) discorre ainda acerca do caráter político do cuidado quando afirma que se trata de um “conceito político crítico”, pois demonstra relações de poder que não serão agradáveis a todos, ou seja, desvela problemáticas. Acrescenta que esta reivindicação não é somente para a mulher, mas sim a todos os grupos sociais desmerecidos e prejudicados como os étnico-raciais por exemplo.

Essas vozes não são apenas as das mulheres – não há necessidade de essencialismo – mas de todas as categorias sociais desfavorecidas, etnizadas e racializadas. São as vozes de todas as pessoas que realizam a maior parte do trabalho de assistência na esfera doméstica e nas instituições de assistência, ou seja, aquelas que praticamente cuidam das necessidades de outras pessoas que não elas próprias, quer sejam oficialmente dependentes ou não. Todas estas pessoas que realizam um trabalho tão essencial e vital são mal pagas, mal consideradas, as suas necessidades são ignoradas, os seus conhecimentos e saberes são menosprezados e negados. O cuidado é, portanto, um conceito político crítico, que revela posições de poder e incomoda. Levanta ainda, uma dificuldade, que é a do verdadeiro sentido da moral, da política e da sua neutralidade. (LAUGIER, 2011, p. 185, tradução nossa).⁵

⁵ No original: “Ces voix ne sont pas seulement celles des femmes –pas besoin d’essentialisme – mais de toutes les catégories sociales désavantagées, ethnicisées, racialisées. Ce sont les voix de toutes les personnes qui réalisent majoritairement le travail de care dans la sphère domestique et dans les institutions de soin, c’est-à-dire de celles qui s’occupent pratiquement des besoins d’autres qu’ellesmêmes, officiellement dépendants ou non. Toutes ces personnes qui réalisent un travail indispensable et vital sont mal payées, mal considérées, leurs besoins ignorés, leurs savoirs et savoir-faire rabaissés et déniés. Le care est alors un concept politique critique, qui révèle des positions de pouvoir, et agace. Il soulève une difficulté, qui est celle du sens véritable de la morale et de la politique, et de leur neutralité.”

Deste modo, a justificativa social para a realização desta pesquisa deve-se à necessidade de apoiar a construção de uma sociedade justa e igualitária, portanto, a preocupação da pesquisa quanto aos temas envolvidos de gênero, raça e classe. O enfoque é dado às mulheres/mães pois são responsabilizadas culturalmente pelo cuidado de toda a família, por homens, crianças e idosos. Fator que aumenta ainda mais a jornada e sobrecarga dessas mulheres e evidencia a opressão vinda de mais de um lugar. (MORENO, 2019; ITABORAÍ, 2016)

Também é necessária para contribuir na ampliação da discussão de gênero dentro e fora do ambiente universitário, em debates, conversas, eventos, congressos, dentre outros. De forma a contribuir também com a visão e os estudos de outros pesquisadores para com a problemática da desigualdade de gênero. Além disso, a pesquisa irá colaborar com dados para o avanço de investigações acerca do tema.

Outro motivo para a realização desta pesquisa, diz respeito a seguinte situação: as mulheres mães, assim como diversos moradores deste conjunto habitacional passaram por um processo de remoção de local e por este motivo poderiam ter perdido vínculos e relações importantes com os vizinhos ou familiares que moravam no território anterior e que possivelmente, constituíam uma rede de apoio a essas mulheres e a seus filhos. (FERREIRA, 2019). Além disso, Fernandes (2020, p. 21), identifica que é importante questionar quais as “condições concretas” pelas quais é possível este cuidado materno ocorrer.

Portanto, focalizamos o sofrimento social presente na experiência cotidiana de mães e suas práticas de auto cuidados em um salão de beleza no conjunto de habitação de interesse social Morar Feliz da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro.

Busquei conhecer os principais desafios cotidianos enfrentados por essas mulheres mães; compreender as relações estabelecidas com o território, vizinhos, família, com os moradores do bairro e do conjunto habitacional; conhecer as práticas de autocuidado destas mulheres; conhecer as estratégias e práticas de cuidado das mulheres na criação dos filhos; identificar e compreender os sofrimentos sociais objetivos que atingem essas mulheres mães; identificar quais são e como se configuram as redes sociais das mães; identificar e compreender como se conectam as redes de cuidado formais e informais; analisar as possibilidades (forças) e limites

(fragilidades) dessas redes, considerando valores sociais e orientações educacionais reproduzidos nas práticas de cuidado, diante dos recursos humanos e materiais disponíveis e conhecer as chances de adensamento da comunicação dessas redes com as instituições públicas e privadas de outros espaços na cidade.

Sobre a metodologia escolhida, foi utilizada a observação etnográfica e três entrevistas semiestruturadas com mulheres mães que mais frequentam o salão onde utilizei a técnica de relatos de vida, além de conversas informais com outras mulheres mães frequentadoras. A discussão acerca da metodologia encontra-se a seguir no capítulo 1.

Dentro de sua delimitação, é recortada a temporalidade da pesquisa no local do salão de beleza de maio de 2022 a abril de 2023, aproximadamente 1 ano com frequências semanais no local nos dias da semana de terça a sábado, com ênfase nos dias de maior movimentação de mulheres que foram os dias de sexta e sábado, em horários distintos (manhã, tarde e noite). Além das observações do bairro, onde localiza-se o salão e onde transitam estas mulheres com as observações da pesquisadora no cotidiano do território pesquisado desde que foi residir no local em 2004. Assim, há 19 anos acompanhamento de perto, há 3 ruas do conjunto habitacional e do salão pesquisado, as modificações no local e o cotidiano do grupo pesquisado, seja no salão de beleza, nos comércios, nas ruas, nos pontos de ônibus ou no transporte público.

Trata-se, portanto, de um estudo de caso com o objetivo de apreender o máximo de conhecimento na investigação exaustiva do caso de uma comunidade, com isto, este instrumento se tornou um dos principais métodos das ciências sociais. (BECKER, 1993) É utilizada a etnografia, pois se trata de uma técnica que possibilita um aprofundamento do estudo e privilegia a relação da pesquisadora com o campo em todo o processo de pesquisa no que tange a observação até a interpretação dos dados. (HINE, 2020)

Os passos da pesquisa etnográfica foram seguidos como: o estranhamento, por exemplo, que ocorre no encontro com o campo e abre as questões e suas ramificações, além de possibilitar uma compreensão do todo; a esquematização necessária para que a pesquisadora em questão possa unir elementos coletados como os censitários (idade, profissão, demais características) e visualizar os dados para conseguir uma nitidez e amplitude em sua visão e compreensão destes; após este dois temos a parte da desconstrução, onde é necessário rever construções já

estabelecidas e enraizadas em nós através do senso comum. Também contribui nesta fase se aprofundar na “história social” segundo a autora, para que nos apropriemos deste conteúdo e possamos desfazer ideias que consideramos verdades concretas por diversos motivos. (FONSECA, 1999, p. 69) Além dos registros em diários de campo com datas e horários, o que possibilitou o acompanhamento dos acontecimentos cotidianos e a recorrência destes.

Os instrumentos citados acima permitem compreender as relações sociais em que as pessoas se encontram inseridas, além do pesquisador poder ter uma interação maior com as pessoas e acessar informações que não seriam ditas em uma entrevista entre duas pessoas sozinhas, em que muito do que é dito é para responder a ideais do que seria uma resposta considerada adequada pelo informante por exemplo. (FONSECA, 1999) Além desta metodologia privilegiar também o acesso ao que ocorre no cotidiano, proposta esta da pesquisa.

Deste modo, observou-se necessário buscar as compreensões propostas, para que, absorvidos os conhecimentos fornecidos pela pesquisa, possa se contribuir para a reflexão e construção de medidas e políticas que se atentem para um cuidado igualitário e eficaz na garantia da dignidade humana para as mulheres-mães, público-alvo deste projeto de pesquisa.

1.1 A etnografia

A etnografia é além de uma técnica em que há a observação, ela possui também seu papel na interpretação de um fenômeno. Essa ferramenta possibilita ainda, um esforço de olhar de dentro de uma perspectiva que se pretende conhecer, ao privilegiar a relação da pesquisadora com o campo em todo o processo de pesquisa no que tange a observação até a interpretação dos dados. Nesse sentido, há a participação desta em atividades comuns das pessoas que vivenciam aquela realidade, ocorre, portanto, uma vivência mais intensa no local de pesquisa. Uma característica considerada essencial é a presença corporificada da pesquisadora no campo de pesquisa. Deste modo, busca-se relatos mais aprofundados com esta metodologia. (HINE, 2020)

Deste modo, a etnografia é uma proposta interessante para a metodologia desta pesquisa em questão por diversos motivos, primeiro, pelo foco deste estudo estar nesse cotidiano de cuidado dessas mulheres. Porque utilizo também a autora Venna Das (2020) que trata da violência no cotidiano. Segundo, porque as mulheres da pesquisa são mães em sua maioria negras, e possuem, portanto, experiências e

considerações que a pesquisadora em questão não possui proximidade, pois não é mãe e não vive no conjunto habitacional que possui um estigma diferente do que o bairro possui. (FERREIRA, 2019) Com relação a este estigma citado de quem reside em conjuntos habitacionais, o assunto foi tema de uma conversa entre os moradores dentro de uma van que percorria o bairro em um momento que estava presente onde uma mulher disse: “não tenho vergonha de dizer que moro nas casinhas”.

Deste modo, como Hine (2020) salienta, a etnografia trata os participantes em sua complexidade que não será totalmente descoberta, abarca deste modo, as limitações da pesquisadora em questão de não possuir as vivências próprias do grupo pesquisado que são desafios do processo de pesquisa, além desta metodologia permitir que apareça na escrita as dúvidas que surgiram e a discussão sobre elas, tendo em vista as implicações, dificuldades e até mesmo frustrações que permeiam a subjetividade da pesquisadora por exemplo.

O modo de escrita na etnografia possui características distintas, ele contém os atravessamentos e colocações acerca de vivências diárias no campo de pesquisa, e é de acordo com Hine (2020) típico da etnografia, pois ela não exige do etnógrafo uma postura de suposta neutralidade. É permitido assim, que sejam colocadas as suas singularidades que um outro profissional não teria de igual modo ou não faria da mesma forma.

Outro ponto, é o sentido de coprodução dos resultados da pesquisa como nos mostra Hine (2020), em que o pesquisador não é considerado como alguém com um conhecimento que irá olhar a realidade e ser capaz de trazer explicações ou como se fosse ver tudo que estivesse oculto aos demais olhares, mas sim no sentido de consultar e estar ao lado dos participantes e nesta interação obter o conhecimento. Ainda segundo a autora, os nativos do local não são pessoas irreflexivas e alheias às problemáticas, muito pelo contrário, possuem muitas informações e produzem soluções para as questões que aparecem.

Geertz (1989a) é outro autor que trata da etnografia e traz contribuições fundamentais para a discussão desta pesquisa como a distinção do que para ele é a cultura. Diz respeito portanto, ao que é transmitido com as ações realizadas, como por exemplo um gesto conhecido por todos, pois, as pessoas conhecem seu significado e já se encontram estabelecidas socialmente estas práticas, entretanto, não deve ser confundido segundo o autor com um conjunto de comportamentos padrões que as pessoas possuem em uma localidade, ou seja, não se trata apenas de

comportamentos repetidos, há uma compreensão simbólica comum dos envolvidos daquele local.

Em Geertz (1989b) observa-se também que é possível com esta ferramenta relacionar aspectos econômicos de uma localidade com suas dimensões culturais por exemplo como na briga de galo dos Balineses comentada pelo autor em que foi observado que aquele evento fazia uma circulação de dinheiro ser realizada no local, em seus termos: “o dinheiro saía das casas”.

Ainda Geertz (1989a) utiliza Wittgenstein para discorrer acerca da ideia de sermos uma incógnita total para outro ser humano e vice-versa. Além de não conseguirmos nos situar rapidamente em países onde chegamos. Deste modo, observamos também nos modos de tratamento diversos entre famílias, o que é hábito em uma casa, não é em outra. E é frequentemente neste momento em que um membro que chega de fora deste ambiente já organizado sente um estranhamento por estar habituado a outros modos de se relacionar.

Com relação a essa sensação de estranhar o campo aqui mencionado, é necessário dizer que apesar de morar a tantos anos neste bairro e conviver com os moradores de dentro e de fora do conjunto habitacional, o estranhamento sempre esteve presente, principalmente na convivência mais próxima dentro do transporte público e no salão de beleza, pois, era possibilitado nestes momentos, escutar de perto acerca das opiniões, dos modos de vida e sobre as queixas das pessoas, assim, algumas se assemelhavam as minhas e outras não, principalmente com relação a modos de se relacionar e a moralidade religiosa.

No ônibus, a gritaria dos adultos com as crianças e das próprias era algo que me chamava a atenção, por observar que aqueles fatos não ocorriam em ônibus que passavam por bairros habitados pela elite ou de classes média, pois nestes espaços é frequente crianças serem transportadas de carro e assim acabam por não utilizar os transportes públicos como as crianças das famílias pobres que precisam conviver diariamente com a superlotação deste espaço. (QUINTÁNS PINTOS, 2019)

Aspecto este que me remete novamente ao estudo de Fernandes (2020) e a irritabilidade das mães em situações estressoras, pois muitas crianças ao acabarem por contribuir significativamente para a lotação em um transporte coletivo e a agitação delas juntas a gritar, fazia com que as mulheres e mães presentes reclamassem, gritassem também e demonstrassem estresse, inclusive em momentos em que o motorista não parava o ônibus para “pegar” algumas crianças, foram estas

observações realizadas no território.

Estranhamentos também com relação às igrejas neopentecostais presentes no território e com os discursos religiosos estiveram presentes para mim e se constituíram enquanto limites na minha compreensão, foram necessários esforços junto à comunidade local, na literatura e reflexivos para acessar estes conhecimentos. A etnografia contribui para esta aprendizagem e com a aproximação de um meio e de seus aspectos que não são conhecidos pela pesquisadora e possibilita ainda que ela verifique se os entendimentos estão sendo apreendidos de modo fidedigno com as pessoas locais. (HINE, 2020)

Outro autor que trouxe contribuições para refletir acerca da aplicação de teorias nos mais diversos estudos é Latour (2012), que traz um diálogo de aluno e professor, onde o aluno procura este professor para perguntar acerca da aplicação de uma teoria ao seu estudo, e ele responde que ela pode ser sim ser utilizada, porém, depende do objetivo que se pretende. Portanto, não é para ser utilizada em qualquer caso e para qualquer coisa.

Latour (2012) contribui assim, na escolha de teorias e metodologias a serem utilizadas, porque ao olharmos talvez rapidamente ou de maneira desatenta, alguns estudos podem parecer semelhantes em seu modo de execução, no entanto, possuem muitas diferenças conceituais e de elementos que estão em jogo a depender dos temas e assuntos. Ocorreu-me uma situação semelhante com envolvimento também de uma professora, onde questionei se poderia utilizar um método de análise específico e ela me respondeu que iria depender do que eu queria analisar naquele caso, enfim dos objetivos. Essas situações versam para uma atenção às especificidades que compõem cada estudo.

Latour (2012), trabalha ainda com a ideia do informante ter algum espaço para se expressar e realizar suas considerações, pois a teoria do ator rede discutida por ele neste texto traz quase como uma dica para o aluno na hora de ouvir os informantes da pesquisa no momento em que eles misturarem assuntos diferentes como psicologia e política por exemplo. A sugestão é a de não separar esses elementos como se só pudessem serem analisadas a parte e sim observar as conexões que as pessoas fazem entre elas, observação esta que possui uma forte ligação com a rede e com a ideia de estar conectado e de influências mutuas, tendo em vista que uma rede é feita de ligações.

Considera-se, portanto, que os autores citados trazem contribuições e reflexões

que enriquecem as discussões teórico-metodológicas essenciais para uma adequação mais precisa de toda a pesquisa a seu objeto de estudo e a postura da pesquisadora tanto no campo como na escrita e na condução de todo o trabalho.

1.2 Os capítulos da dissertação

A dissertação encontra-se organizada em quatro capítulos. No primeiro introduzo a pesquisa ao trazer em qual problemática ela se encontra inserida, a justificativa, uma breve apresentação dos principais conceitos trabalhados que são: o sofrimento social, o cuidado, o cotidiano e as redes sociais. Apresento também os objetivos gerais e específicos, a metodologia utilizada e o embasamento do método etnográfico.

No segundo capítulo, apresento e descrevo o local da pesquisa, o bairro, o conjunto habitacional com mapas e imagens. Discorro ainda acerca das características do Programa Morar Feliz na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ. Descrevo e apresento quem são essas mulheres mães, o cotidiano de cuidado delas, os desafios e a criação dos filhos, analiso suas profissões, além de uma análise e discussão acerca das identidades delas. O objetivo é conhecer estas mulheres mães que frequentam o salão, seus principais desafios cotidianos, estratégias e práticas de cuidado na criação dos filhos e de autocuidado.

Ainda no segundo capítulo, trago uma aproximação ao debate acerca das políticas de cuidado e gênero com objetivo de compreender a problemática em que se encontram inseridas estas mulheres mães. Descrevo também conflitos e preconceitos para com os moradores do conjunto habitacional e a relação com os demais moradores do território, incluindo a solidariedade em casos de alagamentos, e a presença de sofrimento social relacionado as dificuldades financeiras, a falta de infraestrutura no local como a falta de pavimentação, de iluminação pública, e a ausência de transporte público abrangente que observou-se contribuir para o aumento de situações de risco da ocorrência de violências sexuais como foi trabalhado no capítulo. O objetivo foi identificar e compreender os sofrimentos sociais objetivos que atingem essas mulheres mães.

Apresento ainda compreensões e interpretações fundamentadas sobre como as mulheres mães tornam seu mundo habitável após o sofrimento social, pois observou-se o salão de beleza enquanto um espaço de trocas de informações e apoio mútuo entre as mulheres, onde elas adquirem novos saberes.

No capítulo três descrevo o salão, suas atividades e procedimentos oferecidos,

descrevo e analiso pontos da vida de três mulheres mães que estão entre as que mais frequentam o salão, através das quais foi possível compreender mais acerca de suas rotinas, da composição familiar, sobre a relevância da ida ao salão em suas vidas e com relação ao bem-estar, os desafios cotidianos enfrentados, os valores delas, dentre outras questões. Nestas análises, a dimensão religiosa surgiu e foi abordada.

No capítulo quatro destaco e analiso as redes de cuidado formais e informais, sociais de apoio dessas mulheres, que lhes permitem cuidar de si mesmas por um período de tempo. Também abordo a questão dos relacionamentos com homens que surgiram no campo, além da relação com o território e as descrições e análises como os referentes às fofocas como momentos de descontração. Analisei a falta de apoio entre as mulheres mães em relação aos vizinhos. Notei a presença feminina como principal apoio, além de abordar questões de horário e possibilidades e limites na creche e na escola.

Observei ainda a possibilidade de obter apoio para um projeto de esporte na localidade através de iniciativas privadas onde o objetivo foi o de analisar as possibilidades (forças) e limites (fragilidades) dessas redes. Também destaquei a importância das redes de apoio masculinas na função paterna e a pesquisa revelou a necessidade de investigar a causalidade entre as fragilidades das redes formais e informais e a diminuição de renda das mulheres que são mães. Apresentei e descrevi por fim, a comunicação da Igreja com a Faculdade de Medicina de Campos, universidade privada.

Em síntese, observei que o salão de beleza se constitui como uma das formas de tornar a vida destas mulheres mães habitáveis (DAS, 2020) onde costuma ser um dos poucos momentos para o autocuidado e um espaço propício para a troca de conhecimentos e informações úteis para o cotidiano delas de cuidado de si e dos filhos.

2. “NÃO, EU MORO NA FAVELA, NÃO GOSTO DO NOVO JOCKEY NÃO.”⁶ O LOCAL: CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR MORAR FELIZ NO BAIRRO NOVO JOCKEY.

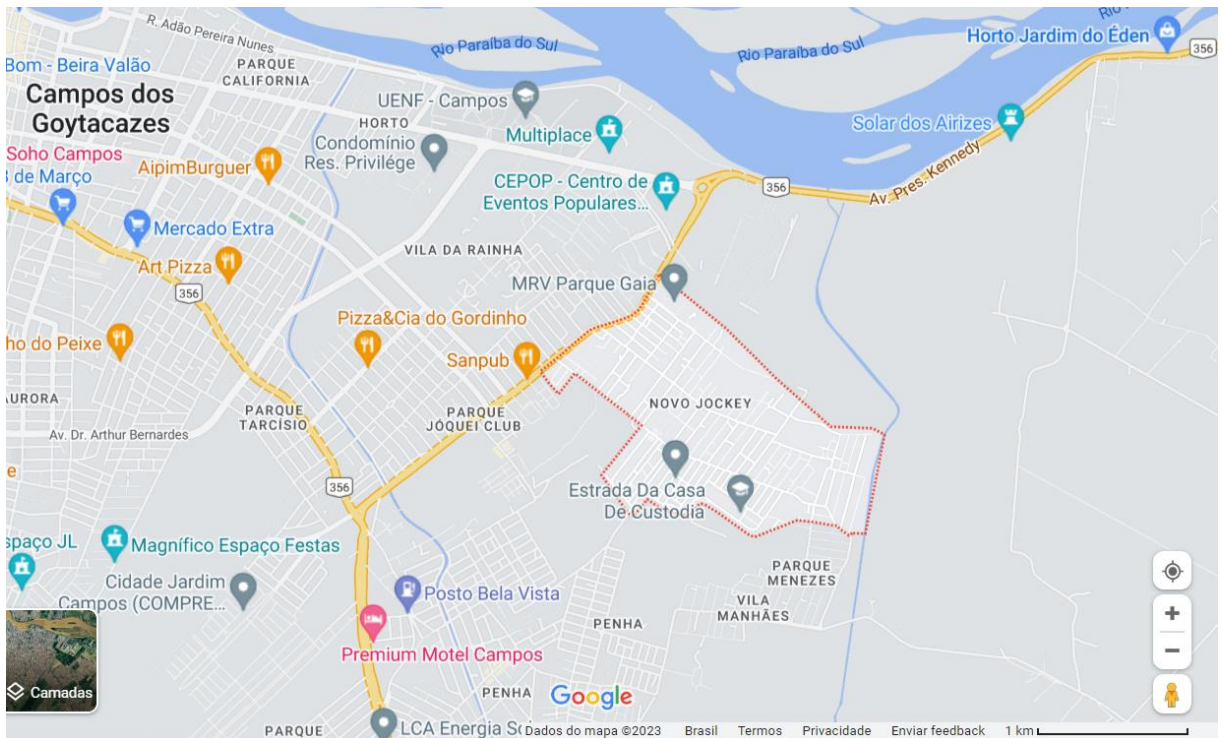
Inspirada nos ensinamentos de Pereira (2014), para a estruturação deste capítulo, apresento uma tentativa de descrição densa do local pesquisado, esta fundamentada por Geertz (1989a, p.20) que afirma: “a etnografia é uma descrição densa”. Nesse instrumento há essa observação minuciosa da vida em movimento no transcorrer de dias como podemos visualizar também no contexto da Briga de Galos Balinesa em Geertz (1989b). Apresento ainda uma breve contextualização do Programa Morar Feliz na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ.

Deste modo, o território é trabalhado dada a sua relevância ao acesso da população pobre a possibilidades no espaço urbano como pontua Marques (2010, p.27), ao considerar esta ação uma “inserção econômica e social para estes indivíduos”. Pois, para o autor, acessar instrumentos é viabilizado, entre outros meios, por meio de uma localização no espaço urbano e com as redes sociais em que as pessoas fazem parte. Deste modo, as formas em que a diversidade da pobreza é distribuída na cidade, dificultarão os indivíduos de conseguirem alcançar diversos aspectos como financeiros, bens, empregos, oportunidades de estudo e informações, ou a chegar a atendimentos por exemplo necessários para gerir suas vidas. Nesse sentido, a concentração da pobreza em determinados espaços é objeto dos estudos sociológicos para analisar a pobreza urbana. (MARQUES, 2007)

No mapa abaixo podemos visualizar a localização e a dimensão do bairro dentro da cidade. Em seguida apresenta-se uma imagem para mostrar a entrada principal do bairro com o objetivo de possibilitar a percepção da disposição das ruas e capturar características do território:

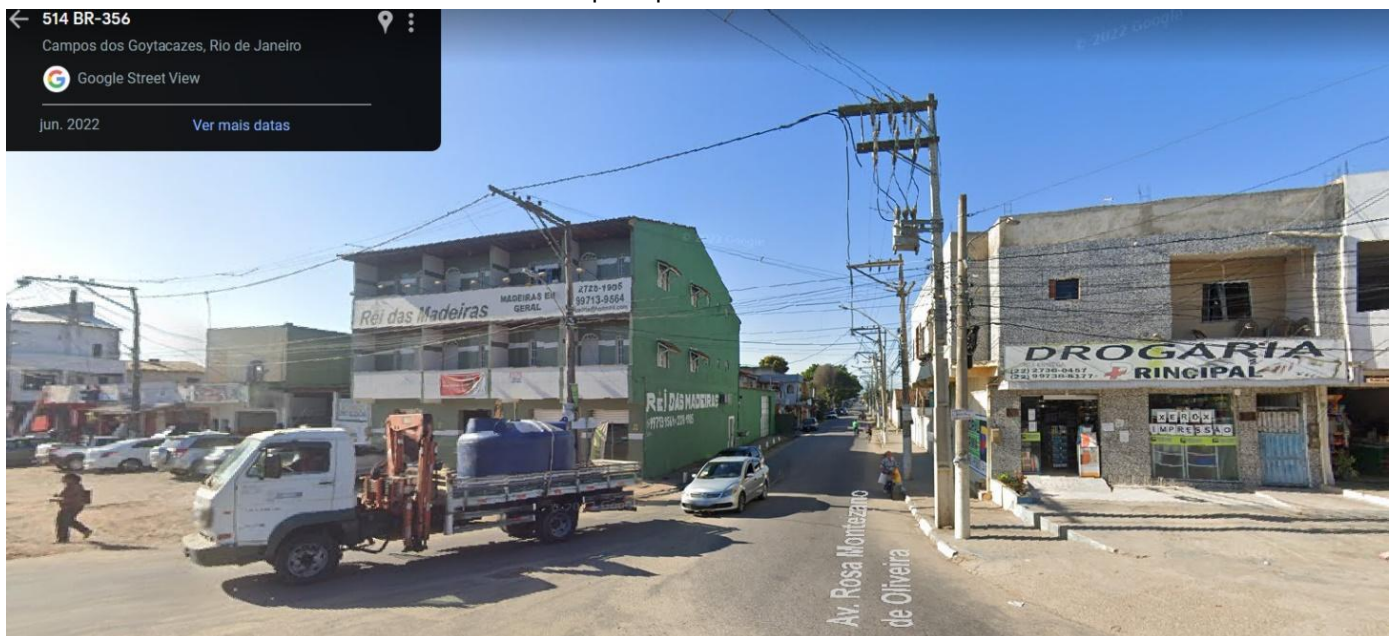
⁶ Frase proferida por Nakia, 24 anos, em conversa informal, acerca de seu lugar de moradia. Informação obtida em novembro de 2022.

Figura 1 - mapa do bairro Novo Jockey



Localização do bairro Novo Jockey em pontilhados vermelhos. Elaboração própria, através do Google Earth, 2023.

Figura 2 - Entrada do Bairro Novo Jockey e início da Avenida Rosa Montezano de Oliveira, a principal do bairro



Fonte: Street View, Google Maps, 2022.

Bairro Novo Jockey, situado em Campos dos Goytacazes, Norte do Estado do Rio de Janeiro. Uma cidade planície em que do mesmo modo se caracteriza o bairro em

questão, de clima seco e quente na maior parte do tempo, a sensação é desértica, o conjunto habitacional não é arborizado. No campo, foi perguntado por uma cliente à cabeleireira do salão em questão se ela morava nesse bairro, no que ela respondeu: “Não, eu moro na favela, não gosto do Novo Jockey não.” Não se trata, portanto, de uma favela densa como observamos na região urbana da cidade do Rio de Janeiro como trabalhou Oosterbaan (2009). Trata-se de uma área periférica em que a presença do conjunto habitacional se constitui como um marcador local da presença de grupos armados organizados para a venda de drogas ilícitas. (FERREIRA, 2019)

Costuma-se entrar pela avenida Rosa Montesano, que é a principal de acesso ao bairro e se encontra com um fluxo de movimento considerável na parte do dia, com maioria de bicicletas e motos a transitar. Nesta avenida não é comum ver crianças sozinhas pequenas, por algumas vezes ocorre, entretanto, elas são vistas frequentemente nas ruas de suas casas. Visitantes que vêm de outros estados estranham as pessoas, em sua maioria, por transitarem de motocicleta sem capacete, apesar de este ser para mim um *ambiente familiar* Velho (1981), também me causa estranheza este comportamento sempre que vejo. Os veículos estão a correr. Nas calçadas, as pessoas, tanto homens como mulheres costumam estar sentados em cadeiras a observar a rua e os transeuntes. O cheiro de bebida ao andar pela calçada é percebido em dias de sábado, pois, as festividades do final de semana no local começam às sextas-feiras a noite.

Ao chegar próximo ao salão, percebe-se outros dois salões pequenos semelhantes ao salão aqui trabalhado localizados a alguns metros um do outro. Há ainda duas barbearias nas proximidades, uma delas a caminho do salão, trânsito por ela com frequência a muitos anos, em dias diferentes e nunca a vi cheia como nos salões de cabeleireiro onde a predominância é feminina.

Na avenida principal do bairro, a duas ruas do conjunto habitacional e próximo ao salão, há uma farmácia, a única com caixa eletrônico 24 horas que frequentemente forma uma fila para a calçada. É uma das farmácias mais utilizadas do local e todas e todos conhecem o dono. Sempre a frequento também assim como todos os moradores e em um dos momentos em que estava no estabelecimento presenciei uma mulher negra mãe perguntar ao atendente se o preço do leite “subiria” e ele disse que sim. Ela demonstrava possuir uma relação amigável com o atendente e comentou com ele que os filhos estão deixando a fralda e reclamou em tom de brincadeira do preço do leite. Esta é apenas uma das diversas cenas de preocupação das mulheres

mães com a questão financeira que foram observadas neste território.

Para chegar ao conjunto habitacional é necessário sair da Avenida Presidente Kennedy que divide os bairros: Jockey e Novo Jockey, pois cada um destes bairros localiza-se de um lado desta avenida. Assim, ao sair da Avenida Presidente Kennedy deve-se prosseguir em direção à Avenida Roza Montezzano, a “rua principal” do bairro Novo Jockey como descreveu também Ferreira (2019, p. 96) onde acrescenta ser esta “uma das ruas mais antigas do bairro”. Há ainda outra rua paralela à avenida principal, a rua Manoel Viana Abreu que é comumente utilizada por carros e motos para adentrarem ao bairro e também chegar ao conjunto depois de passar por mais algumas ruas. Na entrada desta avenida paralela há símbolos da facção (que controla o território) escritos em um muro da rua e nos postes da mesma. Na avenida principal de acesso estes símbolos não estão presentes e esta é a avenida em que as forças policiais utilizam com frequência para adentrar no bairro.

A ida ao conjunto habitacional utilizando o transporte coletivo municipal, até o ano de 2022, era possível somente através do ônibus da linha Novo Jockey – Centro, entretanto, no ano de 2023 foi adicionada uma outra linha que se encontra em funcionamento: a linha Penha - Novo Jockey - Centro, que percorre também o bairro vizinho.

No início do conjunto habitacional, nos locais onde foram construídas as casas, há a presença de diversos comércios, em sua maioria pequenos. Assim, notei duas barbearias, lojas de roupas e de materiais para celulares onde funcionam também serviços de xerox e uma açaiteria,⁷ onde há cerca de 8 anos atrás, a açaiteria neste mesmo local era composta apenas por um trailer e então transformou-se em uma loja com freezers onde também se comercializa picolés. Há ainda, duas lanchonetes com ofertas de salgados a preços populares, (umas delas inclusive com movimentação frequente de clientes) e relatos de elogios dos moradores com relação aos salgados desta. Nota-se também mercearias que vendem desde produtos de limpeza à hortaliças. Observei ainda os materiais de construção que existem em quantidade significativa e este tipo de estabelecimento aumentou com o passar dos anos devido a este ser um bairro em processo de expansão imobiliária, com a existência de diversos terrenos tomados pela mata.

Ao chegar no conjunto habitacional encontra-se uma placa de boas-vindas,

⁷ Os estabelecimentos que vendem açaí costumam ser frequentes nos bairros da cidade de Campos dos Goytacazes.

colocada inicialmente pela prefeitura e que fora modificada algumas vezes. Ela possui na parte de cima os dizeres da placa original: “Morar Feliz” e uma ilustração de dois telhados de casas com uma expressão de felicidade, já no restante da placa foram realizadas modificações dos moradores onde lê-se: “Casinhas Bem-vindo ao NJK” onde a sigla NJK significa Novo Jockey, o nome do bairro. Como pode-se notar na imagem abaixo.

Também se observa o bazar solidário (imagem abaixo) que se localizava no quintal de uma das casas do conjunto habitacional, porém, ele encerrou suas atividades no ano de 2022, e no ano de 2023 a casa se encontrava vazia e disponível para aluguel de acordo com moradores próximos.

Figura 3 – Início do Conjunto Habitacional Morar Feliz.



Fonte: Street View, Google Maps, 2023.

A primeira moradora do conjunto habitacional que conheci foi no período de agosto de 2018 a julho de 2019, neste período de um ano, realizei um estágio em uma RT (Residência terapêutica) para pessoas em sofrimento psíquico grave, onde uma mulher mãe era cuidadora, a Samara (nome fictício). Descobrimos em conversa que morávamos próximas, ela no conjunto habitacional a 3 ruas da minha casa. Samara já havia trabalhado com crianças e a prefeitura da época aproveitou um processo seletivo que havia sido realizado para a educação e deste modo trabalhamos juntas. Saíamos com a moradora da residência terapêutica para auxiliá-la a comprar suas coisas, realizar os acompanhamentos semanais e os passeios. Quando nos conhecemos, nosso diálogo foi o seguinte: Ela me perguntou: “Onde você mora? Eu: No Novo Jockey, ela então questiona: Em que lugar lá? Eu: A três ruas das “casinhas”.⁸ Ela: Eu moro nas casinhas! Mas nunca tive problemas nenhum morando

⁸ “Casinhas” é uma denominação popularmente conhecida pela população da cidade, para se referir

lá”, e completou com a afirmação de que o filho adolescente não sai de casa e que agradece muito por ter um filho que “não lhe dá trabalho” em suas palavras. Considerei instigante ela rapidamente caracterizar seu local de moradia, porém logo em seguida me recordei da questão do estigma que os moradores do conjunto habitacional sofrem. (VIANA, 2018; FERREIRA, 2019)

Apesar de haver este estigma, no conjunto habitacional não se observa ninguém a portar armas de fogo nas ruas, elas não são visíveis, a não ser as armas da polícia que passa com fuzis apontados para fora de alguns de seus carros. O que se vê em quantidade nas ruas são pinos pequenos de plástico vazios onde guarda-se drogas para a venda espalhados pelo chão e homens. Ao adentrar o conjunto habitacional, pode-se visualizar algumas casas com os muros cobertos de pinturas coloridas com um acabamento profissional. Dentre diversas imagens e frases, destaca-se um leão pintado, uma descrição que dizia: “Jesus é o dono do lugar” e uma bandeira de Israel com os seguintes dizeres bíblicos: “O senhor é meu pastor e nada me faltará. Pereira (2021) sinaliza que tais símbolos se referem a facções de drogas que realizam as gestões dos territórios pela cidade. Podemos visualizar um destes na imagem abaixo:

aos conjuntos habitacionais. Alguns chamavam de “casinhas da rosinha” em alusão a prefeita em gestão na construção. (FERREIRA, 2019) O termo “casinhas” é utilizado frequentemente como ponto de referência de motoristas de aplicativos para se localizar dentro do bairro.

Figura 4 – Muro de uma das casas do Conjunto



Fonte: Autoria Própria

Muro de uma das casas do conjunto habitacional Morar Feliz, com a pintura de uma bandeira de Israel com os seguintes dizeres bíblicos: "O senhor é meu pastor e nada me faltará. Fonte: arquivo da pesquisa: "Ações pentecostais nos conjuntos habitacionais das periferias de Campos dos Goytacazes-RJ: sociabilidades religiosas nos espaços de moradias" Mesquita, 2023. Data da foto: março de 2023.

Há diversas igrejas evangélicas no local, algumas na avenida principal, outras nas ruas do bairro e do conjunto. Ferreira (2019, p. 118) localizou oito igrejas evangélicas pentecostais localizadas no conjunto habitacional intituladas: Deus É Amor e Assembleia de Deus. Segundo este autor: "os cultos ocorrem em diversos horários do dia e da noite durante toda a semana." Podemos observar onde estão situadas ao observar o mapa abaixo e as fachadas de algumas nas imagens que seguem após:

Figura 5 – Igrejas Pentecostais e Neopentecostais



Fonte: Google Earth, 2019 apud Ferreira (2019, p.118)

Figura 6 - Fachada de uma Igreja localizada na Avenida Rosa Montesano



Fonte: arquivo da pesquisa intitulada "Ações pentecostais nos conjuntos habitacionais das periferias de Campos dos Goytacazes-RJ: sociabilidades religiosas nos espaços de moradias" Mesquita, 2023.
Foto: Réia Sílvia Gonçalves Pereira. Data: março de 2023

Figura 7 - Fachada de Igrejas evangélicas localizadas dentro do conjunto habitacional Morar Feliz do Novo Jockey



Fonte: Elaboração a partir do arquivo da pesquisa intitulada “Ações pentecostais nos conjuntos habitacionais das periferias de Campos dos Goytacazes-RJ: sociabilidades religiosas nos espaços de moradias” Mesquita, 2023. Fotos: Wania Mesquita - Data da foto: março de 2023.

O início do trabalho de campo

Em uma das primeiras tentativas de realizar uma entrevista antes da redefinição da pergunta de pesquisa, consegui o contato de uma moradora do conjunto habitacional com uma antiga colega de trabalho. Por isso, no dia marcado para a entrevista, andei até o final do conjunto habitacional, pois a numeração da casa da Deise (nome fictício), possui uma numeração alta e só tinha visto numeração baixa

até então, percebo que cheguei muito rápido, em 10 minutos mesmo andando devagar e percebo naquele momento que nossas casas são mais próximas do que eu havia imaginado. Compreendo então, que posso ter criado uma percepção de que o conjunto habitacional se encontrava distante de mim e de certo modo estava, pois diversas pessoas me indicaram em vários momentos a não chegar perto deste local ou adentrá-lo, devido a periculosidade que representava. Neste dia, entrei sozinha e a pé pela primeira vez.

Entro numa rua que vai até a escola, pois a casa se localiza próximo a ela. A escola estava aparentemente fechada, sem ninguém, e havia crianças nas ruas, pois o jogo do Brasil na Copa seria dali a 3 horas, imaginei naquele momento. Mães andavam com crianças pequenas nas ruas do conjunto e na avenida principal. Continuo andando até que escuto fogos perto e rapazes começam a aparecer nas ruas, tive medo e entrei em uma rua voltando para a rua principal, dali entrei em uma rua mais a frente e pela numeração das casas andei mais, uma senhora esperava no portão, perguntei por Daise e ela disse que era no portão ao lado, chamei por seu nome e escutei passos, a senhora vizinha quis me ajudar perguntando se ela estava vindo e respondi que sim, uma adolescente negra de pele clara abriu o portão e me apresentei dizendo meu nome e que tinha uma entrevista marcada com a Deise, a menina abriu mais o portão e pude ver um menino pequeno no quintal na faixa de uns 4 a 5 anos, também negro.

Deise, uma mulher negra de pele retinta apareceu na porta de sua casa com uma roupa na mão, e disse desconsertada que havia se esquecido de desmarcar comigo, afirmei que não havia problema, pois entendia que ela deveria estar ocupada naquele momento e ela me disse que não, que na verdade estava saindo para ir ao médico, respondi que não havia problema algum e que entraria em contato com ela para remarcar e me despedi saindo rapidamente para não a atrasar em sua consulta. Retorno para casa.

O Programa Morar Feliz na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ.

Ao se abordar sobre um determinado território de moradia popular é possível observar em alguns contextos um campo atrelado a relações de disputa de poder e violência, pelo qual as desigualdades se mantiveram e adquiriram outros componentes de repressão e privação na contemporaneidade. Nesse sentido, na

temática habitacional há um percurso semelhante de segregação e exclusão. (DUTRA, 2015).

A segregação que ocorre em territórios como esses é um ponto a ser discutido, pois refere-se a uma divisão e isolamento de grupos no espaço urbano a depender de suas características sociais. Há ainda as situações de cidades onde foi ampliado o acesso a bens e serviços por parte de ações estatais, porém nestes casos, com relação a segregação não foram obtidas mudanças, desta forma, são processos distintos que ocorrem com estas problemáticas. (MARQUES, 2010)

Neste contexto, Valladares (1991, p. 82-83) desenvolve como hipótese de trabalho de que a evolução histórica da pobreza urbana possui uma correlação estreita com o processo de urbanização, e se relaciona também com as “transformações que ocorrem no mercado de trabalho urbano; com a inserção espacial/ residencial da população pobre nas cidades”, e com a atribuição de um “papel de ator social e político” a esta camada que foi estabelecida no decorrer do tempo.

Quadro 1 - Transformações Históricas da Pobreza Urbana

Época	Contexto	Expressão
Virada do século XX	Trabalhadores X Vadios classes perigosas	Cortiço
Décadas de 1950-1960	População marginal Subemprego população de baixa renda	Favela
Décadas de 1970-1980	Setor informal estratégias de sobrevivência moradores trabalhadores pobres X bandidos	Periferia

Fonte: Autoria própria, baseado em VALLADARES (1991)

Já com relação a realidade urbana da cidade de Campos dos Goytacazes, em questão neste estudo, ela se constitui como um dos primeiros centros urbanos da região Norte Fluminense, junto ao município de São João da Barra. (FARIA, 2003) Inclusive, o início da urbanização de toda esta região se encontra, historicamente, em ligação com o processo de urbanização da cidade de Campos, pois, se trata de um município originário da região, a partir do qual se formaram a maioria dos demais. (FARIA, 1998)

A organização urbana de Campos dos Goytacazes no período colonial reproduzia a mesma estrutura das demais cidades neste período no Brasil. Além

disso, a “estrutura urbana do espaço campista sempre esteve estreitamente relacionada à economia agrária sucroalcooleira.” (FREITAS, 2011, p. 57)

Nesse sentido, eram nos centros das cidades brasileiras que o contexto urbano se encontrava concentrado. Em Campos, a localização de instituições como a “Igreja Matriz, a casa de Misericórdia, a Casa de Câmara e Cadeia e o Pelourinho”, situadas no entorno da Praça Salvador, na área central retratavam esta questão. (FREITAS, 2011, p. 57)

No período colonial, a divisão das Capitanias Hereditárias realizadas a partir do litoral ocasionou nos interiores do país inexistências desta demarcação, o que influenciou no processo de formação das vilas e cidades. Além destas imprecisões terem gerado conflitos nos processos de formação dos centros urbanos. (IBGE, 1956). Deste modo, enquanto vila, Campos dos Goytacazes era denominada como vila de São Salvador dos Campos. (FARIA, 2003)

Com a independência, têm início os descompasses entre o projeto de nação com vistas a modernização que começa a ser delineado e a cidade colonial. Haviam ainda, exigências para uma vila ser considerada cidade e com a mudança para o Império, as cidades ganham ainda mais destaque nesta nova configuração. (FARIA, 2003)

Assim, inicia-se também no Brasil a constituição da concepção de “cidade capital” e alguns intelectuais realizam alertas como a “instalação da capital no interior do país, em um local agradável, fértil e próximo de um rio navegável”. Pois, além desta localização ser mais apropriada do ponto de vista da segurança, havia a possibilidade de este ser visto como uma possibilidade atrativa para parte da população remanescente sem emprego formal das cidades tanto comerciais como marítimas. Deste modo, a capital teria que contribuir com as atividades econômicas das regiões ao seu entorno e com isto, “uma rede de meios de comunicação deveria irradiar para todo o território.” (FARIA, 2003, p. 07)

No ano de 1880, a “vida urbana” de Campos dos Goytacazes já se encontrava abundante, e então, a cidade deu início as transformações no local para ser possível receber os avanços vindos com a utilização dos engenhos mecânicos. Entretanto, neste período, a indústria açucareira se encontrava em pleno crescimento, deste modo, a maior parte da população ainda se encontrava concentrada nas áreas rurais como os dados apresentam, no “censo de 1920, segundo o qual dos 173.102 mil habitantes do município, 45.430 viviam na cidade e 128.672 no campo.” (FREITAS,

2011, p. 58)

No início do século XIX, os conceitos de circulação e de progresso constituídas pelos economistas e utilizadas nas atividades práticas pelos engenheiros, direcionavam a “intervenção do Estado a nível urbano.” (FARIA, 2003, p. 10)

No entanto, em 1837, Faria (2003, p. 10) baseada no relatório do engenheiro Imperial do Rio de Janeiro: Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, apresenta que o engenheiro construiu meios de comunicação distintos, que induzem a comprovação de que ele desenvolveu “uma rede urbana, ordenada e hierarquizada pela circulação, na qual a cidade de Campos é pensada como o centro.” Assim, apesar de Niterói, na época, se constituir como: “capital da Província do Rio de Janeiro”, posição onde se reúnem todos os interesses da Província, Campos dos Goytacazes deveria ocupar o posto de núcleo com funções de reunião e distribuição dos interesses da região Norte Fluminense. Deste modo, Campos se situa nesta época como a cidade de maior relevância para a realização de atividades comerciais entre a região que ela se destaca e a cidade do Rio de Janeiro, considerada o ponto central mais importante de “consumo e de exportação do Império.” Conclui-se, deste modo, que “as cidades em rede são vistas como elementos chave para o desenvolvimento econômico e urbano do país.” (FARIA, 2003, p. 12)

Além disso, na área urbana em questão, um dos aspectos que precisa ser considerado ao problematizar as condições de vida destas moradoras coloca em perspectiva os elementos de constituição da cidade de Campos dos Goytacazes onde se localiza o conjunto, conhecida como uma das últimas a abolir a escravidão, onde este passado escravocrata tem seus efeitos sobre a desigualdade na contemporaneidade, pois manteve a população negra em condições de desigualdades. No Brasil, não foi disponibilizado nenhum auxílio no pós-abolição, tampouco implementada políticas de reparação a escravidão, seguindo-se assim, a continuidade da violência por outros meios como a exclusão e a segregação. Deste modo, parte dos descendentes dessa população foram forçados a se deslocar das fazendas em busca de melhores condições de vida e se dirigiram para as áreas periféricas das grandes cidades onde podia-se unir alguma atividade de lavoura ao estudo, pois era onde se concentravam as escolas da época. (DA COSTA, 2015)

Com relação ao aspecto racial da cidade de Campos dos Goytacazes, RJ, no quadro abaixo, podemos visualizar o número de pessoas da cidade acima dos 15 anos que se autodeclararam pretas e pardas para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia

e Estatística), onde o quantitativo de pessoas pretas e pardas é maior do que o de pessoas brancas:

Figura 8 - Tela do IBGE constando o Quantitativo de cor ou raça de pessoas acima de 15 anos da cidade de Campos dos Goytacazes, RJ.

Brasil / Rio de Janeiro / Campos dos Goytacazes			
▼ Cor ou raça			
▶ AMARELA			
▼ BRANCA			
▼ Grupo de idade			
▶ 15 anos ou mais	8.700		peessoas
▶ INDÍGENA			
▼ PARDA			
▼ Grupo de idade			
▶ 15 anos ou mais	9.680		peessoas
▼ PRETA			
▼ Grupo de idade			
▶ 15 anos ou mais	5.818		peessoas

Fonte: IBGE, 2023.

No enfrentamento à desigualdade racial, de classe ou de gênero como exemplos aqui trabalhos, uma arma imprescindível é a política pública. Porém, se ela for utilizada para este intuito principalmente em sua implementação, pois, o que ocorre muitas vezes é a sua participação na criação de desigualdades ou para contribuir para as já existentes, como por exemplo as políticas de imigração. (PIRES, 2011) Ainda de acordo com Pires (2011), com relação a desigualdade, é importante nos atentarmos a implementação das políticas, devido ao conflito de forças e interesses existentes dos atores envolvidos neste processo. Como por exemplo, os interesses eleitoreiros para conquistar votos.

Há também a questão do discurso meritocrático muito valorizado e difundido por esses grupos dotados de recursos, que inclui as elites, e acaba por agravar as desigualdades, pois, não permite e/ou dificulta a criação de políticas de reparação devido a um processo histórico de exclusão que as pessoas pretas e pobres passaram como já explicitado. (REIS, 2000)

A política habitacional, assim como outras se amparam na legislação vigente, deste modo, com relação ao direito à habitação, Lopes (2019, p.76) afirma que: “a partir de 2000 que a Emenda Constitucional nº 26 incluiu a moradia no rol dos direitos sociais a serem garantidos pelo Estado brasileiro.” No entanto, de acordo com o mesmo autor, foi somente a partir da década de 1930 que o Governo Federal inicia

alguma intervenção nesse sentido com a construção de moradias e se insere no mercado de aluguéis. (LOPES, 2019)

Anteriormente à criação do programa habitacional Morar Feliz em 2009, existiram no município de Campos dos Goytacazes, RJ, alguns outros programas que objetivavam algum tipo de acesso a moradia que foram: “Pode entrar que a casa é sua” (1989); “Vale construção” (1991); “Cada família tem seu lote” (1991); “SOS habitação” (1993); “Comunidade Legal” (2000) e “Casa Nova” (2007). (FALCÃO, 2015)

Evidencia-se em 2009, o programa “Minha Casa Minha Vida” de acordo com a Lei nº 11.977/2009, promulgada no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva que dispõe acerca de alternativas que possibilitam ofertar a obtenção de moradia ou ampliação de produção de moradias. A lei em questão ampara o perfil de famílias com renda mensal de até 4.650,00, articuladas com os subprogramas de Habitação Urbana (PNHU) e o Habitação Rural (PNHR). (BRASIL, 2009)

Os conjuntos habitacionais em Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, foram construídos com recursos provenientes dos royalties do petróleo, pois o direito à habitação teve sua responsabilidade movida para os municípios. O petróleo é tratado mundialmente com uma atenção e importância destacadas devido a seu valor econômico e a relação política que se estabelece a partir disto. No norte fluminense ele é transformador para a região. (PESSANHA, 2015)

O petróleo não sendo sujeito, e sim objeto, serve de instrumento para que as pessoas se articulem nos lugares, alterando as práticas socioespaciais e a ocupação do território, na produção de novas territorialidades. Conhecer esse movimento do Capital sobre o território é um exercício para se compreender a relação da política e do poder sobre os lugares. (PESSANHA, 2015. p.02)

Ainda, de acordo com DUTRA (2015, p. 82) “o Programa *Morar Feliz* foi instituído pelo Decreto Municipal n.º 055/2011” e seu funcionamento se constitui de forma autônoma, com os recursos municipais provenientes dos royalties do petróleo como citado, “não havendo convênio ou parceria do município com outras esferas de governo.” Ainda de acordo com a autora, a Bacia de Campos chegou a ser encarregada de “mais de 80% da produção nacional do petróleo” e junto aos outros municípios que integram o grupo beneficiário, recebeu um montante financeiro significativo devido a esta exploração e produção realizada.

Ocorre que o Programa Morar Feliz e os demais programas habitacionais

implementados no município de Campos tiveram caráter emergencial, ou seja, “surgiam como alternativas imediatas para os problemas emergenciais” e as equipes públicas não tiveram a atenção necessária com relação às questões de exclusões e segregações territoriais a que foram submetidas a população atendida. (DUTRA, 2015. p.79; PÓVOA, 2002)

Além disso, Dutra (2015, p. 79) chama a atenção para a “interferência do viés político nas intervenções da prefeitura com os territórios periféricos” que se mostrou presente no decorrer da história da política pública habitacional. A autora coloca que houveram ações políticas com fins eleitoreiros. Assim, de acordo com as informações das autoras mencionadas, a ênfase dada pela gestão municipal de Campos foi a utilização de recursos próprios advindos do recebimento dos royalties para a implementação da política habitacional, afim de atender interesses políticos da prefeitura, e, por conseguinte, não se utilizou, a princípio, o Programa Federal Minha Casa, Minha Vida.

O Programa Morar Feliz, implementado no município no ano de 2009 no mandato de Rosinha Garotinho objetivava a criação de 10.000 casas para amparar as regiões com acidentes ambientais como inundações e em situações de vulnerabilidade social. A meta estabelecida nesta gestão não foi cumprida e o alcance do programa foi de 5.426 unidades habitacionais. (FALCÃO, 2015)

Cortes (2021) argumenta que o discurso de risco de inundações (que em casos específicos é real) é adotado pelos municípios para a remoção por possuir facilidade de convencimento, além de servir também a interesses imobiliários do capital em muitos casos, com a saída desses moradores de áreas de interesses, próximas a shopping centers por exemplo ou em áreas centrais.

De acordo com Cortes (2021) denomina-se processo de expropriação os casos de habitações que se constituem como necessárias para a vida em sociedade e sua transformação em meios de acumular capital, utilizada por exemplo para vendas e aluguéis, em que o lucro varia e torna-se maior em locais estratégicos. Além da remoção da população ser feita sem cuidado, pessoas de uma mesma localidade foram alocadas em conjuntos distantes um do outro, onde contribui assim para a dissolução de redes de laços de solidariedade como coloca a autora. (CORTES, 2021)

Nesta conjuntura, no conjunto habitacional do Novo Jockey, a posse das moradias foi realizada por pessoas oriundas de diversas localidades e periferias distintas, como Ururaí, Guarus, Matadouro, dentre outros. Diante disso, houve relatos

de moradores que afirmaram possuir preferência pelo território que habitavam anteriormente por motivos de melhor localização e acesso a área central da cidade. (VIANA, 2018) Fato que evidencia a desigualdade e a segregação com que é tratada a questão.

Além disso, trabalhos realizados acerca do bairro relatam relações de conflito entre os moradores do conjunto habitacional e os demais moradores do bairro, após a implementação, relações essas de disputa por direitos básicos como rede de esgoto ou asfalto, de preconceito e de estigma. (FERREIRA, 2019; VIANA, 2018)

Portanto, na busca pela eficácia da política pública desde a sua elaboração até o acompanhamento, a posteriori, das entregas realizadas, no caso em questão, das habitações, são necessários cuidados em todo o processo com a população atendida e com os territórios envolvidos, práticas estas que a gestão municipal deixa de realizar como demonstrado pelos autores citados. Deste modo, torna-se necessário apresentar e discutir coletivamente estas problemáticas a fim de suscitar debates e avanços.

2.1 Quem são essas mulheres mães? Cotidiano de cuidado, desafios e criação dos filhos.

Em dezembro de 2022, uma quinta-feira, era um dia nublado, sem chuva. Na avenida principal e nas ruas havia poucas pessoas andando. A Nakia (nome fictício), que é cabeleireira, filha da Dora (manicure), havia marcado comigo quinta à tarde no salão de beleza a partir das 14h. Fui logo para não voltar para casa de noite, visto que poderia ser demorado lá. Quando cheguei ao pequeno salão, dois cachorros de rua na cor caramelo estavam deitados na porta sem serem incomodados, metade de seus corpinhos para dentro do salão, pensei rapidamente que esta cena nunca havia visto, e refleti que ao passar em frente a salões de beleza elitizados e/ ou em áreas habitadas pela classe média nunca havia visto cena semelhante, provavelmente não teria observado esta cena onde dois cachorros “de rua” estavam na porta de um estabelecimento de beleza sem serem incomodados. Após passar pelos dois, percebi que Dora e sua filha não estavam, em trabalho, no local naquele momento e sim outras duas mulheres que ainda não conhecia, deste modo, as cumprimentei, entrei e me sentei em um banquinho de espera acolchoado estilo “puff”. O espaço agora parecia maior devido a reorganização que elas realizaram após a reinauguração.

Uma das mulheres que também estava sentada no lugar destinado à espera me perguntou qual o horário em que havia marcado, onde respondi que Nakia não

tinha dito um horário, somente que era para que eu fosse na parte da tarde. Deste modo, ela disse que iria ligar para a Nakia, pois ela tinha ido “buscar criança na escola” em suas palavras. Isto é, percebi no momento que a mulher reconheceu a importância do trabalho de cuidado de uma criança para justificar uma ausência da mãe no seu ambiente de trabalho. Posteriormente soube que esta mulher era Denise (nome fictício), tia de Náxia e também cliente assídua do salão, meses depois deste primeiro contato, ela me concede uma entrevista para este trabalho. Disse a ela que poderia retornar depois e ela me informou que Nakia pediu então que eu retornasse depois de algumas horas. Decidi ir perto das 16h para não atrapalhar em suas diversas demandas como mãe e profissional.

Nakia ao chegar no salão, perguntou a Dora, sua mãe, se ela estava cansada porque percebeu que a mãe estava quieta, porém, antes da filha chegar ela parecia estar conversando animada como eu não a tinha visto ainda. Dora não disse nada, porém, aparentava um semblante que demonstrava paz e tranquilidade. A filha, Nakia chegou correndo e agitada, pois haviam algumas clientes, inclusive Denise, sua tia estava a aguardando a um tempo considerável para ser atendida, Denise até preferiu ir embora e respondeu a Nakia visivelmente chateada, pois disse a ela que já havia esperado por muito tempo e que iria para casa. Posteriormente, em um momento de entrevista, Denise afirma que se organiza com as tarefas domésticas para conseguir ir ao salão. Desta forma, é possível compreender sua chateação neste momento.

O filho de Nakia havia prendido o dedo no portão na hora da chegada deles e a mãe dele não pôde afagá-lo por estar com muita demanda de trabalho naquele dia, a avó então sem a mãe ter que pedir, levantou e foi para dentro da casa “olhar” o neto.

Observei que Dora além de ser avó, é mãe e parte da rede de apoio de suas filhas, deu carinho, cuidado e afeto ao neto, mas na hora de atender sua filha em idade escolar que a ligou, percebi que não pediu ajuda a ninguém. E precisou negar uma ajuda a uma das filhas em um outro momento presenciado. Notei estas situações no dia em que passei mais tempo com elas de uma vez só, das 14h às 20h.

No salão as mulheres já se conheciam, possuíam algum tipo de relação por partilhar suas vidas privadas e suas angústias familiares com frequência naquele local a cada semana ao ir fazer as unhas e os cabelos. As profissionais perguntavam sobre seus familiares com certa dose de intimidade.

Uma frequentadora assídua do salão e interlocutora da pesquisa é Katia (nome fictício), mulher mãe negra com 53 anos de idade, professora de matemática da rede

estadual e moradora próxima ao salão. Ela estava no local sendo atendida por um longo período de tempo (do fim da tarde, até o fim da noite) ao cuidar de seus cabelos e de todas as unhas, (mãos e pés). Além de se queixar de sua rotina cansativa e da falta de tempo, dizia: “Vim dar um jeito na minha unha, estava em duas provas no final de semana, tive que vir hoje porque tenho mais provas.” (Katia – mulher mãe), (informação verbal).⁹

Além disso, afirmou que não queria passar mais um final de semana sem realizar os cuidados consigo mesma. Alguns meses depois, em que não a via muito no salão, ela reapareceu e a cabelereira a questionou em tom de brincadeira ao dizer: “Antes vinha ao salão toda semana, agora não vem mais.” (Katia - cabeleireira), (informação verbal). Neste momento, uma das mulheres mães que encontrei em dois sábados no salão disse em tom de voz mais baixo: “Não venho toda semana porque tô sem dinheiro, falo mesmo.” (Cintia - mulher mãe), (informação verbal). Depois desta fala Katia respondeu indignada com sua situação vivida: “Meu caso nem é questão de dinheiro, não estava vindo porque estava sem tempo sendo escravizada, mas me libertei e vim.” (Katia – mulher mãe e professora), (informação verbal)¹⁰

Notei a referência que Katia faz ao seu trabalho como professora, devidas as suas constantes reclamações sobre esta ocupação tomar todo o seu tempo. As demais mulheres mães, seguem com discursos no mesmo sentido a este, perguntadas em entrevista acerca do seu dia a dia, surgiram as rotinas cotidianas exaustivas das mulheres mães que guardam semelhanças umas com as outras como podemos observar nas seguintes falas: “Eu acordo, dou banho nas crianças, tomo café e trabalho, quando chego as crianças estão dormindo, janto e durmo cedo”. (Linda), (informação verbal). “Correria! Deixo filha na creche, arrumo casa, atendo clientes, busco crianças.” (Isabela), (informação verbal).

Nesse sentido, ao ser perguntada a que horas consegue descansar Isabela, afirmou: “20h termino de atender. 22:30 h consigo descansar” (Isabela) (informação verbal). Na rotina de Denise abaixo, destaca-se que assim como Isabela, as duas possuem horários de descanso que se localizam a poucas horas do fim do dia.

Acordo, arrumo a casa, meio dia coloco criança para o colégio. À tarde trabalho por conta própria vendendo roupa, pego no colégio às dezessete horas, dou lanche, vou para a Igreja e volto para casa. Descanso mais na

⁹ Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em dezembro de 2022.

¹⁰ Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em abril de 2023.

hora de dormir. (Denise), (Informação Verbal).

Acerca deste cotidiano, em entrevista, com relação às dificuldades enfrentadas, Denise responde: “*Com o horário*” e Isabela com: “*Levar e pegar as crianças*”. Ferreira (2019) em seu trabalho de doutorado, no qual realiza uma etnografia no mesmo conjunto habitacional onde se localiza o salão de beleza em questão, traz um relato de uma mulher mãe moradora de que o horário que têm de buscar o filho na escola também se apresenta como uma dificuldade no seu cotidiano, em meio, a diversas outras atividades que têm que lidar como o trabalho remunerado, assim, ela afirma no trecho:

“Contou que resolveu matricular o filho na Creche Municipal do conjunto habitacional. Expôs as dificuldades de comprar material e avaliava que a venda de sacolé não rendia, que era necessário “fazer uns serviços”. Disse que ele estudaria pela manhã e para ela não seria um bom horário, que o ideal seria ele a irmã do meio ficarem juntos, para a filha levar e buscar e cuidar.” (FERREIRA, 2019, p.145)

Com relação ao cotidiano de autocuidado, ao perguntar como as mulheres mães se cuidam no dia a dia, Linda respondeu que cuida de sua alimentação, já Isabela e Denise apresentaram respostas semelhantes entre as duas e diferentes das de Linda, como podemos observar nas seguintes falas: “Não ligo muito para me cuidar no dia a dia, mais no final de semana”. (Isabela) (Informação Verbal). “Me cuido mais no final de semana quando venho ao salão.” (Denise) (Informação Verbal).

Ferreira (2019) também traz contribuições neste sentido ao descrever parte do cotidiano de uma mulher mãe moradora do conjunto habitacional em questão com as dificuldades de sua rotina semelhantes as apresentadas pelas mulheres mães do salão, o relato a seguir, se situa na mesma direção do que afirma Abramo (2021), de que o cuidado não se restringe aos serviços domésticos somente:

Lívia explicou que “acorda cedo” por três motivos: 1) fazer o café para o marido sair para suas atividades laborais formais; 2) cuidar dos dois filhos e depois levá-los à escola; 3) e realizar os “afazeres domésticos”. [...] “Lívia descrevia as atividades desenvolvidas em sua casa, como os “afazeres domésticos”, o cuidado com os membros, “preparar o almoço”, “levar a escola”. [...] “Retornar para fazer o almoço ou jantar”, “pegar a criança na escola” ou “esperá-las nos pontos de ônibus”. (FERREIRA, 2019, p.137)

As mulheres mães reclamam que a vida é só rotina, e tecem as seguintes queixas: “Chega de madrugada parece que a gente fica desgostosa da vida.” (Priscila – mulher mãe), (Informação Verbal). “Casou e agora tá 6 pessoas na minha casa! Vou colocar todo mundo pra rodar” (Pérola– mulher mãe), (Informação Verbal).

A respeito das características que compõem essas mulheres, é um analisador

das profissões das mulheres mães que conheci no campo. Tais profissões abrangem, total ou parcialmente atividades de cuidado e estão inseridas no âmbito do bem-estar alheio. Assim, Samantha era cuidadora de idosos. Katia, por sua vez, atuava como professora na educação básica, e mencionou já ter vendido roupas. Isabela declarou que era profissional da beleza em outro local, mas que desde jovem já trabalhava como cabelereira e como manicure. Denise trabalhava como vendedora autônoma de roupas e anterior a esta função era dona de casa, ocupação que se mantém. Polliana também era dona de casa, era uma das mulheres mães mais jovens que frequentava assiduamente o salão, com 23 anos, mãe de uma menina ainda bebê, sua ocupação era o trabalho doméstico e o cuidado com sua filha realizado sem divisão igualitária do cuidado, de acordo com sua fala, vale ressaltar que ela era casada com o pai de sua filha e residia com ele.

Deste modo, a desvalorização das mulheres na sociedade e conseqüentemente do cuidado como trabalho, também envolvem uma diminuição salarial das trabalhadoras nestas funções. Nos Estados Unidos, à título de exemplo, as mulheres afro-americanas não se encontram no trabalho doméstico em casas particulares como antes estavam, no entanto, estão na contemporaneidade, nos empregos com menor remuneração como: “cuidadoras, auxiliares de creches, funcionárias de lavanderias e de lojas de fast-food”. (COLLINS, 2019, p.121)

Com relação a esta questão do trabalho, Collins (2019) discorre de como para as mulheres negras há especificidades a serem consideradas. Ela argumenta que há na concepção geral a imagem de uma família ideal e padronizada, com mãe, pai e filho ou filhos, permeada de valores tradicionais posicionados com centralidade nas discussões, os considerados “valores familiares”. Sejam quais forem eles, são tidos como importantes para a formulação de um tipo de “bem estar nacional”, estes valores sofrem grande influência e controle da elite norte americana nas discussões sobre o tema, segmento este que possui posicionamentos frequentes em desfavor dos afro-americanos. (COLLINS, 2019, p.122)

As características das famílias padrões dizem respeito a ligação consanguínea entre os membros combinada aos “laços conjugais”, a formação realizada por um casal heterossexual, de mesma raça e com capacidade de gerarem filhos biológicos. Ainda, a organização é dada por meio de uma figura com “autoridade específica”, sendo este o pai que seja chefe desta família e possua rendimentos onde consiga sustentar a moradia e seus integrantes com sua esposa em casa. Neste contexto,

compreende-se que a mulher negra não se enquadra nestes parâmetros de família criada para um modelo já anteriormente delimitado, pois as mulheres negras sempre saíram de suas casas para trabalhar. (COLLINS, 2019, p.122)

Ainda ao tratarmos do núcleo familiar, em certo dia, as mulheres conversavam sobre a relação de mãe e filha, os erros que uma cometia com relação a outra. E uma das clientes em tom de reclamação a imitar o que dizem, disse: “Mãe, tudo que faz tá errada!” se queixando das críticas que as mães recebem com frequência. No que a Dora (a manicure) afirmou: “Mãe é um ser único”. Com um tom de valorização em sua voz sobre cada palavra que dizia.

Diante deste elemento, Tronto (1993) contribui a reflexão quando argumenta que não se encontrava bem definida uma chamada “moralidade feminina” existente, porém, aponta que este termo diz respeito, mesmo que impreciso, a ideias como o do cuidado, de valorização do amor materno, da durabilidade das relações humanas e da paz. Também não se encontrava preciso de onde partem tais ideias morais, se é devido ao simples fato de ser uma mulher, ou simplesmente por ser uma mãe ou uma perspectiva de ser uma boa mãe no futuro, ou ainda a uma questão do que se espera culturalmente dessa mulher, ou seja, uma função a ser desempenhada, e elas conseguirem essa moralidade a mais por se encontrarem fora do mercado de trabalho formal (colocar) por exemplo.

Entretanto, apesar da existência de um forte apelo por esta moralidade, ela não tem sucesso. Pode ter sido um recurso utilizado de modo útil para demarcar algum poder à muito tempo, porém não parece possuir grande eficiência. Ela afirma que nos Estados Unidos, “as mulheres permanecem quase inteiramente excluídas do poder em instituições políticas, econômicas e culturais importantes, apesar dos pequenos ganhos do “ano da mulher”.” (TRONTO, 1993, p.02)

Considera-se, portanto, que culturalmente as mulheres são frequentemente convocadas a ocupar de modo desigual um lugar de cuidado, tanto que existe a expressão: “Essa criança não tem mãe não?”, escutada neste território a convocar somente a mulher para este lugar. No entanto, o cuidado com o desenvolvimento pleno e saudável de um indivíduo desde a sua vida intrauterina é de acordo com a legislação brasileira, responsabilidade de toda uma sociedade, ou seja do Estado, instituições e de todas e todos os cidadãos que constituem este país. (BRASIL, 1988; ECA, 1990; MORENO, 2019)

2.2 “Mãe maravilha. Faz tudo com as pessoas atrapalhando.” 11 As Identidades.

No início do trabalho de campo, após eu ter explicado o que fazia, Nakia, (a cabeleireira mulher mãe negra) exclamou: “Olha mãe! Temos uma professora e uma psicóloga aqui!” Disse com tom de aparente orgulho em sua voz e completou dizendo: “Deus faz as coisas direitinho mesmo! Ela gosta disso, se fosse eu não iria dar certo, eu ser psicóloga”. Neste momento Katia, uma mulher mãe cliente que é professora de matemática estava presente e disse que também fazia uma pós graduação. Meses depois, Dora contou com orgulho de sua irmã que possui uma deficiência visual e que é professora, disse que a ensinou muito e que é grata a essa irmã, se referiu a ela como: “muito inteligente”. Já em um outro dia, Nakia disse para uma colega que apareceu no salão que tinha vergonha em dizer que estudou até a sétima série e que pretende retornar para concluir os estudos, ainda acrescentou: “acho bonito a pessoa se formar”. Os comentários expostos sugerem uma valorização por parte das interlocutoras acerca do ensino formal.

Acerca deste encontro da pesquisadora com as pessoas do local, Fonseca (1999) afirma que a própria diferença existente entre o pesquisador e o nativo, já é algo passível de análise e discorre acerca desta importância:

a “reação do “nativo” diante de nossa pessoa — seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, franqueza ou indiferença — é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade e dominação.” (FONSECA, 1999, p. 65)

Deste modo, tendo em vista a desigualdade racial, e eu enquanto uma pessoa racializada como branca (SCHUCMAN, 2012) percebi algumas adulações que foram feitas com relação a mim e que descreverei a seguir. Comentários acerca da cor do meu cabelo e da minha pele também surgiram. A situação se seguiu da seguinte forma: eu quis pintar meu cabelo de um tom de loiro escuro, pois não queria o cabelo muito claro, porém, o resultado final obtido na descoloração foi um tom praticamente ruivo. Uma cliente negra diante do contexto comentou: “Essa cor nela fica bom né, combina.” Em outro dia, outro comentário foi feito por outra cliente negra quando fui ao painel de esmaltes escolher uma cor para colocar nas minhas unhas. Ao ter que passar por ela e aparecer a sua frente para pegar o esmalte, ela me notou escolhendo o esmalte e comentou com a manicure: “Essa cor dela branquinha, qualquer esmalte fica bom né”. Naquele momento, não consegui dizer nada, fiquei em choque e triste

¹¹ Frase proferida por Linda, 24 anos, em depoimento, no qual respondia uma pergunta sobre como ela se considera enquanto mulher e enquanto mãe? O que diria dela mesma? Entrevista obtida em março de 2023.

ao ouvir a fala por compreender que a cena é representativa de violências raciais sofridas pela população negra. Acerca disto, Gonzalez (2020) nos mostra que esta é uma das estratégias utilizadas pela dominação branca:

Um dos modos mais eficazes de domesticação utilizadas pelas classes dominantes brancas tem sido o de estabelecer uma relação direta do termo negro com tudo aquilo que é mau, indesejável, feio, sujo, sinistro, maldito, etc. Quem de nós já não está cansado de ouvir a expressão “os anos negros da ditadura”? Ou então, como diz o poeta famoso, numa música não menos famosa, que “a coisa aqui ta preta”? (GONZALEZ, 2020, p. 242)

Além da imposição realizada de um “modelo estético ocidental (branco)” que deveria neste discurso ser buscado pelas pessoas por ser considerado algo superior. Deste modo, o que não se assemelha a este ideal colocado é rechaçado. Gonzalez ainda chama atenção para quantos não foram enganados por tais discursos racistas e passaram a crer que não possuem beleza. A “ideologia do branqueamento estético” atacou ainda a história e memória de origem africana ao retratar pessoas negras como brancas, como no caso de Cleópatra, exemplo que ela traz, além de diversos outros. (GONZALEZ, 2020 p. 242)

Em outra situação que reflete os aspectos apresentados, a cabelereira que aparentava ter entre 18 a 25 anos, uma mulher negra de pele retinta, disse que o cabelo de uma cliente (branca) era bom. O que logo soou estranho aos meus ouvidos acostumados aos discursos acadêmicos, devido a localizar as problemáticas envolvidas naquela fala.

Outras cenas relacionadas ocorreram, em outra ocasião, uma das clientes, uma mulher mãe negra, em que os filhos ainda crianças apareciam ocasionalmente no salão em dias de sábado, estava sentada aguardando a sua vez e disse que queria fazer mechas de loiro em seu cabelo, mas que achava que não ficaria bom nela por conta da cor da pele, apontou para mim e disse que ficaria bom em mim. Katia (a professora, também mulher mãe negra) que estava sentada ao lado dela, logo a advertiu em dizer: “Não tem nada disso não! Fica bom sim!” Rápida, ela buscou fotos de mulheres negras em seu celular de cabelo loiro e mostrou para a mulher mãe dizendo: “Olha como fica bonito! Eu já pintei assim! Fui para o Jaiminhos¹² poderosa assim”.

Quando a mulher mãe disse que o cabelo claro não ficaria bom dela e ficaria em mim, logo em seguida me virei e disse: “Ficaria bom sim.” em uma tentativa de

¹² Bar e restaurante conhecido na cidade.

endossar o coro com a professora. Acerca destes acontecimentos, Gonzalez (2020) afirma que os discursos que apresentam ideologias opressivas e discriminatórias são eficazes ao ponto de possuírem sucesso na introjeção em todos os atores, mesmo naqueles que são prejudicados com tais falas.

Em um encontro posterior, quando a cabelereira negra viu meu cabelo molhado, me disse: “Na verdade seu cabelo é cacheado né.” Não havia comentado nada acerca do meu cabelo dele ser de um tipo ou outro, mas ele realmente muda muito facilmente de forma, seco fica mais ondulado, no que molhado mais cacheado. Deste modo, me atentei ao fato da atenção dela estar voltada para isto, para a forma dos cabelos e que havia um padrão em todos os cabelos que eram finalizados nas clientes em que o objetivo era os tornar lisos, entretanto havia variações, pois o cabelo da cabelereira negra foi escolhido por ela e para ela, uma aplicação de textura toda cacheada.

Em outro momento, a cabelereira disse (com feição triste) sobre seu cabelo ter quebrado muito e posteriormente em outro encontro próximo ao Natal demonstrou preocupação por não ter em suas palavras “ido ainda comprar o cabelo”. Já sabia que se tratava de um cabelo que se compra para aplicar ou poderiam ser também as famosas laces que muito se comenta na atualidade e pode-se definir como “perucas de cabelo humano que possuem uma tecnologia que imita o couro cabeludo” (ALMEIDA, 2021). Este aspecto da compra de cabelos era recorrente nas falas das clientes e de como os valores para compra eram altos segundo elas, me recordei de certa vez em que minha irmã (branca) havia vendido seu cabelo que estava muito comprido na época. E me deparei a refletir acerca desta relação comercial de compra e venda de cabelos, de quem compra e de quem vende.

Para melhor compreensão deste último ponto acima, Mylene Mizrahi (2015, p.31) afirma a partir de sua pesquisa realizada que no Rio de Janeiro “a aparência de uma pessoa é um forte componente das relações sociais”. Nesse sentido, o não dito, o silêncio existente nos discursos raciais que deste modo são escassos pela forma verbal, podem ser acessados e compreendidos pela linguagem estética, ou seja, um “adorno” utilizado, como destaca a autora, pode ser a via de acesso para interações:

A centralidade que a aparência, a beleza e as estratégias de auto apresentação possuem para o sucesso das interações sociais conduzidas no Brasil urbano pode ser acessada por meio de uma discussão em torno do seu “silencioso” racismo. Este aspecto pouco evidente a definir um racismo à brasileira tem sido explicitado em diferentes produções das ciências sociais

nacionais (MIZRAHI, 2015, p.31)

Malysse (2019, p.74) ao trabalhar com o uso do *mega hair* na Bahia, discorre acerca de como as mulheres neste contexto, dissolvem “a representação social da feminilidade e do corpo feminino em signos, ou imagens-normas que transformam o corpo feminino em feitiço.” Assim, a autora explica que se adquire extensões que são do corpo, porém são também do próprio eu.

Outro acontecimento do campo relacionado, ocorreu em um dia de sábado de março de 2023, uma das mulheres mães tinha terminado de realizar um procedimento de maior valor no salão, procedimento este que as clientes não pediam com frequência, o da colocação de unhas em gel com decoração das unhas, ela então havia pedido uma pintura amarela com brilhos dourados, assim que viu o resultado final mostrou aos presentes e exclamou: “Olha minha unha! estou luxuosa!”. Não pude deixar de notar uma relação entre a beleza e o valor atribuído a ela, além da questão estética.

Para contribuir na compreensão acima, Mizrahi (2015, p.32) afirma que a beleza vai além do aspecto biológico, e está intimamente relacionada com os aspectos econômicos, pois é formado um modelo que reflete e se mostra através de símbolos na estética, que comunicam os gastos realizados e a situação financeira. Nesse sentido, a autora discorre e relaciona: “beleza e poder de compra em um universo em que a beleza é entendida muito mais como feita, produzida, do que como dada, inata.” Este ponto, contribui na compreensão do modelo ideal de beleza construído e criado atrelado ao consumo. Ou seja, há, segundo a autora, uma beleza valorizada relacionada ao que foi comprado e no valor que foi pago.

Collins (2019, p.52) contribui acerca destes acontecimentos quando traz contribuições acerca da formação das mulheres negras estadunidenses e nos ajuda a pensar sobre como podem ser constituídas estas identidades. Deste modo, segundo a autora, as mulheres negras em posições onde a educação de certo modo está presente, como: “mães, mães de criação, professoras e religiosas, em comunidades rurais e bairros urbanos basicamente negros”, criaram e recriaram “saberes de resistência.” Devido às vivências em família e no território elas puderam constituir o que é ser mulher negra por elas mesmas, com suas ideias, percepções e significados em torno de ser quem se é. Assim, no momento em que as concepções de si de uma mulher negra quando se une a das demais, se torna algo comunitário, de todas, e se transformam em uma nova “matriz africana do eu e da comunidade.”

Estas concepções de si mesmas das mulheres negras, citadas acima, tiveram que ser criadas como uma forma de resistência à produção de imagens de controle difamatórias e nocivas por parte da população branca no que diz respeito às mulheres negras, além de terem que resistir também as discriminações praticadas socialmente que estas imagens de controle provocam. (COLLINS, 2019)

Outra consequência diz respeito às mulheres vítimas destas imagens de controle, acabarem por interiorizar estas imagens e a acreditar nelas, de que elas são o que as dizem ser. Portanto, destaca-se a presença das mulheres negras na construção, sempre em transformação, de uma “cultura afro-americana” que influenciou perspectivas de mundo negras e com as mulheres no centro das questões. (COLLINS, 2019)

O sujeito antes de entrar na pós modernidade, possuía uma identidade caracterizada por Hall (2012, p. 12) enquanto “unificada e estável”, posteriormente ela passou a se desmembrar e assim não se considerou mais apenas uma identidade e sim várias, inclusive uma pode contradizer a outra, não necessariamente são harmônicas. Existem assim, identidades no plural. (CASTRO; PRADO, 2012; HALL, 2000)

As identidades também são expressas no corpo e contribuem para o conhecimento do seu entorno como afirmam as autoras abaixo:

As ciências sociais contam com vários estudos que demonstram a forma como o corpo se configura em símbolo de uma cultura, espaço onde se projetam códigos de identidade e de alteridade, sendo os usos que dele se faz, associados ao vestuário, ornamentos e pinturas corporais, indicativos de universos simbólicos, capazes de nos ajudar a melhor compreender o mundo que os envolve. (CASTRO; PRADO, 2012, p. 245)

Nessa discussão, Butler (2022) se pergunta de início, se ser mulher é algo construído de modo fatídico, que ocorre ao natural ou se seria algo que se aprende por uma imitação insistente dentro da cultura, como a autora denomina de “performance”. Ela inicia ainda, com a afirmação de que a teoria feminista pressupõe uma identidade, entendendo-a como: as mulheres, enquanto grupo separado que carrega em seu interior o que as mulheres feministas querem, suas demandas. Deste modo, cria-se uma compreensão de “sujeito” definido que responde a uma “representação política” que se deseja constituir. Entretanto, política e representação possuem pontos de conflito. O mesmo ocorre em um movimento militante em Punjab na Índia que teve como objetivo criar um grupo intitulado “nós”, mesmo em uma comunidade plural, para passar uma ideia de unidade e deste modo, conseguir com

eficiência alcançar demandas políticas. (DAS, 2020) Assim, podemos observar que é uma prática que se repete de modo semelhante em outro lugar na questão da identidade política.

Butler (2022) discorre sobre as diferentes perspectivas em torno da representação das mulheres. Uma delas versa acerca da representação possuir uma importância política de evidenciar as questões feministas com mais facilidade e contribuir assim com o discurso feminino. Entretanto, a representação “revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres.” BUTLER (2003, p. 18).

Além disso, a política possui um papel na construção da caracterização dos sujeitos, desta maneira, a representação só é possível mediante a constatação dos indivíduos como sujeitos dentro deste entendimento. Isto dificulta o aumento das representações. (BUTLER (2003). Com isso, pautas continuam estagnadas e indivíduos visibilizados.

A autora afirma ainda que a própria representação política da mulher é constituída por discursos, com ênfase no jurídico, que utilizaria seu poder para construir um “sujeito mulher” que não incluiria a diversidade feminina. Assim, o âmbito político utiliza desta instância jurídica para instrumentalizar suas práticas. BUTLER (2022) Deste modo, uma representação com participação popular diversa permanece mais distante da realidade.

Com relação a discussão conceitual acerca do gênero, Butler (2022) afirma que está longe de ser solucionada, pois há muitas possibilidades de interpretações. Acrescenta ainda que há um conjunto de normas culturais que se transformam em políticas e leis, as quais acabam por definir gênero e as identidades em uma sociedade.

“A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos de gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e a radicalizar a noção de crítica feminista. (BUTLER, 2003, p. 13)

O ponto acerca de uma diversidade na noção do sujeito feminino é reiterado por Butler e observa-se como se mantém como um desafio a ser enfrentado devido às resistências em prol de concepções anteriores de uma união excludente, como o feminismo branco. Nesse sentido, a autora salienta haver: “limites necessários na política de identidade”. BUTLER (2003, p. 22) Devido também a esta pluralidade que não têm sido incluída de modo considerável em vários âmbitos, inclusive político.

Butler (2003) evidencia que já ocorre um movimento pela emancipação feminina, porém chama a atenção para uma crítica no sentido de que essas mesmas instâncias que clamam pelas mulheres e oferecem apoio, por terem até mesmo o objetivo e obrigação de prestar esse serviço, como a jurídica, também as atacam de diversas formas. Nesse sentido, a autora chama a atenção para as relações de controle, poder e dominação que estão relacionadas a essas instituições, sejam elas jurídicas, educacionais ou políticas.

Portanto, a noção de mulher é atravessada e constituída pela cultura, política, raça, classe, dentre outros, ou seja, um conjunto de forças e poder. Assim, esta ideia vai de encontro à concepção de uma “noção singular de identidade”. BUTLER (2003, p.21) Ou seja, uma compreensão particularizada, como se pudesse ser possível desvencilhar-se da realidade social por completo.

Butler (2003) evidencia no texto “*Sujeitos do sexo/gênero/desejo*” que seu objetivo não é o de criticar a representatividade com o intuito de sua rejeição e afirma que nem acredita isso ser realizado por parte dela. Até porque é um lugar existente possível na conjuntura atual, porém na realidade o que ela deseja é construir uma crítica a esse instrumento que já existe, pois a seu ver uma nova política feminista de representação é necessária. E para construir algo novo, ela salienta que um novo conceito de identidade precisa ser trabalhado.

Diante desta discussão acerca da identidade, torna-se importante trazer um conceito discutido nesta pesquisa, o de Interseccionalidade, já utilizado de modo amplo por diversas autoras da contemporaneidade nos estudos de gênero e raça para abarcar essas duas formas de opressão e não se tornar excludente nestas abordagens. O termo aparece inicialmente em “texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989).” [...] Deste modo ela afirma que: “Interseccionalidade é uma proposta para levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (Idem, ibidem).” (CRENSHAW, 1994 apud HIRATA, 2014, p.02).

Assim, a Interseccionalidade é discutida criticamente no que tange ao feminismo branco por várias autoras do feminismo negro, nesse sentido, posteriormente surge outro conceito o da Consustancialidade proposto por Danièle Kergoat (1970), onde privilegia-se a compreensão focada em gênero, raça (CONFIRMAR) e classe, característica que traz uma perspectiva distinta ao tratar dos temas, muda os pensamentos e faz com que se dê continuidade às discussões. (HIRATA, 2014)

2.3 Políticas de cuidado e gênero: uma aproximação ao debate

O debate acerca das políticas de cuidado no Brasil encontra-se semelhante ao da América Latina, América do norte e da Europa, ao considerar por exemplo o aspecto histórico em que as mulheres estiveram, majoritariamente, ao longo dos anos, à cargo do âmbito dos cuidados, pois estes foram considerados pertencentes ao ser feminino e ao mundo materno. Com estas atribuições baseadas em aspectos biológicos das mulheres, este se tornou um dos pontos de crítica da “construção social de gênero”. FAUR (2014, p.14) No que tange a discussão e análise acadêmica, esta surgiu com ênfase nos anos 80 e 90 e trouxe um aumento dos aspectos a serem levados em conta para o bem estar das pessoas, em especial das mulheres. (SORJ; FONTES, 2012)

A partir dos anos 70, foram considerados pelas Ciências sociais: “qualquer atividade econômica como trabalho, sem distinção entre o mercado formal e informal.” (SARTI, 1994, p.35). Aspecto este que amplia o escopo das atividades entendidas como trabalho e abre espaço para compreendermos o trabalho doméstico realizado majoritariamente pelas mulheres como uma atividade econômica não remunerada e ignorada. (FEDERICI, 2017)

Nos últimos anos, a temática do trabalho de cuidados tem adquirido cada vez mais notoriedade dentro do pensamento feminista. Tanto o trabalho doméstico como o trabalho de cuidados contribuíram para emergir discussões fundamentais para o que vivenciamos na atualidade e estiveram dentro de uma nova construção das relações de gênero. Assim como o debate que envolve a colaboração de homens e mulheres acerca do trabalho de responsabilidade social reprodutiva, pois envolvem a análise de buscar compreender o que cabe ao público e ao privado, ou seja, ao Estado e a família, assim como as responsabilidades de cada membro desta. (CARRASCO, BORDERÍAS; TORNS, 2011)

O âmbito do cuidado familiar, era considerado até pouco tempo tema de ordem privada da família e atribuído a características de identidade feminina. A depender da situação social este cenário têm mudado e o cuidado tratado enquanto uma “questão social a ser assumida, mesmo que parcialmente, pela esfera pública.” Neste sentido, o movimento feminista teve um papel motivador para estas mudanças conceituais e políticas acerca do cuidado com a realização de críticas “a hierarquia de gênero”. (SORJ, FONTES, 2012; JENSON, 1997, p.182)

Além disso, temos uma problemática extensa que se refere a como a organização social do cuidado se constitui na contemporaneidade, de modo a contribuir para o aprofundamento das desigualdades de gênero e da pobreza das mulheres, pois, esta organização se baseia em um modelo de cuidado no âmbito da família em que não há uma divisão sexual igualitária do trabalho doméstico e de cuidado, além de serem trabalhos sem remuneração neste contexto. Ainda, neste modelo, as mulheres são as principais pessoas que realizam os trabalhos de cuidado, ou mesmo assumem estas funções sozinhas. (ABRAMO, 2021)

Com isto, na ausência de realizações públicas do cuidado, o que irá ocorrer na prática é que cada família irá executar do modo que consegue, ou seja, prejudicando o tempo e o bem estar destas mulheres que se encontram a cargo destes cuidados, onde se encontram limites na solidariedade entre gêneros diferentes. Este tempo utilizado, faz com que as mulheres tenham desigualdade de renda e de diversos acessos como “a educação, ao trabalho, a vida política, comunitária, e ao lazer”, deste modo, o crescimento delas em âmbitos distintos, são por diversas vezes paralisados. (ABRAMO, 2021)

Reitera-se que o trabalho de cuidado deve “ser pautado como política pública com responsabilidade da família, da sociedade e do Estado.” Além disso, o cuidado deve ser compreendido enquanto direito, com atenção a quem realiza também o cuidado, e incluso neste escopo os cuidados com o próprio corpo. Este direito inclui também a higiene. (MORENO, 2021) Nesse sentido, podemos refletir que lavar os cabelos, ação que integra os hábitos de higienização é por diversas vezes, como observado no campo, algo transformado quase que em um evento pela falta de tempo, e que se houvesse mais tempo seria repetido com frequência no cotidiano.

Torna-se necessário diante das colocações, trazer a reflexão e discussão primeiramente acerca do conceito de cuidado e sua relação com o gênero para compreensão de que tipo de cuidado é trabalhado neste âmbito. Deste modo, não existe em espanhol e tampouco em outros idiomas uma concordância na tradução da palavra *care*, (CARRASCO, BORDERÍAS; TORNS, 2011; CAILLÉ, 2014). Caillé (2014) utiliza o termo *care* em inglês assim como outros autores por considerar complicada a transposição deste termo. Ele apresenta uma compreensão maior do que consideramos cuidado em português, em francês a ideia que se tem desta palavra considera também outras dimensões como a: “preocupação, atenção, solicitude, compaixão, benevolência, etc. – que oscilam entre dois extremos: a dimensão técnica

do atendimento e a dimensão do altruísmo, da caridade e da piedade.” (CAILLÉ, 2014, p. 43-44) Nesse sentido, desvela sentidos incluídos no cuidado que nem sempre são considerados e amplia a dimensão do nosso olhar para estes elementos envolvidos no âmbito do cuidar.

Este autor contribui também ao trazer a obra: *Ensaio sobre a Dádiva* (1923-1924) de Marcel Mauss onde em suas investigações argumenta que em sociedades antigas o sistema utilizado não era baseado em uma lógica de trocas e contratos estipulados ou mercadológicos, na realidade tratava-se de uma obrigatoriedade de aparentar diante daquela sociedade que se é capaz de retribuir generosamente, dado a este comportamento um alto valor moral. Porém, estas práticas não se tratavam de caridade e sim de “rivalizar essa generosidade” como nomeia o autor, ou seja, uma disputa para se mostrar mais generoso, pois desta maneira demonstra-se alguma espécie de poder perante aos demais, assim, os que não poderiam retribuir eram inferiorizados. No entanto, esse embate generoso substituía outros confrontos físicos como batalhas sangrentas, guerras, dentre outros, portanto, o que se estabelecia era um acordo, ou seja, um ato político, pois mantinha laços e práticas necessárias para um funcionamento menos fatal daquela estrutura social.

Ainda tratando-se de reciprocidade, Caillé (2014) aponta ser esta uma das dimensões que compõe a transposição teórica *de care*, ocorrida inicialmente no debate feminista nos últimos 20 anos segundo o autor. Assim, a reciprocidade passa à benevolência (que trata de que alguém deve se preocupar conosco) e posteriormente avança ao *care*. Este aspecto irá afetar também a constituição do sujeito, pois possuir esta disposição de poder ofertar favorece o sentir-se sujeito. (MAUSS apud CAILLÉ, 2014, p. 46). Diante disso, podemos refletir acerca de como algumas das relações sociais atuais, afetivas ou não, estão condicionadas a esta reciprocidade moral de devolução de algo que nos foi dado e em como na lógica de uma rede há essa troca entre os membros ou instituições envolvidas.

Gilligan (1982) deu início a formulação teórica de *care*, para ela às mulheres desenvolvem mais uma moralidade que os homens, pois se encontram mais preocupadas com os indivíduos enquanto seres singulares, com os sofrimentos de cada caso e os homens com sua atenção no todo, na generalização. Deste modo, elas acabam por ter um maior desenvolvimento da dimensão do cuidado.

De acordo com Caillé (2014), as teorias de *care* irão partir dessa primeira formulação de Gilligan (1982). Com atenção a não trazer com estes estudos

compreensões que acabariam limitando as mulheres ao lugar de cuidado de outros como se isso fizesse parte de um feminino ou um lado emotivo da mulher.

Diante do que foi exposto, em uma abordagem que leve em conta a integralidade do cuidado, como pretendida neste caso, podemos observar a ligação do âmbito pessoal, ou seja, da “organização diária da vida individual e familiar com as estruturas sociais”, estas duas sob a ordenação e regulação das políticas públicas. (FAUR, 2014, p. 27) Com isso, é possível compreender que o cuidado não está restrito à esfera domiciliar e individual das pessoas, ele também é um bem público indispensável. (ABRAMO, 2021) Ao realizar uma análise macro desta questão, são apresentados desafios teórico-metodológicos que necessitam da “avaliação do papel do Estado na organização da política social do cuidado.” (FAUR, 2014. p. 26)

Portanto, com relação à responsabilidade do Estado citada, envolve-se a sua capacidade estatal com elementos como: “cobrar tributos, prover bens e serviços, fazer cumprir contratos e proteger direitos.” A capacidade estatal é ainda, um processo temporal, ou seja, é realizado um recorte e uma análise de um dado momento, (a depender de algumas capacidades, estas podem perdurar por muito tempo). Deste modo, o Estado deve estar nos territórios com seus serviços e promover a mudança de vida que apareça no cotidiano da população. (SOUZA, 2017, p. 217)

2.4 Sofrimento social

Com relação ao sofrimento pode-se pensar em um primeiro momento que ele está ligado somente a questões psíquicas, entretanto, possui também enlaces e relações causais políticas, econômicas, sociais e culturais. Torna-se assim um elemento básico a observação de como o poder (seja ele na esfera política, econômica ou nas instituições) está ligado às vivências e atitudes, como as de reação da população aos acontecimentos do dia a dia. Este sofrimento está ligado às “políticas e economias da vida”, como chama o autor, e podemos verificá-las em situações e estruturas “históricas e sociais específicas”. (VICTORA, 2011, p.05) Informações estas que se compreende (ao ter em vista a pesquisa em questão), que as características deste sofrimento possuem variações de acordo com cada local e as práticas políticas que são realizadas nele. (SANTOS; SOL; MODENA, 2020)

Outro ponto fundamental é de que não se trata aqui de um sofrimento individual, mesmo que este apareça inscrito no corpo em separado das pessoas. O sofrimento social não possui somente os aspectos das questões que envolvem a sociedade, mas também das vivências sociais e culturais que temos e, é este processo social inscrito

no corpo dos sujeitos que são históricos, pois, não nos encontramos fora da historicidade, nosso corpo também se encontra dentro de um tempo histórico, reflete as mudanças, as estabilidades e desestabilidades dos momentos. Portanto, “o sofrimento social é social não somente porque é gerado por condições sociais, mas porque é, como um todo, um processo social corporificado nos sujeitos históricos.” (VICTORA, 2011, p.04)

Assim, Das (1997) em seu exercício repetitivo de escrita e trabalho na compreensão dos sentidos da violência sofrida pelas mulheres na Índia, encontrou uma dor a qual as Ciências Sociais podiam explicar. Durante vários anos em realização de trabalhos de campo nesta temática, ela encontra então “muitas linguagens da dor”. Afirma ainda que o que faz são tentativas, pois nesse esforço de escrever sobre a dor, algo escapa, que estaria no desafio da escrita sobre a dor e o sofrimento, o que é não é considerado uma tarefa fácil, pois surgem dúvidas como por exemplo a que gênero narrativo utilizar para tratar deste tema. (PARREIRAS, 2018)

Deste modo, Veena estuda e escreve acerca de um evento de grandes dimensões que é a Partição da Índia em um momento histórico em que o país se liberta do colonialismo, e demonstra que foi uma violência também cotidiana, pois é algo que fica introjetado nos dias que se sucedem. Além de ter envolvido toda a coletividade e que teve, segundo a autora, um número estimado de aproximadamente cem mil mulheres raptadas e estupradas de ambas as nações envolvidas. Portanto, trata-se de narrar como os corpos femininos são utilizados a força, sem nenhum tipo de autorização e nesse processo de dor acabam por “participarem” da formação de uma nova nação, a Índia. (PARREIRAS, 2018; DAS, 2020)

Nesses raptos de mulheres, por exemplo, Veena relata que houve uma movimentação de pressão dos familiares junto às autoridades para reclamar está e todas as demais perdas, pois tudo foi perdido nos conflitos com derramamento de sangue. Com esta ação a população criou uma forma de fazer com que o Estado então se responsabilizasse por buscar uma solução, traçar estratégias e acordos para a devolução e trocas dessas mulheres de ambas as nações envolvidas, Índia e Paquistão. E também: “aprenderam que reivindicar direitos sobre as mulheres de sua própria comunidade poderia ser visto como um assunto legítimo do Estado.” (DAS, 2020, p.37)

Neste contexto, Das (2020) mostra que havia ainda discursos utilizados pelas famílias como o de que o corpo das mulheres era em suas convicções puros e após

os estupros estes deixavam de ser, na concepção de que foram violados. Entretanto, a autora apresenta muitas complexidades envolvidas neste aspecto, pois a questão da violência não deixa de se estender também às práticas dos profissionais envolvidos diretamente com a população atendida, assim como é demonstrado no trecho abaixo em que os profissionais que atenderam as mulheres envolvidas no conflito colocam as problemáticas apresentadas por elas:

Senhor, nós, assistentes sociais que estamos intimamente associadas ao trabalho, somos confrontadas com muitas questões quando nos aproximamos de uma mulher. As mulheres dizem: “Você veio para nos salvar; você diz que veio para nos levar de volta para nossos parentes. Você nos diz que nossos parentes estão ansiosos para nos receber. Vocês não conhecem nossa sociedade. É o inferno. Eles vão nos matar. Então, não nos envie de volta. (DAS, 2020, p.42)

No entanto, após a mensagem transmitida acima, as (os) assistentes sociais deram prosseguimento ao que já estava elaborado de devolução das mulheres a suas famílias sob a justificativa de que as profissionais conhecem a realidade que fora apresentada. (DAS, 2020)

A autora afirma ainda que a imagem circulada naquele meio da mulher raptada no cenário de caos e instabilidade tanto social quanto sexual, gerou uma situação propícia para o Estado estabelecer um tipo de “*contrato social entre homens encarregados de manter em suspenso a violência masculina contra as mulheres*”. (DAS, 2020, p.35) Demonstra assim, que a nação que surgia era a masculina, em que controlava e dominava os corpos femininos com fins restritos como os reprodutivos e sexuais. Ou seja, entende-se que ambas as nações cometiam abusos contra estes corpos femininos e apenas pararam para restabelecer suas ordens próprias de dominação como Veena apresenta:

Assim, a história sobre rapto e recuperação funciona como uma história fundamental que autoriza uma relação particular entre contrato social e contrato sexual – sendo o primeiro um contrato entre os homens para instituir o político e o segundo o acordo para circunscrever as mulheres ao âmbito doméstico sob a autoridade da figura do marido/pai. (DAS, 2020, p.35)

Diante do exposto, Das (1997, p. 67) se questiona então, em como diante deste “cenário de devastação”, termos dela, alguém pode habitar um ambiente que foi transformado ao ponto de se tornar comovente, após os acontecimentos violentos que foram vivenciados. Além disso, a autora defende a importância de se buscar saber as consequências do horror, não somente do ocorrido com as mulheres, mas a todos, inclusive no que tange às nações.

Veena faz ainda uma invocação para sairmos do evento extraordinário que

ocorre no âmbito macro e descemos. A palavra utilizada pela autora é “descer”, o que se compreende ser cabível para este modelo no qual estamos vítimas dessa violência vinda de cima, ou seja, realizada pelos detentores de poder, o Estado neste caso em que estamos tratando. Assim, ela propõe esta descida até as vítimas que sofrem dia após dia com os fatos ocorridos como demonstra Das (2020, p.112).

Diante disso, para Veena Das, o que acaba por ocorrer, é que o poder social provoca feridas também. Em sua inserção no campo de pesquisa, ela afirma que era como um ferimento que estivesse se aberto inesperadamente destruindo ligações que haviam, com relação ao evento violento que tinha ocorrido, tanto que sua entrada no campo não foi como de costume é a dos antropólogos que vão aos poucos se situando e se fazendo entender para os outros. Dentro do âmbito do sofrimento social, estão atuantes diversas forças como as políticas, econômicas e institucionais que em suas práticas provocam reações nas pessoas que fazem elas agirem frente a estas situações onde nomeamos que o sofrimento está presente. (PARREIRAS, 2018; DAS, 2020)

Veena Das questiona como será que as pessoas dão nome a violência? O que estão a dizer que é a violência? Como estão contando sobre isso? O que estão a dizer acerca deste fato? Para isto, ela compreende que o lugar mais cabível para esta busca é o cotidiano, pois estas informações estão no ordinário, na vida que acontece diariamente. Assim, ela fala de uma dor, que se trata deste sofrimento social, que pode também ser física. Pois a dor física pode advir deste sofrimento. (PARREIRAS, 2018)

O Estado, responsável por organizar, implementar e gerir as políticas públicas, formula também índices, pois é necessário para saber por exemplo da medida de tais necessidades populacionais. (SOUZA, 2008.) No entanto, ao tratarmos do tema do sofrimento, nem sempre ele é algo passível de medições, em muitos casos esta temática não é sequer mencionada. Porém, são construídas categorias para trabalhar este sofrimento, como por exemplo: “a categoria de vulnerabilidade social vem da saúde e o Estado se apropria dela e passa a medir vulnerabilidade” e então é formado um índice. (PARREIRAS, 2018; DAS, 2020) Outro exemplo apresentado por Parreiras (2018) é o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). O IDH mede e compara indicadores, levando em conta três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, renda e educação e o faz através de alguns itens, sendo os principais deles de “riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade entre outros” (PARREIRAS, 2018; BLUME, 2017), esses dados quantitativos são essenciais

para evidenciar aspectos e conseguir com eficácia o que é necessário para a população que se pretende atender.

Como Parreiras (2018) afirma, podemos refletir acerca de que esse sofrimento pode estar no silenciamento de algumas pessoas, decorrente da própria violência sofrida. Veena (2020) adverte, a exemplo do caso Indiano, que não é apenas o “silêncio” que está em questão e sim também o fato de quem permite a fala das mulheres e as transmuta em outros sentidos como no exemplo de uma mulher em que sua fala percebe-se pertencer a outras pessoas.

Silenciar pode ser utilizado até para a defesa de uma ocorrência mais violenta, além de que há violências que permanecem por um período de tempo como um conflito entre nações como este citado por Das (2020). Sandra Duarte de Souza (2020) discorre acerca de como nas violências contra as mulheres o silenciamento é imposto, se apresenta de várias formas e sobre os efeitos da quebra deste silêncio:

Contar a violência sofrida implica romper o silêncio que envolve essa experiência e, portanto, a solidão que amedronta e imobiliza. O segredo acerca da violência contra as mulheres a tem perpetuado. Dizê-la é confrontar os regimes de verdade. (DE SOUZA, 2020, p. 339)

Das (2008, p. 410) traz contribuições para esta discussão quando afirma ainda que os discursos científicos podem omitir a experiência das vítimas, não que defenda que as falas das pessoas não necessitem de uma reflexão intelectual, no entanto, os profissionais podem levar “a uma transformação do sofrimento elaborado por profissionais que tiram a voz da vítima e nos distância do imediatismo de sua experiência.” Pois, quando essa voz reverbera muitas vezes se trata de um discurso que não é próprio, que é do outro, mesmo que esse outro seja uma instituição como o Estado, muitas das vezes não é uma fala que a pessoa queria dizer. Fator que se buscou ter atenção em um trabalho como este.

Nesse sentido, a autora discorre ainda acerca de como este tipo de prática é uma “Tática do Estado para evitar sua responsabilidade.” E afirma que a violência não é somente física, ela permanece também no pensamento de que as coisas não estão como e onde deveriam estar, há algum caos percebido pelas pessoas que faz com que sua confiança seja afetada. E assim observa-se o medo na vida cotidiana, mesmo que não seja de um evento que ocorreu propriamente. (DAS, 2020, p.23)

Em se tratar de medo no cotidiano, um outro meio utilizado pelas mulheres para se locomoverem da localidade e na cidade é o transporte por aplicativo de celular como o Uber, algo que foi observado no campo, entretanto, em muitas ocasiões

quando pedi este tipo de transporte para ir para casa, principalmente, depois das 19h da noite, é que os motoristas me perguntavam logo após eu confirmar o bairro, se o destino era nas “casinhas”¹³ e me via obrigada a responder que meu destino ficava duas ruas antes, logo eles se utilizavam da justificativa da periculosidade do local e do horário. No entanto, mesmo de dia os motoristas se mostravam preocupados quando ao destino. Nas primeiras vezes em que tal situação ocorreu, refleti e me perguntei se no caso eu morasse nas casinhas se me levariam até a minha residência.

Relacionado a estes elementos de medo e violência no cotidiano, me recordei de uma outra situação no campo em que presenciei uma mulher em risco e que não estava indo para sua casa dentro de um carro da Uber por exemplo, ela estava a pé sozinha em uma avenida deserta por volta das 23:30h de uma noite de chuva fina e residia no conjunto habitacional.

Era um dia de semana e eu estava voltando para casa com minha mãe de carro, quando avistamos a mulher negra jovem de roupa social de trabalho caminhar rápido pela beira da pista. Quando ela estava a passos de iniciar seu andar por uma parte da avenida de principal que falta iluminação pública a anos em um dos postes e há matagais altos dos dois lados, um homem que estava do outro lado da rua de bicicleta virou para o lado dela, disse algo e fez um movimento de atravessar em sua direção, a mulher olhou para o homem e com aparente medo se virou para a frente e apertou ainda mais o passo. No momento em que vimos esta cena, percebemos que uma violência poderia acontecer se não fizéssemos nada, diante disso, paramos o carro mais a frente e fizemos sinal para que ela entrasse. Ela entrou muito rápido no carro, quase a se jogar e também fechou a porta atrás de si do mesmo modo apressado. Minha sensação era de nervosismo em meio a um resgate perigoso.

Quando ela entrou no carro, quis “puxar assunto” para que pudesse sentir que não representávamos perigo a ela, pois tentei me imaginar em seu lugar de ter que entrar em um carro de pessoas estranhas com mulheres que ela nunca viu e não sabia se podia confiar também. Disse a ela que ao ver a situação fiquei com medo dela ser assaltada, (na verdade, era evidente o medo maior do estupro naquele momento, pois ela estava a poucos passos de uma área sem habitações, com matos altos, mata

¹³ “Casinhas” é uma denominação popularmente conhecida pela população da cidade, para se referir aos conjuntos habitacionais. Alguns chamavam de “casinhas da rosinha” em alusão a prefeita em gestão na construção. (FERREIRA, 2019) O termo “casinhas” é utilizado frequentemente como ponto de referência de motoristas de aplicativos para se localizar dentro do bairro.

fechada e escuridão dos dois lados da pista), mas não falei isso para não a deixar ainda mais nervosa do que já aparentava estar. Entretanto, ela logo discordou de mim dizendo: “Não estava com medo de assalto não, estava com medo de coisa pior!” Assim que começaram as casas na pista novamente ela disse: “Pode me deixar aqui mesmo, porque aqui não acontece nada não.” E dissemos que íamos deixar ela mais perto de casa e a deixamos na rua 1 do conjunto habitacional onde ela indicou, nos agradeceu e seguiu pela rua para sua casa.

No entanto, este não foi o único acontecimento com a ocorrência de violência, em janeiro de 2023, em um grupo online do bairro no aplicativo *whats app*, foi relatado como modo de alerta às outras mulheres, que uma outra mulher havia sofrido um assalto e uma tentativa de estupro no mesmo local citado acima do acontecimento anterior, onde localiza-se um matagal e a passagem pelo trecho torna-se quase que obrigatória, pois trata-se do início da rua principal que fornece acesso a todo o bairro. Não consegui a informação se estas mulheres destes casos citados acima eram mães, entretanto, poderiam ser, pois a violência sexual não escolhe suas vítimas como sendo ou não mulheres com filhos. (LIMA & ALBERTO, 2010).

Neste acontecimento podemos notar, portanto, que a construção do conjunto habitacional por parte de um ente estatal, sem a atenção às políticas de cuidado e a especificidade das necessidades de gênero, das mulheres neste caso, e/ou a atenção ao transporte coletivo público com horários após às 22h, podem contribuir para a ocorrência de situações de violência como esta, e a dores que são decorrentes destas ausências do Estado, como vimos ser trabalhado por Das (2020) e Fernandes (2020).

Nas observações realizadas nos horários comerciais, de manhã cedo ou no fim do dia, notou-se que a avenida principal do bairro que fornece acesso ao conjunto, é tomada por multidões de bicicletas com homens e mulheres de todas as faixas etárias, de tal modo a até mesmo dificultar o trânsito de todos que passam pelo local, tamanho o volume de pessoas. Evidencia-se assim, o principal meio de transporte utilizado por grande parte da população da localidade para se locomover até o trabalho, além de retratar também de que segmento social estamos tratando e mostra somente o início das dificuldades diárias da classe trabalhadora em uma periferia.

É um meio de locomoção ainda para o transporte de crianças, assim, no que tange às estratégias de cuidado na criação dos filhos, observou-se que a maioria das pessoas que levam as crianças pequenas para a creche, sendo elas muitas mães negras e alguns avós e pais, se locomovem até o local andando ou com a utilização

de bicicletas que já possuem cadeirinhas acopladas para crianças. Nota-se assim como neste local esta responsabilidade de transporte em segurança para a instituição pública é deixada a cargo da família.

Relacionado a isto, houve um acontecimento, era Novembro de 2022, às 09:50h da manhã, em um dia de jogo do Brasil na Copa do mundo, o tempo se encontra nublado mas sem chuva, chego à rua principal Rosa Montesano e ela se encontra com movimento mediano, quando passo pela calçada do local da foto abaixo, (que se localiza na entrada do conjunto habitacional), uma mulher cai da bicicleta, não aparenta se machucar gravemente mas reclama de dor, rapidamente comerciantes e pessoas que passavam pelo local correm para ajudá-la, exatamente no ponto onde ela caiu há buracos extensos e água suja parada que contribuíram com sua queda como podemos observar no registro em foto abaixo:

Figura 9 - Rua Rosa Montezzano



Marcado com setas em vermelho os buracos no local em que a moradora caiu e em amarelo os comércios do início das casas do conjunto habitacional. Fonte: elaboração própria.

Os transeuntes logo começaram a reclamar dos buracos que também conhecem e sabem da existência. Os alagamentos em determinadas ruas e casas costumam ser frequentes no bairro em períodos de chuva, entretanto, o conjunto habitacional em si, não se encontra alagado em período nenhum. No entanto, este ponto de alagamento se situa na entrada do conjunto, a poucos metros do salão em

sua via principal de acesso, deste modo, coloca nesta situação mostrada também aos moradores do conjunto.

Com isto, notou-se que alguns moradores do conjunto habitacional prestaram sua solidariedade no grupo online do Whatsapp do bairro aos demais moradores ao verem os vídeos postados no grupo a mostrar a água entrando nas casas e as ruas cobertas de água, a impossibilitar os demais moradores de saírem de casa no período de chuvas com maior incidência dos anos de 2022 e 2023. Deste modo, os moradores do conjunto afirmaram que não estavam passando por este problema, mas se colocaram à disposição para contribuir com os demais moradores do bairro. Inclusive um morador do conjunto habitacional se queixou da condição do bairro devido a seus pais viverem em uma das ruas que alaga com frequência.

Ferreira (2019), trata sobre a relação de confiança existente entre os moradores do conjunto habitacional onde situa-se o salão, e foi possível visualizar este aspecto nas conversas entre as pessoas, como já se conheciam, havia uma liberdade de perguntar sobre a vida uma da outra e saber de mazelas complexas como o desemprego, problema este que não era naturalizado entre elas, pois depois das falas difíceis de cada uma, todas se calavam. Notou-se este cuidado entre as mulheres mães.

Também era costume no salão as conversas terem a participação de quem estava presente, porque eram ditas em tom de voz alto, e todas as mulheres davam opinião nos assuntos que estavam sendo colocados, sem que isso soasse algum tipo de intromissão, era uma prática aceita. O incômodo aparecia se a cliente ficasse muito calada e então, as profissionais realizavam alguma pergunta para que a cliente falasse de si, era como se compartilhar a vida fizesse parte daquele momento e ambiente.

Observou-se ainda em alguns momentos, mulheres mães negras com olhares e corpos cansados e cabisbaixos, os movimentos lentos, o andar arrastado e o corpo emborcado. Em um dos dias de trabalho de campo, duas destas mulheres permaneceram um tempo considerável de mais de uma hora, da forma citada. Principalmente quando chegam ao salão e têm que esperar pela sua vez, algumas perguntam se há muitas pessoas em sua frente e combinam de retornar depois.

Fernandes (2020) descreve em seu trabalho o “nervoso” das mães em um território racializado, frente as inúmeras dificuldades e problemáticas que se apresentam neste contexto. No caso em questão, foi possível perceber além deste “nervoso”, também aspectos opostos ao da agitação, que são aqueles da tristeza, do

desânimo, da lamentação e da aparente falta de forças que surgiu também nas reclamações delas. No entanto, ao término dos procedimentos e visualização dos resultados finais a postura corporal destas mulheres muda, a coluna se ergue e aparentam se sentirem confiantes. Deste modo, o salão de beleza é compreendido como um espaço de bem-estar (BOUZÓN, 2010), e ainda de “lazer, de relaxamento” de acordo com Pupa, (2012, p. 106).

Deste modo, nas observações realizadas foi possível notar que pertence ao cotidiano de várias mulheres mães do conjunto habitacional e do bairro transportar até mais de uma criança nas bicicletas, meio de transporte este presente em massa nas ruas. A imagem acima demonstrou os perigos em que as pessoas estão submetidas ao passar pelo local e em como a ausência do trabalho do Estado, (nesta situação na rua), possui efeitos no bem estar, na dor e nos sofrimentos expressos em uma saída de bicicleta como foi exemplificado. (FERNANDES, 2020; DAS, 2020)

2.5 Como as mulheres mães tornam seu “mundo habitável”? A vida cotidiana após os sofrimentos sociais

A pesquisa se volta então para o mês de fevereiro de 2023. Muitas pessoas param na porta do salão só para conversar com Dora e Nakia, enquanto elas estão em atividade ou descansando. O ambiente em que Dora trabalha localiza se no fundo do salão, longe da porta, mas elas conseguem se comunicar ao elevar o tom de voz para ser possível uma ouvir a outra. Uma mulher mãe já conhecida de Dora parou na porta do salão somente para contar de um problema que está passando com o filho. Ela estava em pé com o filho grande, já com seus 5 anos no colo, a criança com a perna engessada em uma extensão do pé até o quadril. Dora pergunta interessada acerca do que ocorreu com a criança, a mulher mãe então conta como o filho se acidentou e acrescenta um comentário acerca do momento do atendimento em um setor de saúde: “O médico disse que as outras crianças choram muito e ele não chorou”. Dora a advertiu ao dizer: “Quando tirar o gesso estará tudo preto! Mas é só sujeira.” Deste modo, interpretei como uma forma de uma mãe transmitir um conhecimento já adquirido e tranquilizar a outra mãe para não se assustar com a perna preta do filho quando o gesso for tirado.

Pude notar também trocas de informações entre as mulheres mães sobre o Programa Bolsa Família, pois afirmaram serem beneficiárias, onde compartilhavam uma com a outra se já tinham ido realizar a pesagem das crianças e sobre onde marcar nutricionista para os filhos de forma gratuita. Compreendi serem estas algumas

das exigências do programa e que elas realizam estas trocas de estratégias para a garantia do recebimento do benefício. Do mesmo modo, houve outro momento em que a cabeleireira indica a uma mulher mãe com uma bebê de colo, um remédio que age causando fome e sono no bebê com o intuito de "largar o peito" da mãe, em suas palavras, para passar a utilizar a mamadeira:

"Mas isso não faz mal não Nakia?" (Roberta – mulher mãe), (informação verbal)

"Não! É vitamina! Daniel (se referindo ao seu filho) toma!" (Nakia-cabeleireira), (informação verbal)

"É verdade gente, dá um sono danado, eu tomo!" (Outra cliente), (informação verbal)

"Dá sem pena, porque é vitamina mulher! Experimenta Musilon de aveia! A criança só vai mamar mamadeira quando tiver com fome." (Nakia-cabeleireira - informação verbal)

Em outro exemplo no campo neste sentido, uma mulher grávida com a barriga esticada, devido ao tamanho, passou na rua e as mulheres no salão exclamaram: "Olha já está para nascer!" Naquele momento me indaguei em como elas conseguiam realizar aquela afirmação com tamanha veemência, pois a meu ver há mulheres grávidas com a barriga já grandes que não estão próximas ao momento do parto. Entretanto, elas confirmaram seu saber, pois quando a mãe passou novamente em frente ao salão, a indagaram: "De quanto tempo você está?" e ela respondeu: "9 meses já! Tá pra nascer a qualquer hora!"

As situações narradas são alguns exemplos de como estas mulheres mães negras utilizam a sabedoria que possuem (COLLINS, 2019) e às transmitem a outras mulheres no transcorrer dos dias. Fernandes (2020) discorre acerca desta aprendizagem que o cuidado com os filhos requer, e que segundo a autora é realizado no cotidiano. Além de implicar em aceitar a carga de cuidados necessária para exercer este papel como a autora discorre:

Nessa lógica, aprender a criar uma pessoa envolve um trabalho de aceitação da carga de compromissos de cuidados, no qual é preciso dosar uma relação de poder e "respeito". Nesse sentido, educar e formar pessoas requer um aprendizado somente possível na experiência do dia a dia e envolve um trabalho prioritário de se conformar a condição de mãe. (...) Nessa chave, este recurso indicaria um esgotamento ou falência do "saber ser mãe". (FERNANDEZ, 2020, p. 164)

Neste contexto, Fernandes (2020) trata ainda sobre o uso da autoridade das mulheres mães, compreendido, de certo modo, como forma de educação, como um instrumento para que as crianças não tenham comportamentos considerados desviantes socialmente e se constituem como uma estratégia das mulheres mães na criação dos filhos.

Com isto, através de uma educação nestes modos, mulheres buscam romper com as promessas dirigidas às crianças negras e pobres de classes populares, tratadas pelas instituições locais como crianças com potencial para o crime, a exemplo da tentativa de implantação de uma ronda policial nas creches públicas durante a pesquisa de campo. (FERNANDES, 2020, p.172)

Com relação a este aspecto da educação, Katia, mulher mãe professora, apresentou em certo dia no salão para as demais mães presentes, alguns de seus valores para a educação dos filhos e de sua experiência profissional como professora, onde discorreu acerca de sua não aprovação do uso abusivo de celular pelas crianças. Afirmou observar que o aparelho distrai as crianças, a ponto de não aprenderem o que precisam. Além disso, ao escutar a cabeleireira dizer que os próprios filhos rabiscavam as paredes todas de casa, afirmou que no seu caso seus filhos “não davam trabalho”, em suas palavras, não rabiscavam as paredes, pois ela entregava papéis e dizia para eles que não poderiam rabiscar as paredes, que era para riscarem os papéis.

Neste movimento de aprendizagem e trocas de informações entre as mulheres mães podemos observar um processo histórico, pois no século XIX, em São Paulo por exemplo, as mulheres pobres circulavam pela cidade com uma certa autonomia e improviso em suas vidas que refletia o abandono dos poderes sobre elas. Assim, estas mulheres se dirigiam frequentemente a sua vizinhança e a pessoas ligadas por relações de parentesco, onde realizaram acordos verbais para fins de resolução de necessidades. Na rotina, os improvisos ocorriam para a subsistência por meio de conversas, busca por proteção e por informações em “rede de conhecimentos que contribuía neste processo de sanar algumas necessidades pessoais. (DIAS, 1984, p.20)

Com relação a estas estratégias de acordos e meios de subsistência foi observado a questão do pagamento dos serviços no salão, assim, em alguns momentos as clientes vão ao salão às vezes somente para realizar algum pagamento posterior ao serviço ter sido realizado. Presenciei uma mulher chegar com uma nota de 20 reais, cumprimentar a manicure, entregar a ela e ir embora. Outras mulheres agiam do mesmo modo. Algumas enviavam os filhos crianças para devolver alguma roupa que havia levado para casa para experimentar e enviavam o recado pela criança de que a roupa não serviu, mas que voltariam ao salão depois para ver outras peças.

Ainda com relação aos pagamentos, começaram em certo momento, a aparecer pessoas a realizar, de modo sutil, cobranças, como um vendedor de mantas e tapetes

e um marceneiro, as cobranças são direcionadas primeiramente as donas do salão, entretanto, as frequentadoras assíduas do salão também compram. O cobrador foi até o final do salão e cumprimentou uma das clientes que também havia realizado compras com ele, ela cumprimentou de volta e disse sorrindo de modo satisfeito: “Depois acerto com você, hoje não, hoje é meu dia de beleza!”. Ela realiza diversos procedimentos no salão como: retirada das cutículas e pintura das unhas com decorações; colocação de cílios; e com frequência compra também roupas no local. Notei ainda que ela vai para o seu dia de beleza com as roupas novas que comprou na semana anterior.

Observou-se assim diversos momentos de práticas que contribuem para tornar a *vida habitável* (DAS, 2020) destas mulheres mães. Para Das (2020) as mulheres, após serem vítimas da violência advinda dos sofrimentos sociais, ou seja, das violências por parte do Estado e dos homens (FERNANDES, 2020), elas realizam o processo de luto da dor sofrida também na vida cotidiana, “ordinária” nos termos da autora, para então poderem seguir dia após dia.

Pierobom (ANO), tendo em vista Das (2020), e sua explanação acerca da vida ordinária, se interessa em sua pesquisa sobre a vida das mulheres em exceção ordinária, um viver em que aparecem cotidianamente as tensões como por exemplo o “não ter água”, as incursões policiais com o uso de violência, . Deste modo, não se trata de um dia a dia em que os acontecimentos se repetem em uma rotina demarcada, eles variam.

Com relação a este cotidiano, para tentar compreender como estas mulheres que possuem uma vida com demandas e responsabilidades quase que infinitas (MORENO, 2019), conseguem um tempo para o cuidado de si, foi perguntado em entrevista como elas organizam suas vidas para ser possível um momento para ir ao salão, no que responderam: “Venho depois do almoço, no horário de almoço do serviço” (Linda), (Informação Verbal); “Dou o espaço de uma cliente e outra para vir ao salão” (Isabela) (Informação Verbal) e “Acordo cedo, limpo a casa, faço almoço e na parte da tarde consigo vir ao salão” (Denise), (Informação Verbal).

Diante deste horário escasso apresentado acima e das dificuldades cotidianas, as mães afirmaram somente conseguirem realizar algum cuidado consigo aos finais de semana. Momento em que vão ao salão, que lota aos sábados e saem à noite para lugares distintos, algumas vão a eventos de suas igrejas, outras para “resenhas” como

elas disseram, que se tratam de eventos em casas de festas como podemos observar no diálogo a seguir:

"Onde que é essa resenha?" (Diamantina – mulher mãe), Informação Verbal)

"É lá no sítio" (responde Ingrid, outra mulher mãe cliente na faixa dos 40 anos), (Informação Verbal)

"A de hoje vai ser top também tá" (Dandara – mulher mãe), (Informação Verbal)

Com relação ao aspecto do lazer e do bem estar como descrito acima, podemos observar como o salão de beleza se constitui enquanto este lugar de autocuidado. (BOUZÓN, 2010; PUPA, 2012). Assim, as mulheres mães entrevistadas quando perguntadas sobre o porquê vão ao salão e o que sentem quando vão, responderam: "Porque me sinto bem, me sinto mais alegre e feliz quando saio daqui" (Linda), (Informação Verbal); "Me sinto bonita, me sinto cuidada" (Isabela), (Informação Verbal) e "Faz eu me sentir melhor, é o tempo que tenho para mim, para me cuidar." (Denise), (Informação Verbal).

Portanto, ao descrever e analisar os momentos no salão de beleza, observou-se este espaço se constituir em um local onde mulheres mães trocam informações de lugares para se divertir e se sentirem bem, compartilham saberes sobre a criação de filhos e contribuem com estratégias para solucionar problemas do cotidiano ou fora dele. Essas trocas são importantes para tornar a vida habitável das mulheres após os sofrimentos sociais, a dor e as violências. (DAS, 2020) Além disso, foi possível compreender a organização feita por elas para conseguirem um tempo para irem ao salão em meio a um cotidiano em que a dor (DAS, 2020) aparece de diversas formas, em uma rotina repleta de demandas, e descreve com as falas delas como percebem esta ida ao salão e a relação com o bem estar.

3. “ME SINTO BONITA, ME SINTO CUIDADA”¹⁴ - MULHERES MÃES NO SALÃO DE BELEZA

No capítulo anterior, o objetivo foi o de tentar fornecer compreensões ao que a pesquisa se propõe em seu objetivo geral ao compreender o sofrimento social presente na experiência cotidiana de mães e suas práticas de auto cuidados em um salão de beleza no conjunto de habitação de interesse social Morar Feliz da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro. Com isto, notou-se que uma das estratégias utilizadas pelas mulheres mães para tornar a vida habitável é o cuidado que lhes é possível como no salão de beleza. Salão este que será apresentado neste capítulo, logo na próxima seção com sua descrição.

Em seguida, apresento os relatos parciais das trajetórias de três mulheres mães Linda, Isabela e Denise¹⁵, as quais venho trabalhando neste texto, em conjunto as outras mulheres mães às quais conversei. Deste modo, os demais fragmentos das entrevistas que não se encontram nesta seção, estão localizados nas discussões dos outros pontos nos outros capítulos.

Assim, foram realizadas entrevistas, inicialmente conduzidas a partir de um roteiro de perguntas.¹⁶ Realizei perguntas a mais a depender de algumas respostas dadas por cada uma das entrevistadas. No entanto, como as três mulheres aqui citadas e as outras mulheres mães apresentam no salão um comportamento apressado, devido aos motivos discorridos neste estudo acerca da falta de tempo destas mulheres, o tempo de duração não obteve uma variação muito distinta de uma para outra, e se estabeleceu em aproximadamente 20 minutos. Todas as entrevistas e conversas foram realizadas dentro do salão de beleza a que o trabalho faz referência.

3.1 O Salão

No dia 12 de novembro de 2022, um sábado no final da manhã, andei em direção ao conjunto a pé e cheguei à avenida Rosa Montesano que é a principal e de maior movimentação de pessoas, procurava por um salão pequeno que já havia visto anteriormente, porém, ao andar o encontrei ao passar em frente pela calçada e visualizar os esmaltes e as poltronas dentro do estabelecimento, pois não há

¹⁴ Frase proferida por Isabela, 25 anos, em depoimento, no qual respondia uma pergunta sobre o que sente quando vai ao salão. Entrevista obtida em abril de 2023.

¹⁵ Todos nomes fictícios escolhidos pela pesquisadora.

¹⁶ O qual se encontra em anexo neste trabalho.

nenhuma placa de sinalização do salão com seu nome como costumamos observar em outros estabelecimentos semelhantes com o nome acima da entrada. Entretanto, há um grande fluxo de pessoas que transitam pelo local e comércios ao redor o que contribuem para o salão possuir um fluxo considerável de clientes.

Havia duas mulheres negras de pele retinta dentro do local, uma cliente (pois estava com tinta no cabelo) que contava algo para a outra mulher bem alto e animada, a outra, uma moça que aparentava ter menos de 30 anos mexia no celular enquanto escutava. A moça era Nakia (nome fictício), cabelereira de 24 anos, filha de Dora (nome fictício), mulher mãe negra de profissão manicure e dona do salão, com idade na faixa dos 50 anos, embora sua aparência aparentasse de uma mulher de 40 anos (algo que disse a ela) momento em que se vangloriou ao dizer: “E olha que nunca passei creme ein!”. Dora reside com três filhas, um filho e o marido no conjunto habitacional, sua casa é próxima ao salão localizado em outra casa.

O pequeno salão é localizado no quintal lateral da casa do conjunto, o ambiente estava um pouco sujo e com poeira, com muitas moscas a pousar o tempo todo, e a própria manicure comentou sobre a situação com aparente desânimo corporal e disse que naquele dia iria ter que limpar o local porque estava dando “mitinga”. (outra expressão, que parece ser para aliviar o peso da palavra, para se referir as moscas). Vale destacar que algumas semanas depois, elas fecharam o salão e reabriram com poltronas novas, algumas modificações no ambiente como reorganização, um espelho maior, alguns detalhes na pintura e adicionaram uma arara a mais com roupas para vender. Neste dia, estavam no salão: a mãe e filha proprietárias do salão, 3 clientes, duas mulheres negras e uma branca e duas estavam com seus filhos pequenos no local, a terceira o filho apareceu depois e logo foi embora, era maior, um jovem. Cheguei e tive que interromper a conversa para dizer que gostaria de marcar um horário para fazer a unha, Nakia me respondeu que a mãe dela não estava no momento, mas que falaria com a mãe e podia me marcar no horário das 14h.

Assim, me dirigi a pé, antes do horário combinado e assim que cheguei na rua principal que chega ao conjunto, fui surpreendida por uma mulher negra catadora de recicláveis que levava papelões e estava com um menino pequeno me parou pedindo algum dinheiro, dois reais se eu tivesse e entreguei o valor a ela. Como resido próximo já havia visto muitos catadores, inclusive por ter vizinhos que são catadores e saber de outros que também residem no local e das dificuldades que narram.

Residir neste local é ser avisada mensalmente, e às vezes semanalmente das dificuldades que os vizinhos estão enfrentando, como por exemplo da vizinha “mulher que possui muitos filhos”, assim é o modo como os outros vizinhos se referem, da família que está passando necessidade e precisa de alimentos e roupas, uma vizinha anuncia que está vendendo salgados e quentinhas, outra avisa estar vendendo doces, outra monta uma barraca de salgados na esquina da rua e uma quarta monta na frente da casa, todos vizinhos muito próximos, aos arredores. Morar neste local significa conviver diariamente com a falta de muitos.

Ao chegar ao salão, notei que as mulheres já se conheciam, possuíam algum tipo de relação por partilhar suas vidas privadas e suas angústias familiares com frequência naquele local a cada semana ao ir fazer as unhas e os cabelos. Eu não tinha este costume de ir ao salão, mas também comecei a me sentir melhor depois de ir, pois, o ambiente depois de alguns meses, de ter ouvido as mulheres e saber de suas vidas, e de ter criado afinidade com algumas, me remeteu a um encontro de colegas, pois pode-se observar que há relações já estabelecidas no local de longa duração e conversas íntimas relacionadas por exemplo a sexo, sexualidade e relacionamentos amorosos.

As profissionais perguntavam dos familiares de algumas clientes como se já os conhecessem. O ambiente era fraternal e de amizade. Uma das clientes por exemplo elogiou a roupa de Dora, disse a ela que ela estava certa de ir trabalhar arrumada, no que Dora respondeu firme e seria: “Antes eu cuidava de todo mundo, via todo mundo primeiro. Hoje não! Hoje cuido de mim”. Deste modo, notei que Dora com seu discurso já transmite uma mensagem para as demais mulheres presentes.

Porém, quando chega no ambiente uma cliente nova, ela não é tratada como as demais, e sim com uma aparente frieza. Passei também por este momento assim que cheguei ao local e estranhei este comportamento, porém, após alguns meses em que as trabalhadoras do salão e as clientes foram me fazendo perguntas sobre o que eu fazia, acerca da minha idade e de como era a minha família, a confiança foi sendo gerada e o modo de tratamento se tornou carinhoso. Assim que cheguei algumas conversas eram feitas em tons de voz mais baixo, em um dos primeiros dias, Nakia disse a uma cliente que iria conversar com ela depois que terminasse o meu cabelo, em suas palavras: “Vai ficar só a gente” e assim teriam um ambiente para uma conversa mais privada. A própria Dora, a dona do salão, disse certo dia que não concedia confiança a quem não conhecia: “Não sei do caráter da pessoa!”.

Ferreira (2019) discorre também acerca desta confiança na etnografia, onde leva um tempo no campo para ser estabelecida e exige informações acerca da vida do pesquisador (a). Os serviços oferecidos no local são: retirada de cutículas e esmaltação das unhas dos pés e das mãos, colocação de unhas postiças, unhas de Acrigel e cílios, além de procedimentos nos cabelos como tintura, hidratação e escovação. Somente mãe e filha trabalham no pequeno salão, a mãe realiza os procedimentos das unhas e a filha os demais. Os valores dos serviços oferecidos no salão são mais baixos se comparados a outros estabelecimentos pequenos de bairros de classe média.

Passei pelo salão todos os dias da semana, na parte da manhã ele se encontrava fechado na maioria das vezes e também aos domingos, entretanto, abria antes do almoço por volta das e funcionava até depois das 20h da noite. Ou seja, funcionamento pleno na parte da tarde e da noite. O maior movimento das clientes do salão começava na quinta-feira, sexta-feira era o dia mais movimentado e sábado se parecia com quinta, o que me surpreendeu, pois achava que sábado era o dia de mais movimento, porém, observei que na quinta após às 17h as mulheres já passavam pelo local voltando do trabalho e da porta do salão ou até mesmo da rua, falavam alto para que elas pudessem ouvir e marcavam seu horário da sexta-feira.

Às sextas e sábados costumam comparecer ao local as mesmas clientes, a variação ocorre próximo a feriados e datas comemorativas como o Natal e o Carnaval, em que aparecem muitas mulheres diferentes para marcar para fazer as unhas principalmente. Elas paravam em frente ao salão, na rua ou calçada, de moto, bicicleta ou a pé e perguntavam dali mesmo por preços e horários.

No salão, principalmente em dias de sábado, havia uma fila de espera por ordem de chegada para fazer as unhas, a espera chegava a demorar quatro horas e as mulheres conversavam enquanto sua vez não chegava. O menor preço cobrado pelas unhas era de 10 reais só a esmaltação (passar o esmalte), o valor de 15 reais era para a esmaltação e a retirada da cutícula e 30 reais este último a ser realizado nos pés e nas mãos. Estes eram os serviços mais realizados no local juntamente com a lavagem e escovação do cabelo com a finalização da “prancha”.

Nakia, no salão, é a principal responsável por ajudar (palavra utilizada por ela) às mulheres, se encontrava de modo constante a oferecê-las informações, ensinamentos, conselhos e alertas, a depender do que cada mulher trazia. Uma de suas irmãs, que ocasionalmente vai ao salão, certo dia, diante de um destes

momentos de ajuda, disse: “Fico feliz em ver as pessoas felizes”. Nakia foi a interlocutora que indicava as clientes para conceder as entrevistas.

Assim, como descrito, o salão se apresenta enquanto um local em que as pessoas falam bastante de si, contam de suas próprias vidas e das vidas de terceiros. Deste modo, acredito que foi propício buscar neste local os relatos em que apareceram as singularidades das vidas de algumas das mulheres negras que são apresentados a seguir.

3.2 Linda: “Para mim, nada é difícil nas dificuldades, têm os desafios.”

Certo dia Linda apareceu no salão com suas duas filhas, uma bebe no carrinho e a outra chegou até a manicure e pediu: “Tia, faz minha unha? Tá podre.” Disse em tom de súplica e tristeza, depois acrescentou: “Não conta para Bruna¹⁷ não.” se referindo a alguém próximo que não poderia saber daquele pedido. Deste modo, ela pedia para a manicure fazer a sua unha de modo gratuito e que não contasse a outras pessoas para possivelmente não reivindicarem também e evitar conflitos, no que Dora depois de um tempo respondeu: “Se quiser eu faço a sua rapidinho”.

Conheci Linda através de Nakia, a cabeleireira do salão. Ao explicar a pesquisa a Nakia e perguntar se poderia fazer as entrevistas com as clientes que fossem mais frequentes no salão, ela me perguntou quantas entrevistas eram e sugeriu que eu fosse no próximo sábado, pois neste dia estas pessoas estariam lá. Quando vi Linda, me lembrei de já tê-la visto outras vezes no salão a realizar procedimentos em seu cabelo. Me lembrei dela com uma relação íntima com Nakia, com brincadeiras entre as duas, eram amigas. Certo dia, elas conversavam gritando e rindo muito alto, no que a mãe de Nakia, Dora pediu desculpas as outras clientes e disse: “Elas estão achando que estão em casa, esqueceram que estão no salão” disse também rindo, no que Nakia se desculpou também sem graça.

No dia da entrevista, Nakia intermediou e quis explicar primeiro do que se tratava e perguntou se ela poderia conceder a entrevista, no que ela disse que podia e me direcionou até onde seria mais confortável para nos sentarmos e ficarmos mais afastadas das outras, no fundo do salão. Linda, possui 24 anos, se autodeclarou como mulher preta, concluiu o ensino médio e possui renda de um salário mínimo como autônoma. Reside no bairro Novo Jockey, mas morava em outro bairro antes de vir para este. Vai ao salão quatro vezes por mês. Perguntada sobre o que vai fazer

¹⁷ Nome fictício.

no salão e o que mais gosta de fazer respondeu: “Cabelo, unha, cílios e sobrancelha. Unha é o que eu mais gosto de fazer” (Linda – mulher mãe), (informação verbal).¹⁸ Afirmou ainda, residir com seis pessoas: “Minha avó, mãe, irmã, meus três filhos e eu. Um menino de sete anos, uma menina de dois e a outra três meses.” (informação verbal)

Perguntei se algum dos filhos de Linda eram pessoas com deficiência, no que ela respondeu que não. Além disso, sua irmã não tem filhos e faz parte da rede de apoio de Linda ao levar as crianças (sobrinhos) para a escola. Deste modo, notei através das respostas de Linda que ela é “separada” do pai dos seus filhos.

Um das falas de Linda me surpreendeu, na ocasião em que perguntei quais eram as maiores dificuldades que ela enfrenta nos seus dias, no que respondeu: “Para mim, nada é difícil nas dificuldades, têm os desafios.” (Linda – mulher mãe), (informação verbal).¹⁹

Neste trecho acima, ela visualiza as dificuldades enquanto desafios, expondo uma visão distinta do que eu havia pensado. Quando perguntei o que ela considera importante ensinar ou passar para seus filhos disse-me: “A respeitar os mais velhos, educação em primeiro lugar.” (Linda – mulher mãe), (informação verbal).

Perguntei ainda quais pessoas realizam a arrumação da casa? Quem faz o que? E o cuidado com os filhos? Quem cozinha? Quem cuida das crianças? Sua resposta foi: “Dividido entre as pessoas”. Ela respondeu com expressão séria e firme. Percebi que ela é uma pessoa séria na maior parte do tempo, ao observá-la em outros momentos, deste modo, não quis dar mais detalhes de sua vida mesmo sendo perguntada.

3.3 Isabela: “Rotina fica pesada nas férias!”

Nakia, me apresentou formalmente a Isabela, embora já a tivesse visto e ouvido no salão, assim como Linda, também havia notado a relação dela mais próxima a Nakia. Isabela, jovem assim como Linda, possui 25 anos, se autodeclarou como parda, concluiu sua escolaridade até o ensino médio e possui uma renda de 1.200,00 reais em sua profissão que está envolvida no cuidado com o outros ou outras, onde definiu da seguinte forma: “Trabalho na beleza”. (Isabela), (informação

¹⁸ Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em abril de 2023.

¹⁹ Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em abril de 2023.

verbal).²⁰

Reside no bairro do Jockey e vai ao salão quatro vezes por mês, de modo semanal. Sua vida guarda semelhanças com a de Linda, como por exemplo a sua condição familiar de moradia com a família nuclear, a diferença está no fato de ser casada, assim, quando perguntei com quantas pessoas ela morava e quais são seus familiares, respondeu: “Sou eu, meu marido, meus dois filhos, minha mãe e três irmãos.” (Isabela), (informação verbal). Ou seja, são oito pessoas no total. Acerca dos filhos respondeu que não são pessoas com deficiência e acerca da idade revelou serem “crianças pequenas”: “Quatro e três anos.” (Isabela), (informação verbal).²¹

Perguntada sobre o que considera importante ensinar ou passar para seus filhos, disse: “Educação, respeito e independência” (Isabela), (informação verbal). Assim como Linda citou a questão da educação como um valor a ser transmitido e o respeito. No entanto, ela acrescentou a independência dos filhos, o que considerei instigante. Diante disso, Silva (2020, p. 25) em seu trabalho acerca das mulheres negras na pós graduação, apresenta uma entrevistada que contribui para tentarmos compreender este aspecto, se trata de Diamantina (nome fictício), onde a autora a descreve como: “uma mulher preta de 50 anos, bailarina, jornalista e atriz” e apresenta seu aspecto: “Por já ter filhos adultos e independentes relata ter mais facilidade em organizar seus horários.” Deste modo, demonstra que uma mulher mãe querer filhos independentes possui sentido em seu modo de vida.

Perguntada ainda, sobre o que gosta de fazer em seus dias, disse: “Gosto de ver filme, descansar e **lavar roupa**” (Isabela), (informação verbal) (grifo nosso). Lavar roupa é uma informação que se destaca em sua fala por diferir das atividades ditas anteriores. Perguntei ainda o que acontece quando a escola e/ ou creche fecham? Como fica a rotina, nas férias por exemplo, no que Isabela afirma em um tom de reclamação acerca da dificuldade: “Rotina fica pesada nas férias!” (Isabela), (informação verbal).²²

O aspecto acima se configura como um dos desafios cotidianos enfrentados. Isabela quando perguntada sobre o que acha dos horários da creche municipal

²⁰ Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em abril de 2023.

²¹ Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em abril de 2023.

²² Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em abril de 2023.

afirmou: “Horários bons” (informação verbal), neste sentido, seu cotidiano se apresenta com um facilitador, pois, afirmou ainda que leva as crianças de carro para a creche. Sua fala vai de encontro ao que foi discutido anteriormente neste trabalho acerca da diferença que o tipo do transporte utilizado possui na vida e no tempo disponível das mulheres de acordo com Irene Quintáns Pintos (2019).

3.3 Denise: “Faz eu me sentir melhor”

Denise é tia de Nakia e possui 43 anos, a conheci quando fui ao salão no início do trabalho de campo, marcar um horário com sua sobrinha e esta não estava, na ocasião Denise aguardava Nakia para “fazer seu cabelo” e a ajudava ao fornecer informações as clientes que chegavam no salão em sua ausência. Deste modo, ela faz parte da rede de apoio de Nakia (a cabelereira) que também é mãe. Observou-se este aspecto também quando após a entrevista, Nakia pediu um antialérgico a tia, que se levantou para procurar em sua bolsa que estava distante e após a procura respondeu com uma voz (em tom de cansaço) que não teria a medicação. Nakia perguntou se ela poderia me conceder a entrevista e começou a explicação acerca do que se tratava, e eu terminei de explicar.

Ela é uma das clientes mais frequentes, pois o salão pertence a sua irmã. Certo dia, Dora, a cabelereira, falava dela:

“Denise esteve aqui esses dias, enchi ela! (risos), ela disse que ia sair de perto de mim (risos), ela estava contando que nossa mãe fazia muita salsinha, que devia ser para a gente sair de casa (risos). Uma vez dividimos um ovo em quatro!” Disse rindo em tom de espanto. Em seguida complementou: “Mas todo mundo comeu um pedacinho!”

Denise vendia roupas e Dora sua irmã comprava, ao mesmo tempo em que Denise ia ao salão em todos os finais de semana e levava algumas de suas filhas também para fazer unhas.

Com relação a sua trajetória de vida, afirmou que anteriormente morava no Parque Califórnia, um bairro próximo, e saiu deste bairro pois comprou um terreno e construiu uma casa no bairro da Penha onde permaneceu vivendo com a família até 2023. Acerca de sua vida disse: “Casei com homem pobre e ainda tive esse monte de filho”. Além disso, Denise comprou uma moto que utiliza para se locomover e inclusive ir até o salão e atualmente paga a faculdade de um de seus filhos.

Ao contrário das outras entrevistadas, Denise, não concluiu o ensino médio, tendo estudado até o primeiro ano. Afirmou que sua renda é de mil reais e que

trabalha com vendas e a renda familiar é de dois salários mínimos, o equivalente a 2.640,00 reais. Denise possui algumas outras diferenças com relação às demais entrevistadas, é a que possui mais idade, mais filhos e não reside com outros familiares que não sejam da sua família nuclear, ou seja, não inclui sogras ou sogros, irmãos, dentre outros. Estas diversas diferenças podem estar relacionadas a questões geracionais e históricas que a difere das duas primeiras entrevistadas que são de uma geração que nasceu 20 anos depois, ou seja, muitas transformações sócio-históricas, políticas, econômicas e culturais ocorreram neste período de tempo. (FONSECA, 1999)

Denise é casada e reside com seu marido e filhos, assim, quando perguntei com quantas pessoas ela morava e quais são seus familiares, respondeu: “Sete pessoas, todos familiares” (informação verbal)²³. Perguntei também quantos filhos ela tinha e quais as idades deles, e ela disse: “Cinco filhos, 28, 22, 21, 16 e 07” (informação verbal). Questionei ainda se algum deles possui alguma deficiência. E se sim, qual seria. Ela respondeu: “Só o de 16, é autista” (informação verbal).

Perguntei ainda a Denise, quais serviços utiliza no salão, no que ela respondeu: “Faço unha, cabelo, e coloco cílios” (informação verbal).

Perguntada também acerca de quantas vezes por mês vai ao salão respondeu com um tom de orgulho acerca de sua frequência: “Quatro vezes por mês, venho toda semana!” (Denise – mulher mãe), (informação verbal).

Quando perguntei sobre o que gosta de fazer no seu dia, disse que gosta de vender. Ou seja, há um prazer pelo trabalho que realiza.

Denise tanto em sua rotina como em suas falas como veremos a seguir, demonstrou a sua religiosidade. Algo que não ocorreu com as mulheres mães mais jovens que foram entrevistadas. Também quando perguntada o que ela considera importante ensinar ou passar para seus filhos afirmou: “Honestidade, ter fé, temer a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo” (informação verbal).

São valores distintos das demais entrevistadas, três dos quatro valores são religiosos e demonstra essa força em sua vida. Além disso, a dimensão religiosa apareceu também nas conversas informais no salão. Especificadamente no relato de Denise, este ponto se apresentou ainda quando foi perguntada sobre o que lhe fornece forças para enfrentar os dias difíceis, onde ela respondeu: “Só Deus”, em um

²³ Pesquisa de campo realizada em um salão de beleza do conjunto habitacional Morar Feliz no bairro Novo Jockey, Campos dos Goytacazes em abril de 2023.

tom percebido como se ela quisesse dizer que somente uma força maior que todas é capaz de resolver tamanha dificuldade. Acerca deste aspecto, Mariano (2003, p. 25) afirma a existência por meio das igrejas neopentecostais da crença em uma “força divina”.

No mesmo sentido, Pereira (2021, p. 166) nos traz elementos sobre esta força que pode se fazer presente por meio da cura, onde afirma: “Nesse encontro com o divino, os adeptos vislumbram uma relação, em si, amorosa, como a definem os interlocutores, um propósito capaz de mudar a trajetória da vida.” Deste modo, compreende-se que em dias em que a dor aparece com mais evidência neste cotidiano devido ao sofrimento social, mulheres mães religiosas podem recorrer a suas crenças como uma das estratégias para tornar a vida habitável. (DAS, 2020)

4. COMO ELAS CONSEGUEM IR AO SALÃO? AS REDES SOCIAIS DE APOIO DAS MULHERES MÃES

Nesta seção, o objetivo foi compreender como estas mulheres mães se organizam para conseguirem ir ao salão, para terem esse tempo para o cuidado de si (Foucault, 2004) ou seja, como é organizada essa rotina de cuidado, além de outros elementos organizados neste capítulo. Para tanto, realizo as descrições das cenas observadas, trago a seguir o conceito de rede com a contribuição dos autores para ser possível compreender de que tipo de rede estamos tratando, além de caracterizá-la, apresento então as redes formais e informais e as discuto, além de descrever e discutir com os autores também as possibilidades e limites destas redes.

Diante disso, como o ser humano vive socialmente, ele se encontra a todo momento em contato com os componentes dos conjuntos de que faz parte, assim, interage com: “pessoas, grupos, instituições, papéis sociais, entre outros.” Este modo de agir social do ser humano, já possui em seus fundamentos uma atitude de rede, onde o modo das relações, a distribuição e troca entre seus integrantes por exemplo, fornecem sentido ao conceito de rede. (SILVA, FIALHO E SARAGOÇA, 2013, p. 92)

Desta maneira, ao se tratar de redes sociais, o objeto de estudo se refere as relações entre os indivíduos e não suas características individuais. As relações e a descrição das constâncias que aparecem nas redes, como são formadas, e como se transformam, além de “analisar os seus efeitos sobre os comportamentos individuais”, são os interesses em relação a este tema. (MARTELETO, 2007, p. 13)

Dentro desta percepção, para Mercklé (2004, p. 4) uma rede social é conceituada: “[...] como sendo constituída de um conjunto de unidades sociais e das relações que essas unidades sociais mantêm umas com as outras, direta ou indiretamente, por meio de encadeamentos de extensões variáveis.” Tais unidades podem se constituir de “indivíduos, grupos informais ou estruturas mais formais como organizações, associações ou empresas.” (MARTELETO, 2007, p. 13).

Na robusta literatura sobre as redes sociais, as definições não vão em uma mesma direção, ao contrário, ela é aberta e possibilita que sejam dados direcionamentos distintos para seu estudo. Possui ainda uma complexidade de diversos sentidos das redes sociais. Desta maneira, “neste quadro dos sentidos e contra sentidos da «rede», está presente um ponto comum, ou seja, uma relação que se estabelece entre duas ou mais partes”. É evidente ainda, que o conceito irá ser modificado e complexificado a depender das circunstâncias de sua utilização, com a

realização de reflexões profundas sobre ele. (SILVA, FIALHO E SARAGOÇA, 2013, p.92)

As redes sociais podem ser pensadas em suas características de movimentação de informações que permitem o acesso de seus membros à serviços por exemplo e ao seu melhor desenvolvimento, devido a propiciar a mobilização das pessoas na busca por melhorias em todos os âmbitos de suas vidas e conseguirem alcance para suas necessidades. (SABINO, 2018)

A origem do conceito de redes sociais encontra se na Antropologia Social e nesta circunstância, seu sentido engloba: “a análise e descrição dos processos sociais que envolvem conexões que ultrapassam os limites dos grupos e categorias.” Já nas ciências sociais, a análise de redes tem aparecido com expressividade e tratada de modo interdisciplinar e com pioneirismo deste campo nas áreas de: a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia Social. A análise de redes sociais, sofreu ainda, influências da sociometria de Jacob Moreno que se empenhou em desenvolvê-la, não apenas com a utilização comum da técnica, ele buscava “um paradigma que procurava substituir algumas das teorias sociais anteriores. Trouxe contribuições, algumas elencadas abaixo: (SILVA, FIALHO E SARAGOÇA, 2013, p. 94)

Portugal (1995) ao trabalhar com redes informais de apoio à maternidade em Portugal, nos recorda de que o momento de uma crise que ocorre no país, pode trazer à tona em nossa memória a questão da função da solidariedade para a manutenção da vida e de outros aspectos.

Ainda com relação a solidariedade e a abertura aos outros membros da comunidade para a sobrevivência, Fonseca (1999, p.70) salienta em sua pesquisa com famílias de classes populares que, principalmente quando é realizado um acompanhamento diário delas, é possível evidenciar como a moradia pode torna-se um local com certas aberturas, pois a autora fornece como exemplo que mesmo onde o casal prefira ter um ambiente separado para cozinhar, ela observou crianças ultrapassarem estas barreiras entre as casas e as famílias distintas, elas acessam um tipo de permissividade que faz com que este comportamento seja aceito ou tolerado. Assim, nestas situações, devemos, segundo a autora, considerar formas distintas em que os valores se apresentam e não pressupor cenários anteriormente que vão de acordo com um “modelo conjugal moderno”.

4.1 Redes sociais formais e informais

No salão, algumas mulheres mães negras se encontram sentadas nas cadeiras

brancas de plástico ou nas poltronas acolchoadas, onde se encontram com seus bebês no colo, os seguram pelo braço, aquele que se encontra desocupado e deste modo, levam os filhos ao salão e permanecem com eles no colo por no mínimo uma hora aproximadamente, outras vão acompanhadas das filhas jovens que aguardam suas mães nos bancos e poltronas.

Uma das mulheres mães que ia com mais frequência, a Polliana²⁴, frequentemente levava sua bebe ao salão²⁵, e tentava permanecer com ela em seu colo, pois costumava “fazer” o cabelo e é um procedimento que leva aproximadamente duas horas. No entanto, a criança de aparentemente 1 ano de idade, permanecia pulando e querendo sair do colo, tão agitada que a mãe entregava para uma outra criança de aparentemente 12 anos que a acompanhava toda vez que ia, possivelmente irmã mais nova dela, dada a observação da relação das duas.

Com isto, tendo em vista as respostas das entrevistas e as falas de outras mães frequentadoras do salão, foi possível notar que quando estão no salão, seus filhos ficam aos cuidados dos pais, das avós, das tias e de irmãos, ou seja, de sua rede de apoio social informal.

No quadro abaixo podemos visualizar as redes sociais formais e informais que foram identificadas existentes no cotidiano das mulheres mães do local estudado:

²⁴ Nome fictício.

²⁵ O salão compreendido também como um elemento da rede de apoio informal devido a este e a demais aspectos que são apresentados no decorrer do texto.

QUADRO 2 - Redes Sociais Formais e informais das mulheres mães do local

Redes Sociais Formais	Redes Sociais Informais
2 creches	Familiares (avós, tias, filhas e filhos mais velhos, alguns pais)
2 escolas	Igrejas Neopentecostais
1 UBS	Mulheres adolescentes e jovens que cuidam das crianças menores da vizinhança.
1 CRAS	Madrinhas das crianças
1 Vila Olímpica	Escolinha de futebol
	Salão de Beleza

Fonte: elaboração própria.

Com relação às redes sociais informais, as pessoas desta rede mencionadas no quadro acima foram “aprovadas” pelas mulheres mães entrevistadas para “olhar” seus filhos. Linda²⁶ ao ser perguntada com quem ela frequentemente pode contar para deixar seus filhos em sua ausência quando está com salão, por exemplo, elenca as seguintes pessoas: “Minha mãe, a madrinha, a tia paterna e a avó paterna”. Ou seja, apenas mulheres. Acerca de outros familiares ela informou que: “moram próximos, mas não ajudam”.

Quando foi feito o mesmo questionamento à Isabela e a Denise acerca de com quem elas frequentemente podem contar para deixar seus filhos em suas ausências, quando estão no salão por exemplo, os homens então surgiram em suas falas acerca das redes de apoio do seguinte modo: Isabela respondeu: “Minha mãe ou meu marido” e Denise: “Marido e os filhos mais velhos”, aproveitou para destacar que Denise é a mulher mãe com a maior quantidade de filhos que encontrei no salão, são cinco, sendo o mais velho com idade de 28 anos e o mais novo com idade de 7 anos.

Além disso, com relação a quais pessoas contribuem na criação dos filhos, Denise afirmou: “Só eu mesma e meu marido”. Disse ainda que os familiares residem no bairro vizinho, mas não a ajudam. Podemos refletir acerca da carga de cuidados ser colocada para os irmãos devido a faltas nesta rede informal. Ainda sobre esta presença dos irmãos, Isabela que reside com 3 irmãos afirmou que um destes irmãos e a sua mãe contribuem na criação dos seus filhos.

Nesse sentido, Caillé (2014) aborda ainda as possibilidades de outras formas

²⁶ Entrevista obtida em março de 2023.

de cuidado por parte daqueles que estão mais vulneráveis nestas relações e neste âmbito do cuidado de mães com seus filhos. Observamos do mesmo modo, como discorrem também Pereira; Arpini (2012) como os irmãos mais velhos vem a contribuir na atenção aos mais novos ou mesmo a potência das mães que mesmo em situações de vulnerabilidade econômica, social, de raça, gênero, dentre outras, não podem perder sua força vital.

Caillé (2014) nos recorda ainda sobre o que pode ocorrer com este o sujeito que é recebedor dos cuidados, pois, podem ocorrer enfraquecimentos na potência do sujeito a aquelas ou aqueles que necessitem desse suporte. Ou seja, mães e filhos. O autor atenta para a necessidade de termos esta atenção com a relação de reciprocidade entre as ofertas do cuidador e de quem é cuidado.

Ainda acerca da rede informal com relação ao elemento vizinhos, de acordo com a FERREIRA (2019), amizades entre vizinhos que se ajudam neste local são comuns. Observou-se o mesmo no trabalho de campo ao andar pelo local e ter contato com adolescentes meninas ou mulheres jovens de 16 a 18 anos aproximadamente que “tomam conta de crianças da vizinhança”. (FERNANDES, 2020, p. 03). No entanto, as mulheres mães entrevistadas e que tive contato no campo, disseram não receber ajuda dos vizinhos, pelo contrário, realizaram afirmações no sentido oposto, Linda afirmou em entrevista que: “Vizinhos não ajudam, só atrapalham!”, outra mulher mãe no salão disse ainda: “Vizinhos só servem para fazer fofoca, falar da vida dos outros.”

Deste modo, os resultados trazem indicações de algumas redes sociais formais que atendem às mulheres mães e algumas foram citadas por elas, como uma creche a alguns metros do início do salão e do conjunto habitacional, outra creche e uma escola dentro do conjunto (localizadas ao final deste), outra escola no bairro vizinho, uma UBS Unidade Básica de Saúde, um CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) e uma Vila Olímpica, estes três últimos em dois bairros vizinhos. Observou-se que a Vila Olímpica esteve fechada por muitos anos e foi reaberta no mês de abril de 2023. Pode-se observar as disposições das redes formais no mapa abaixo:

Figura 10 - Mapa marcando redes formais das mulheres mães no território.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Maps, 2022.

Com relação à escola e as creches como apontadas no mapa acima, são feitas algumas considerações iniciais. No dia 13 de fevereiro de 2023, andava pelo local e arredores do salão de beleza, e foi observado por mim e por outros pesquisadores da área de Ciências Sociais²⁷ que a escola e as duas creches do bairro estavam em funcionamento com as crianças dentro, no entanto, haviam muitas também pelas ruas. Havia ainda avós nas ruas com os netos pequenos andando de mãos dadas. Ferreira (2019) em seu trabalho etnográfico no local, realiza descrições no mesmo sentido. O autor afirma ainda algumas estratégias de uma mulher mãe na criação dos filhos de contar com a ajuda dos filhos mais velhos por exemplo, como vemos a seguir:

“Contou que resolveu matricular o filho na Creche Municipal do conjunto habitacional. Expôs as dificuldades de comprar material e avaliava que a venda de sacolé não rendia, que era necessário “fazer uns serviços”. Disse que ele estudaria pela manhã e para ela não seria um bom horário, que o ideal seria ele a irmã do meio ficarem juntos, para a filha levar e buscar e cuidar. Para ela, o lado positivo era que na creche comeriam e beberiam ao menos uma parte do dia.” (FERREIRA, 2019, p.145)

No trecho acima, observamos a necessidade da mulher mãe de ter que contar com a filha do meio para os cuidados com o irmão. Ou seja, a falta dos homens (da

²⁷ Realizávamos na ocasião um levantamento de dados para a pesquisa intitulada “Ações pentecostais nos conjuntos habitacionais das periferias de Campos dos Goytacazes-RJ: sociabilidades religiosas nos espaços de moradias. (MESQUITA, 2023).

paternidade das crianças) e do Estado em Fernandes (2020) expressa na voz e na prática cotidiana. Além disso, quando ela afirma que não será bom os filhos estudarem em horários diferentes, fala sobre uma dificuldade de rotina com a creche e que, portanto, se repetirá por diversos dias. Nesta reclamação colocada por ela, o sofrimento social que Das (1997) trabalha se encontra relacionado.

4.2 “Bola boa”: A escolinha de futebol

No grupo do aplicativo online de mensagens instantâneas Whatsapp do bairro intitulado SOS Novo Jockey, foi divulgado um projeto de futebol para as crianças sob coordenação de um treinador. Entrei em contato com ele e descobri que ele residia no conjunto habitacional, inclusive no telefone ao falar com ele, onde me explicava a proposta e o objetivo do projeto, ouvi bem altos barulhos de crianças e um homem e uma mulher gritando ao fundo, o que me pareceu ser seus familiares em meio a rotina com dificuldades como trabalhado nesta pesquisa. Assim, o treinador me pediu para fazer dois cartazes e me pediu outras contribuições acerca da secretaria do projeto para que eu pudesse acompanhar os treinos. Na imagem abaixo podemos visualizar um destes treinos no campo de futebol e as crianças a praticar, onde crianças e adolescentes do conjunto habitacional e do bairro permanecem durante toda tarde em dois dias da semana aproximadamente:

Figura 11 - Treino da escolinha de futebol Bola Boa



Fonte: elaboração própria.

Treino da escolinha de futebol Bola Boa, onde crianças e adolescentes do conjunto habitacional e do bairro permanecem durante toda tarde em dois dias da semana aproximadamente.

O treinador me informou que são 2 projetos de escolinha de futebol para as crianças do bairro, pois indaguei sobre o outro campo de futebol que fica mais a frente (antes do conjunto habitacional), ele disse que esse era de outro projeto, o campo utilizado por ele se localiza um pouco depois do conjunto.

Observou-se ainda que grupos de crianças do conjunto habitacional e do bairro têm como hábito de passarem uma tarde inteira em dois dias da semana em uma escolinha de futebol sob a supervisão de dois treinadores que se revezam em um campo do bairro. Há um outro campo do bairro também localizado a 5 min do conjunto habitacional que frequentemente nos dias de sábado na parte da manhã há a realização de jogos. As crianças e adolescentes chegam para o treino da escolinha sozinhas de bicicleta ou a pé. Eles possuem idades entre 7 a 16 anos.

Antes de conversar com um deles, observei o treino e pude constatar que havia por parte deles um grande esforço em contribuir na formação de valores das crianças e jovens. Os valores passados eram segundo eles de respeito aos mais velhos: “respeitar pai e mãe” em suas palavras que repetiam com frequência.

Se tratava de uma prática desafiadora, pois os meninos por vezes queriam brigar entre si devido a desavenças no campo e um dos treinadores, um senhor branco de idade já bem avançada e magro usava a pouca força que tinha para andar rápido pelo campo para orienta-los ou chamar a atenção de um modo mais sério quando

necessário. Como observado, pode-se identificar esta escolinha de futebol como mais um integrante da rede de apoio informal das mulheres-mães.

Outro campo de futebol localiza-se na Avenida Rosa Montesano que corta o bairro. Também é utilizado por crianças, adolescentes e adultos como pode-se visualizar na figura 11. Outro elemento que se pode observar na figura se refere a uma questão em Ferreira (2019), como também nas observações realizadas referente a valorização do mercado imobiliário no local, ou seja: a existência de empreendimentos imobiliários que aumentam consideravelmente em um curto espaço de tempo e impactam a vida local. Para exemplificar, a construção de um pequeno “parquinho” infantil localizado do lado de fora e ao lado de um dos condomínios privados, à poucos minutos do conjunto habitacional popular.

Os espaços de lazer infantil privados são utilizados pelas mulheres mães que sentam nos bancos para conversar ou mexer em seus celulares enquanto o filho(a) brinca no único brinquedo disponível, um escorrega com uma casinha em cima de madeira, pois trata-se de um espaço realmente pequeno construído por uma iniciativa privada, como pode-se visualizar o local na figura 11, a seguir:

Figura 12 – Crianças e Jovens em atividade



Fonte: elaboração própria.

Crianças e adolescentes se alongam em frente ao pequeno parquinho e ao condomínio em construção localizados na avenida Rosa Montesano, a principal do bairro Novo Jockey, ao lado o campo de futebol.

Deste modo, observou-se, identificou-se e analisou-se a existência de redes sociais formais e informais que atendem mulheres mães deste local. Tornou-se necessário ainda, analisar as possibilidades (forças) e limites (fragilidades) dessas redes, a considerar os valores sociais e orientações educacionais reproduzidos nas práticas de cuidado, diante dos recursos humanos e materiais disponíveis, como foi o

objetivo e será trabalhado na seção a seguir.

4.3 Possibilidades e limites das redes

Era final de novembro, 16:10h da tarde e a porta da creche estava aberta com funcionárias dentro. No portão as mães pegavam as crianças para voltar para casa, observei então ser aquele o horário de saída das crianças da creche já que na segunda feira às 16:30h as funcionárias já estavam indo embora, o que me foi confirmado depois com as mulheres mães no salão que o horário de funcionamento da creche é até as 16h. Imaginei que se uma mãe trabalhasse até as 17h ou 18h, horários comerciais e de expediente de grande parte dos empregos não conseguiria buscar a criança na creche. Mas haviam mães buscando e também crianças pequenas na porta da pequena igreja evangélica ao lado da creche enquanto duas mulheres conversavam. As poucas pessoas que estavam nas ruas eram mulheres andando com crianças pequenas, voltando da creche para casa. Mães e filhos (filhas sorriam ao se encontrarem.

Já em outro dia na parte da manhã às 08:03 horas do ano de 2022, os carros das funcionárias da creche neste horário, já estavam estacionados. Havia uma mulher mãe de moto a deixar o filho, ambos com capa de chuva, pois era um dia nublado de chuva fina. Entretanto, é no horário de 07:45h até às 08:00 que se concentra a maior movimentação das pessoas deixando as crianças na creche. Funcionárias também chegavam de carro a este horário, porém, antes disso já haviam mais carros estacionados e funcionárias recebendo as crianças. Este elemento foi observado afim de compreender se os horários da creche dificultavam a vida cotidiana das mães de algum modo. Às 16:25 h por exemplo já não havia nenhuma mãe ou pai buscando alguma criança. No horário de 16:30h as funcionárias da creche estão saindo do local e encerrando seu expediente. Ou seja, o horário limite para as mães contarem com esta rede formal é este.

Observei a creche fechada no mês de julho e me indaguei: escolas e creches não abrem nesse período, onde e com quem essas crianças ficam quando os pais têm que trabalhar? A resposta veio através das entrevistas com as interlocutoras em que me informaram que as crianças ficam com familiares, em sua maioria mulheres. No caso de Linda ao ser perguntada: Com quem você frequentemente pode contar para deixar seus filhos em sua ausência, quando você está no salão por exemplo? Ela respondeu: “Minha mãe, a madrinha, a tia, a avó paterna.” E afirmou confiar nestas pessoas que citou. Ou seja, percebeu-se que são pessoas da rede de apoio que a

deixam tranquila para se ausentar e relaxar em outro espaço.

Observei ainda próximo ao mês de julho de 2022 que haviam brinquedos novos no pátio da creche municipal em boas condições e as crianças os utilizavam. Mais um aspecto este que demonstra uma possibilidade desta rede de apoio e que vai de encontro com as falas das mães de que a creche as atende. Como podemos notar abaixo:

Coloca sua filha na creche porque no início entra 11h e vai até as 16h, depois pode entrar às 8h. A diretora lá é um amor! Diz que você arrumou um trabalho, no outro dia você consegue! Você vai poder fazer suas coisas em casa! Davi (nome fictício) aprendeu a fazer cocô na creche! Eu deixava ele lá. (Katia – cabelereira do salão e mulher mãe), (Informação Verbal)

Outro aspecto com relação a estas redes diz respeito as ações realizadas pelas Igrejas. Foi divulgado no grupo de whats app do bairro um evento promovido por uma Igreja evangélica localizada na primeira rua do conjunto, como mostra o cartaz de anúncio a seguir:

Figura 12 – Cartaz de evento

AÇÃO SOCIAL
RESGATE

19 nov de 8h às 12h
Igreja Ministério Resgatar
Rua 1 - Casinhas do Novo Jockey

ESPAÇO KIDS

- Animação Infantil
- Lanche
- Pula-pula
- Penteado-tranças

ESPAÇO SAÚDE

- Aferição de pressão
- Medição de glicose
- Orientação de saúde

E MAIS...

- Doação de roupas
- Consultoria Jurídica
- Desconto tratamento dentário
- Tenda de oração e adoração

REALIZAÇÃO Unindo forças em prol da comunidade! Salmos 133.1

APOIO:

MINISTÉRIO RESGATAR
FUNDADOR: Rodrigo Soares e Maria Tereza Soares

ASSEMBLEIA DE DEUS - MINISTÉRIO SAL DA TERRA
Sd. Jesus Salva!

Comunidade Evangélica
MAANAIM

FBNP
Fundação Benedito Pereira Nunes

fmc
FACULDADE DE MEDICINA DE CAMPOS

Fonte: Grupo online do aplicativo Whats app composto por moradores do bairro denominado: “SOS Novo Jockey”.

Quando cheguei ao local vi que havia uma faixa presa nas placas da rua para impedir a passagem de carros, o evento acontecia logo no início da rua. Uma tenda inflável da FMC (Faculdade de Medicina de Campos) com o nome da instituição foi montada para o evento ao lado de outra tenda. Um papel preso a parede indicava como: “Espaço da saúde” o local ocupado pelos estudantes de medicina. Além disso, um homem e uma mulher, ambos de jaleco branco prendiam cartazes, eram acadêmicos da referida faculdade. Havia cinco integrantes da instituição a realizar atendimentos de aferição de pressão e consulta oftalmológica.

Fiquei na fila junto com os moradores, que eram em sua grande maioria mulheres para permanecer o maior tempo possível no local. Perguntei a uma das acadêmicas se estavam aferindo a glicose, pois foi anunciado no panfleto, porém uma delas me informou que não, que somente estavam a aferir a pressão. Dora, manicure do salão e moradora do local, estava presente na pequena fila para a aferição e demonstrou contentamento ao se sentar na cadeira para ser atendida e receber os cuidados de

saúde da estudante de medicina.

Uma mulher negra, integrante do grupo religioso, chamava ao microfone os moradores do bairro para irem até a ação, e anunciava que ocorria naquele momento exames oftalmológicos gratuitos e acompanhamento jurídico no local. Havia roupas para doação em cima de duas mesas debaixo da tenda, entretanto não haviam pessoas interessadas nelas. Havia ainda um homem vestido do personagem do Homem-Aranha sentado em uma das cadeiras, próximo ao pula-pula que estava com um número significativo de crianças e mulheres mães. Mulheres e homens do grupo religioso serviam cachorro quente para os presentes em bandejas.

Ações como estas são denominadas de ações sociais, termo este que surge em oposição as práticas assistencialistas e de caridade, consideradas em dissonância com a questão da promoção da autonomia dos sujeitos. Assim, as ações sociais são um novo tipo em disputa para designar atitudes de ajuda. Segundo Scheliga (2010, p.83) este termo possui como essencial em seu sentido a ideias como as de “movimento e mudança”, e compreende que as pessoas as quais a ação é direcionada, também estão ativas neste processo, pois são apreendidas como protagonistas. Deste modo, as Igrejas evangélicas se inserem com suas particularidades neste campo da ação social. Estas ações não são realizadas somente por evangélicos, mas também em outras religiões como a católica e a espírita por exemplo. (SCHELIGA, 2010; RIBEIRO, 2020). No caso dos evangélicos como trabalhado acima, eles realizam, de modo geral, doações diversificadas como: doações de roupas, alimentos e medicamentos, cursos de formação para o mercado de trabalho, creche e escolas, ajuda no formato de redes, dentre outros. (NOVAES, 2007)

Em resumo, a observação mais próxima de umas das creches mostrou que a rede de apoio formal é limitada e não atende às necessidades de todas as mães. As creches não funcionam durante as férias escolares, o que faz com que as crianças fiquem com familiares ou com outras pessoas da rede de apoio. Notou-se, por fim, que as igrejas evangélicas desempenham diversos papéis na comunidade, um deles refere-se a organização de eventos e a realização de parcerias com outras instituições da cidade.

4.4 “Ele falava que tava pesado e devolvia”²⁸. “Ausência e presença do Estado e dos homens.”²⁹

Certo dia, estava em frente ao início do conjunto habitacional no ponto de ônibus de manhã cedo no horário de maior movimentação da manhã em que a maioria das pessoas saem para o trabalho e uma menina com aparência de 10 a 12 anos de idade com uniforme da escola pública cai desmaiada na beira da rua e todos se assustam e uma das primeiras coisas que uma voz feminina grita é “onde está a mãe dessa menina?” Algo costumeiro, principalmente em se tratando de uma criança em pensarmos primeiramente nos responsáveis, mas a figura da mãe ser a primeira e única a ser invocada e mencionada me chamou a atenção por já estranhar essa naturalização da ausência e abandonos paternos, além da não responsabilização destes homens. (FERNANDES, 2020) A desconfiança que surgiu nos presentes naquele momento é a de que de a criança pode ter saído de casa sem comer. Algo que costuma nos vir a mente quando uma pessoa desmaia de manhã logo após sair de casa. Deste modo, um carro comum aparece em alta velocidade e diz que vai levá-la ao hospital.

Dentro deste contexto, Itaboraí (2016) apresenta dados onde revela que há um maior número de mulheres que trabalham na medida em que possuem filhos maiores. A autora evidencia assim uma das dificuldades que as mães ainda têm de enfrentar todos os dias para conseguirem prover o sustento de sua família por meio de seu trabalho, e atenta para os desafios que persistem como da responsabilização e cobranças de modo desigual para as mães em detrimento dos pais, a lembrar das “políticas de conciliação entre vida laboral e vida familiar” como o afastamento materno que ainda não foi ampliado para abarcar o pai nesta esfera. (ITABORAÍ, 2016, p.195)

Com relação a esta desigualdade, Caillé (2014) recorre a Joan Tronto em sua obra *Moral Boundaries* onde é discutido a questão de as atividades de cuidado realizadas pelas mulheres serem ignoradas. Isto se deve, segundo a autora, a um evitar encarar o quão dependente e frágil são as pessoas destes cuidados, deste modo, ignoram para evitar o enfrentamento a esta realidade, pois fazê-lo significa tomar consciência de uma dita fraqueza em uma relação de poder medida pela força

²⁸ Frase proferida por Polliana (nome fictício), mulher mãe jovem, em conversa informal, em um momento onde reclamava do comportamento do pai de sua filha, uma bebê de colo. Informação obtida em março de 2023.

²⁹ Fonte: Fernandes, 2020.

em vários aspectos. Diante disso, pode-se refletir se no caso dos homens, tendo em vista a questão da masculinidade, esta não estaria envolvida no evitar deste encontro com a própria fragilidade?

Já Sarti (1994) analisou que a questão da afirmação enquanto indivíduo com seus projetos pessoais, tanto da mulher quanto do homem ficam em segundo plano pelo entendimento de que as necessidades da família devem ser prioridade. Entretanto, podemos procurar refletir e estudar em que medida as necessidades da família recaem sobre cada um de seus membros, pois, é também nesse âmbito que encontramos com frequência as desigualdades de gênero. (BARROS; DE OLIVEIRA, 2020; TEIXEIRA, 2010)

A literatura apresenta um caso exemplo neste mesmo território da pesquisa em que a filha de uma das ex moradoras do conjunto habitacional (*in memorian*), saia de sua casa e ia ajudar a mãe (que era vizinha) a cuidar de seus filhos e a realizar as atividades domésticas. Filha esta que também é mãe e perdeu sua principal rede de apoio, sua mãe, e avaliava as dificuldades. Sua mãe acolhia a todos, sua casa era conhecida como “casa de mãe” e o marido já mostrava a insatisfação de ter tantas pessoas em casa, com a sua morte, não se responsabiliza por ajudar nenhum filho e afirma que eles têm que se virar, a filha então assume a responsabilidade com seus filhos e seus irmãos e continua assim com a prática geracional de filhas ajudarem as mães com seus filhos na ausência de um pai que se encontra vivo. (FERREIRA, 2019)

Em consonância com o exposto, diante de mais de vinte anos a morar próximo a creche e passar por ela diversas vezes de modo diário, além da presença durante a temporalidade da pesquisa ter ocorrido o mesmo aspecto, onde observei apenas alguns momentos em que homens deixavam uma criança ou iam buscá-las. Em um destes momentos me recordo de ver a mãe buscar a criança pequena no portão da creche de bicicleta e o pai vir andando, encontra-los e comemorar o encontro com a família.

No período da pesquisa no ano de 2022 notei apenas um homem de bicicleta e duas senhoras de idade avançada que aparentavam serem avós e deixavam as crianças no local, todas as outras pessoas eram mulheres jovens. Observei que os adultos deixam as crianças a pé, de bicicleta ou de moto, e os carros que chegam são somente das funcionárias da instituição. Algo que demonstra a situação econômica destes responsáveis pelas crianças. As três mães entrevistadas afirmaram quando perguntadas sobre o que fazem em sua rotina que são elas que deixam as crianças

na escola e depois vão busca-las.

Observei que eram mulheres que andavam em diferentes grupos. Para diversas atividades como deixar as crianças na creche, para irem à Igreja ou sair com as crianças para algum lugar e nenhum homem costumava estar presente nestes grupos. Como se não fosse algo pertencente a eles.

No entanto, procurei observar também onde estavam os homens do local e em um domingo no final de novembro de 2022 por volta de 14h da tarde não havia movimentação de pessoas nas ruas do início do conjunto, nem de crianças. A movimentação que havia estava concentrada no bar e depósito de bebidas, eram muitos homens. No local costuma haver também um churrasquinho e neste dia também tinha um samba que tocava alto no local. Muitos homens estavam a cantar e a beber.

Posteriormente, em uma sexta-feira, por volta das 15h da tarde, observei na avenida principal do bairro onde se localiza o salão, a poucos metros a frente um outro bar, onde mais a frente foi possível presenciar dois homens em pontos diferentes caídos, um em uma calçada e outro na beira da calçada. O que me sugeriu embriaguez, pois haviam outros bares que também estavam abertos e cheios. Alguns meses depois em abril de 2023, um senhor idoso caiu de bicicleta em frente ao salão e aparentava embriaguez, no que as mulheres do salão afirmaram conhecê-lo e disseram: “Ah ele está bêbado, conheço ele, ele vive assim.”

Notou-se que principalmente às sextas feiras, aos sábados e vésperas de feriados, a partir das 15h da tarde enquanto as mulheres começavam a encher os pequenos salões, os homens lotavam os bares do local. Ferreira (2017, p. 282) observa elementos semelhantes em sua pesquisa de inspiração etnográfica em uma cidade no interior de Minas Gerais: “Podemos notar que enquanto o Bar do Sr. Amaro é definido como espaço de sociabilidade masculina, o salão de beleza se configura como espaço de interações entre mulheres.”

Luiz Antonio Machado (1978, p.79) ao pesquisar o botequim, apresenta compreensões acerca deste local para ser possível “entender o que ele representa e para quem, na sociedade urbana”. Assim, ele afirma que as razões para as pessoas procurarem cada tipo deste estabelecimento são diversas e variáveis de cada frequentador.

Ao observar os usuários destes locais, o autor descreveu diversos aspectos, dentre eles o de que frequentemente os homens nos botequins se comportavam como

a figura do “macho” com elementos que envolviam demonstrações de virilidade e coragem. Ele afirma serem do “complexo cultural do machismo”, ou seja, valores de grande parte da população brasileira que se apresentavam de modo peculiar no espaço do botequim com discursos que envolviam uma competitividade dos homens na temática do sexo e a categorizações estereotipadas feitas às mulheres de modo geral e as que frequentavam o local. (SILVA, 1978, p. 102)

Silva demonstra ainda que a família e a comunidade que seriam em um primeiro momento consideradas como “as principais organizações tradicionais de sustentação do indivíduo” falham neste objetivo e “o botequim é uma das formas de preencher esta lacuna”. A família não corresponde assim a este lugar, pois, segundo o autor, é uma organização que cada vez mais perde sua eficácia como ponto de “referência para o indivíduo”. Argumenta que esta instituição após o “processo de urbanização-industrialização” se deparou com um contexto “pragmático” e contratual, onde relacionamentos entre homens e mulheres por exemplo são baseados em sentidos financeiros significativos para ambos, relações ainda de caráter individualista. Outro fator apresentado para a insustentabilidade da família nesta posição de sustentação, diz respeito ao significativo número de pessoas que frequentam o botequim que sofreram com “problemas familiares” de alto grau de seriedade em que decepções e quebras de confiança na família por exemplo impossibilitam esta instituição de ocupar um lugar de referência. No caso da comunidade, compreendida “como um sistema de relações pessoais muito definidas e baseadas na cooperação” possui estes sentidos coletivos escassos no contexto urbano. (SILVA, 1978, p.108 -109)

Diante de todo este período de trabalho de campo no salão, foi possível observar que a presença de homens não é frequente. Presenciei dois homens em dias diferentes no espaço a esperar as esposas. Os homens que de modo raro vão ao salão para realizar algum procedimento se declaram gays e conversam sobre diversos assuntos com as demais, inclusive seus relacionamentos. Há um nível limitado de diversidade com a presença de travestis e transsexuais que frequentam, porém em menor número.

Em um destes dias que um homem estava no salão, uma cliente, uma mulher negra e alta, estava a realizar o procedimento de colocação de unhas em gel e de cílios, seu marido chegou e ela perguntou com um tom de voz sério e preocupado: “E as crianças?” (seus filhos), para saber como estavam, no que o marido respondeu de

modo tranquilo: “Elas estão comendo”. O horário era por volta de 14h da tarde, o marido então se sentou em uma das poltronas e a esperou fazer a colocação dos cílios em silêncio, o que demorou em torno de 30min.

Em outra situação no salão, a cabeleireira incentivava a mãe cliente a sair. A mãe então reclama: "A última vez que sai foi no Carnaval, não consegui tirar uma selfie minha, fiquei o tempo todo com ela no colo e quando dava pro pai ele falava que tava pesado e devolvia". (Isadora – mulher mãe), (Informação Verbal).

Diante deste relato, Fernandes (2020, p. 207) contribui a compreensão quando discorre que o campo das ausências do Estado e dos homens na vida de mulheres que vivem na periferia é “analisado enquanto um conjunto de forças sistemáticas e cotidianas. Essas forças se revelam de diferentes formas:”

“[...] seja por não receber “ajuda nenhuma do pai da criança”, por não conseguir “uma vaga na creche”, por “ter que se virar” para cuidar dos filhos sozinha e por ter que lidar com a política de invasões, tiroteios e extermínio exercida nos territórios de favelas. A ausência ativa de Estado também se materializa na ação das casas destinadas a “tomar conta” de crianças e das creches públicas, espaços voltados ao atendimento das famílias pobres.” (FERNANDES, 2020, p. 207)

Ou seja, de acordo com a autora trata-se de forças diversas que já se encontram postas e a mulher pode se deparar com ela em vários momentos do seu dia. Com isto, as atividades faltantes deste sistema como as referentes aos cuidados ficam a cargo das mulheres, devido a uma série de ações negligentes de esferas estatais e dos homens. (FERNANDES, 2020)

Nesse sentido, diversas reclamações acerca dos homens foram ouvidas no salão, dentre algumas delas:

Uma mulher cliente na faixa dos 40 a 50 anos diz: “Homem que não me dá nada, prefiro ficar sozinha.” (Dalva – mulher mãe), (Informação Verbal). No que a cabelereira completa: “Homem ferrado? Misericórdia! Além de ser traída, ainda isso?” (Katia – mulher mãe) (Informação Verbal).

Moana, mulher mãe cliente do salão, contava uma situação que havia passado com um ex companheiro e que recebeu apoio da filha para que permanecer com o homem, pois havia dinheiro envolvido.

"Eu não peço, ele me dá, 1.000 reais." (Moana– mulher mãe), (Informação Verbal)

"Fica mãe com ele! Homem não dá dinheiro assim não." (Moana– mulher mãe), (Informação Verbal)

"Deus me mostra se esse homem é ruim!" (Moana– mulher mãe), (Informação Verbal)

Certo dia acabou por descobrir que ele tinha uma esposa mais velha e alertou em tom de voz alto: "Vai confiar em homem! Homem é bicho do diabo. Não é Carla?" (Moana– mulher mãe), (Informação Verbal). Outra mulher que estava sendo atendida, a realizar um procedimento, confirmou que sim com as mãos.

Com relação a responsabilidade estatal, podemos notar que no final do século XVII, o foco de atenção da época passou das considerações com o pecado para a situação econômica com relação aos filhos considerados bastardos. A moral era utilizada como instrumento de controle da população pobre e da natalidade de pessoas órfãs, pois suas despesas eram tidas como gastos para o Estado. Estes temiam que o número de crianças aos cuidados dos órgãos públicos aumentasse devido a um descontrole da população e se transformasse em um problema econômico. (FONSECA, 1989)

De modo geral, muitas pesquisas acerca da periferia partem do que falta nestes territórios, é algo que fica em evidência, entretanto, aparece também o que excede, principalmente com relação às necropolíticas onde a morte está no fazer esperar por um atendimento público de saúde por exemplo. (FERNANDES, 2020; MBEMBE, 2018)

Deste modo, esta relação ativa que se estabelece de aparecimento e desaparecimento do Estado se constitui como um manejo de controle contínuo e exibicionista quando se faz presente em ações pensadas para um cuidado já estabelecido sistematicamente, práticas estas que remetem a guerra como as incursões policiais nos territórios precários e submetem os moradores a situações vexatórias, além de interromperem seu cotidiano. (FERNANDES, 2020) Nestas ações nas periferias acabam por ocorrer, por exemplo, o interrompimento do transporte coletivo para as trabalhadoras e trabalhadores e/ou crianças e jovens que se deparam com suas escolas fechadas decorrente de ações que se iniciam pelo próprio Estado em seu braço armado. (RIBEIRO, 2010)

Assim, essas ausências ou faltas citadas do Estado e dos homens não correspondem a um não comparecimento total destes, mas sim estão presentes em algumas ações e ausentes em outras, demonstrando assim um exercício de poder no que fazem ou deixam de fazer. Além de impor noções de medo e castigo, pois se encontram perto para exercer suas regulações. (FERNANDES, 2020) A autora acrescenta que a ausência é "um modo de fazer política". Assim, as mulheres negras, mães e pobres estão intimamente relacionadas a este contexto de tensão que é

gerado e esses elementos são essenciais na compreensão de como essas mulheres vivem. (FERNANDES, 2020, p. 225)

Acerca desta relação de Estado e homens a provocarem ausências e presenças específicas como coloca Fernandes (2020), notei que algumas mulheres no salão se comportavam e falavam com naturalidade acerca de seus companheiros que se encontravam sob privação de liberdade. Nas primeiras vezes que fui ao salão e elas não me conheciam, uma delas falava sobre o assunto em tom de voz mais baixo ou ouvia somente conversas sobre visitas ao marido, porém, posteriormente pude confirmar que era mesmo sobre isto que se tratava.

Assim como Fernandes (2020) que em seu trabalho observou mães que vivem em territórios precários e de conflito apresentarem em seu cotidiano um estresse e uma irritabilidade muito expressivas e relacionadas a este contexto específico. Deste modo, o pensamento desta autora contribui também para pensar acerca da violência que essas mães sofrem ao não contar com uma rede de apoio que forneça a elas um suporte para o trabalho exaustivo de cuidado com crianças, além do trabalho doméstico não remunerado.

Fernandes (2020, p. 211) identificou ainda em sua pesquisa os discursos dos moradores e de instituições públicas acerca de mulheres mães, onde as responsabilizam diretamente ou indiretamente por algumas “desregulações sociais.” Falas como: “fazem filhos demais”, apontadas como “nervosas” na criação dos seus filhos, como “novinhas” que “não sabem esperar para fazer filho” ou como “mães que abandonam”.

Há de se ter atenção com este argumento, pois, quando falamos em ausência masculina, há discursos que com frequência se voltam contra as mulheres e são produzidos estigmas sobre elas e suas famílias pobres com afirmações de que na ausência dos homens há a produção da delinquência. (FERNANDES, 2020; SARTI, 2015) Ou seja, como se a criação de uma pessoa com a transmissão de valores de várias mulheres da família como mães, avós e tias (como observado na periferia³⁰) fosse colocada em uma posição pejorativa e como se a presença dos homens no ambiente familiar por si só seja garantia de algum tipo de progresso.

³⁰ Observou-se que no território periférico há uma frequência significativa de famílias que residem no mesmo quintal, pois constroem suas residências no mesmo terreno devido a fatores econômicos ou outros.

Fernandes (2020, p. 211) cita ainda que em seu trabalho de campo ouviu das mulheres a expressão “sozinhas para tudo” no que diz respeito a responsabilidade de arcar com todas as despesas materiais, de criação e educação. No caso em questão desta pesquisa, se apresentou uma expressão muito semelhante no trabalho de campo onde uma cliente no salão dizia: “sou eu para tudo”. Já as narrativas em torno da personificação das mulheres falam de uma super presença em que elas se encontram, onde “devem dar conta de tudo. Tal necessidade de hiper presença é uma das linhas significantes na explicação do “nervoso” feminino atribuído a determinadas mulheres.” (FERNANDES, 2020. p. 211). Essa atribuição do “nervoso”, a autora encontra em Duarte (1988, p. 26) que estuda este ponto em uma etnografia com as classes de trabalhadoras urbanas onde afirma ser realizada em uma “moralidade local”, ou seja, as pessoas da própria localidade em que se vive conferem estes aspectos a mulheres e homens da localidade em seu estudo.

Em resumo, notou-se que a presença masculina é limitada em espaços de interações entre mulheres, como no salão de beleza, enquanto os bares se constituem enquanto espaço de sociabilidade masculina. Por fim, observou-se as desigualdades nas responsabilidades entre vida laboral e familiar, especialmente no contraste entre as mulheres mães sobrecarregadas e a falta de envolvimento e responsabilidade dos homens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas como esta, com abordagem etnográfica, não se encerram em si mesmas. Não há a pretensão de afirmar aqui a realização da entrega da decifração de um fenômeno, ou que foram feitas descobertas inovadoras, mas certamente uma contribuição à compreensão da temática a partir dos objetivos da pesquisa. Na realidade, o que pode ser realizado, diz respeito a trazer uma possibilidade para a abertura de um “leque de interpretações possíveis, não para fechar o assunto ou criar novas fórmulas dogmáticas.” O que é feito em um trabalho como este, deve, assim, ser entendido como hipóteses e uni-la a outras. (FONSECA, 1999, p.76)

Diante disso, trago aqui compreensões e interpretações fundamentadas acerca de como as mulheres mães tornam seu mundo habitável (DAS, 2020) no cotidiano após o sofrimento social. Deste modo, irei expor as considerações finais da pesquisa e as questões suscitadas por este trabalho serão, portanto, “fechamentos provisórios”. (FERREIRA, 2019, p.181)

Um dos principais contributos deste trabalho foi possibilitar um aprofundamento no cotidiano dessas mulheres mães e relacionar com as redes tanto formais quanto informais que fazem parte deste âmbito do cuidado, além de olhar para dentro dessas redes na perspectiva das ausências do Estado e dos homens como argumenta Fernandes, 2020.

A contextualização histórica é outro ponto essencial que se teve atenção neste trabalho, diante disso, se faz necessária ainda algumas considerações. Assim, no momento logo após a abolição, a mulher negra teve que se dividir entre as ocupações que ainda se mantinham como obrigatórias na casa grande e as de sua casa, pois as obrigações com a família tiveram que ter uma atenção diferenciada devido a nova situação que se apresentava onde a mulher negra teve um papel fundamental e basilar para os seus ao fornecer elementos morais e de existência básicos. Antes de se deslocar até o trabalho, esta mulher tinha que se dedicar às tarefas domésticas como cozinhar, mesmo que pouco, o alimento para a família e dividir as demais tarefas com a casa entre as "filhas mais velhas no cuidado dos mais novos". (GONZALEZ, 2020, p. 40) Trago esta colocação pois nota-se com isto, aspectos semelhantes a situação ainda atual no Brasil e percebe-se inserida no contexto desta pesquisa.

Assim, apresentei no segundo capítulo, o local da pesquisa, as mulheres mães e suas principais dificuldades cotidianas que se relacionam a “correria”, a falta de tempo, ao “fazer tudo”, a não conseguir se cuidar no dia a dia, somente aos finais de

semana. Há discursos relacionados a reclamações com relação aos horários conflitantes de creches e a “*Levar e pegar as crianças*”, aspecto este que não possui uma flexibilidade por parte das instituições e exige das mães este comprometimento, pois é uma atividade realizada por elas rotineiramente. Ainda, as dificuldades aparecem como maiores na medida em que os filhos são menores. No salão, as queixas acerca dos homens ocorriam com frequência, ou seja, de como é difícil se relacionar com o pai dos filhos, companheiros ou ex-companheiros.

Ao que diz respeito à relação com o território, foi observado que uma das preocupações que as mulheres mães apresentaram no salão eram relacionadas a estar com sua imagem atrelada a “fofocas” no bairro e discursos como: “não quero meu nome na boca de ninguém” surgiram. No entanto, vale dizer, que as “fofocas” eram tema recorrente no salão, as mesmas traziam estes comentários e arrancavam gargalhadas de outras mulheres mães, ou seja, compreendi que as animava, as divertia e trazia um momento de descontração e alegria depois da correria cotidiana da semana nos momentos em que elas estavam no local. PUPA (2012) Este aspecto se relaciona ao que Das (2020) discorre acerca de que as mulheres se reconstruem das dores do sofrimento social na vida “ordinária”, nos dias que transcorrem após os eventos ocorridos.

A preocupação com os comentários da vida alheia, se estendia também as relações com os vizinhos, os discursos apresentados eram de que eles só serviam para fazer fofocas e não ajudavam em nada, ou seja, não faziam parte das redes de apoio destas mulheres mães. No que tange aos demais moradores do conjunto e do bairro, notou-se e compreendeu-se haver relações de amizade e de colaboração mútua.

Acerca das fofocas, Elias e Scotson (2010, p.121) afirmam que não devemos enxergá-las como “fenômenos independentes”. Pois, “elas dependem das normas e crenças coletivas e das relações e interações entre os agentes”. Além disso, costumamos entender o termo “fofocas” como se seu significado fosse apenas pejorativo, no sentido de depreciar outras pessoas e espalhar informações negativas, no entanto, os autores atentam que de modo estrutural “a fofoca depreciativa [*blame gossip*] é inseparável da elogiosa [*pride gossip*]”.

Assim, ao comparar as fofocas de uma aldeia e dos moradores de um loteamento, ficou evidente para os autores uma proximidade que conectava a “estrutura da fofoca e a da comunidade”, onde as pessoas que constituem o local a

propagam. Deste modo, em uma comunidade unida como uma “aldeia” era necessário estar com frequentes falatórios e núcleos de “intriga” deste tipo para um funcionamento benéfico do local. Com isto, uma comunidade coesa possuía mais fontes apropriadas para comunicar também “notícias de interesse público e um número maior de interesses comuns”. Portanto, ao passar as informações de uma pessoa para outra tornava-se possível que “notícias relevantes alcançassem a comunidade em velocidade significativa. (ELIAS; SCOTSON, 2010, p.121-122)

Observou-se ainda que algumas das práticas de autocuidado destas mulheres mães se referiam a ir ao salão, fazer o cabelo, as unhas, os cílios, a “ficar bonitas” segundo suas narrativas relacionadas também à autoestima e ao bem estar. Além da tentativa de cuidado com o sono e com o lazer.

Além disto, foi possível observar no campo e em trabalhos realizados acerca do bairro relatos de relações de conflito entre os moradores do conjunto habitacional e os demais moradores do bairro, relações essas de disputa por direitos básicos como rede de esgoto ou asfalto, de preconceito e de estigma direcionado aos moradores do conjunto habitacional. (FERREIRA, 2019; VIANA, 2018) Outro aspecto que se relaciona com esta literatura citada, diz respeito a observação da solidariedade dos moradores do conjunto habitacional para com os demais moradores do bairro que se fez presente na ocorrência de alagamentos no bairro, onde os moradores do conjunto não foram afetados e se disponibilizaram a ajudar no que fosse necessário aos demais, como demonstrado no segundo capítulo deste trabalho.

Também no segundo capítulo busquei trabalhar o sofrimento social, onde percebeu-se identificado e relacionado à falta de infraestrutura no bairro como a ausência de pavimentação nas ruas e uma das consequências deste aspecto, visualizada no trabalho de campo onde ocorreu a queda de uma mulher de bicicleta em um dos buracos com água suja, em que uma mulher gritou de dor e teve que ser socorrida pelos comerciantes próximos, cena que poderia ter se repetido com outras pessoas, idosos, mulheres com crianças, dentre outros, por se tratar da principal via de acesso ao bairro e de grande fluxo de pessoas. Outra questão identificada apresentou-se relacionada com a falta de iluminação pública em locais com problemáticas como próximos de terrenos sem construções e de mata densa que observou-se contribuir para colocar as mulheres em situação de risco e da ocorrência de violências sexuais como foi trabalhado na sessão já mencionada.

Ainda no que tange ao sofrimento social, no salão notou-se este aspecto relacionado a situação financeira, onde havia a cobrança de dívidas por parte de vendedores externos de produtos como tapetes, devido a compras realizadas por algumas mulheres mães que frequentavam o salão e as estratégias utilizadas para adiar este pagamento.

Diante dos discursos e relatos do trabalho de campo, dos estudos e autores apresentados, notou-se o desejo de independência das mulheres mães com relação aos filhos. Foram identificadas filhas e filhos jovens adultos na faixa dos 20 aos 30 anos, que possuem filhos e não alcançaram a independência almejada, portanto, não conseguem “sair de casa” e continuam a morar com suas mães, que acabam por se perceberem a morar também com seus netos, noras e genros. Estas mulheres mães que são avós, além de fazer parte da rede de apoio dos seus filhos e filhas ao por exemplo “deixar e buscar” os netos na creche, dentre diversas outras atividades, também contam com seus filhos mais velhos na criação dos seus filhos mais novos.

Diante das considerações apontadas, podemos refletir ainda, acerca da responsabilidade estatal frente a estes conflitos familiares relacionados com a falta de independência dos membros da família citados, em contextos de desemprego por exemplo, principalmente desta faixa etária dos 20 aos 30 anos que interfere na independência financeira destes jovens adultos e de suas mães.

Em certo dia, uma das mulheres mães que estava a lavar o cabelo no salão comentou: “Amo lavar o cabelo, por mim lavava todo dia, dá uma leveza, muito bom!” Diante disso, pode-se refletir que por este ser um espaço de cuidado, relaxamento e bem estar (BOUZÓN, 2010; PUPA, 2012), a mãe nervosa que Fernandes (2020) encontrou, não tenha aparecido com ênfase neste local. Do lado de fora do salão, no conjunto habitacional presenciei cenas de mães em estresse, que gritavam e outras que demonstravam profunda tristeza e abatimento. Foi observado, em consonância com esta autora, duas mães que apresentaram nervosismo dentro do salão, uma delas inclusive disse: “Não tenho paciência com criança”. Foi possível observar ainda, mulheres mães preocupadas com os filhos como por exemplo se eles estavam se alimentando e acerca do comportamento deles.

O salão, local onde foi realizada a etnografia se apresentou enquanto um local propício para estratégias de trocas de informações entre as mulheres mães acerca de dificuldades na criação dos filhos, onde elas contavam os problemas que estavam passando e recebiam contribuições das mais variadas formas, desde conselhos sobre

relacionamentos e homens, a formas de marcar consultas para os filhos, manejo na criação dos filhos (como desmamar, como cuidar de um gesso, porque e como colocar na creche, são alguns dos exemplos), maneiras de aumentar a renda financeira eram apresentadas e discutidas enquanto vantajosas ou não e informações de lugares para se divertir, ou seja, um lugar potente onde problemas objetivos e conflitos eram desabafados e em resposta se ouvia possibilidades de solução.

Fernandes (2020, p.164) em seu estudo sobre o nervoso de mulheres mães na periferia, apresenta uma lógica que emerge a partir de discursos, e diz respeito a aprendizagem do “saber ser mãe”, pois as ações na criação dos filhos necessitariam deste aspecto de uma sabedoria a ser adquirida. Deste modo, a dinâmica dentro do salão, se mostrou como um espaço onde as mulheres mães buscavam também por este tipo de apoio de saberes para a criação dos filhos e para a própria vida.

Além das estratégias citadas acima, também haviam as de levar crianças para a escola em bicicletas com a falta e ou demora dos ônibus e levar as crianças nas ações realizadas pela Igreja no bairro como forma de lazer.

Diante da análise em discussão com as autoras como Gonzalez (2020); Collins (2019) e Butler (2022), foi possível notar como o salão pode ser compreendido como um espaço de existência. Nesse sentido, Das (2020) contribui com o exemplo de Ahsa que após sua viúves teve de procurar outro casamento para se ver livre de humilhações cotidianas e ter sua existência assegurada, visto que na condição de viúva deveria sobreviver sob cuidado de seu irmão e sua esposa que rivalizava com ela com vistas a perder propriedades para a cunhada. Além de sua sexualidade ser desconsiderada totalmente neste contexto cultural. Deste modo, podemos refletir que Asha sai de um modo de resistência e sobrevivência e vai atrás de um modo de existir com dignidade ao menos, por meio deste novo casamento.

Assim, podemos pensar acerca de que o ir ao salão é uma forma de tornar a *vida habitável* destas mulheres mães (DAS, 2020) Pois, neste espaço elas se encontram em um momento de cuidar de si (FOUCAULT, 2004)

No capítulo quatro apresento como são as redes sociais de apoio das mulheres mães, redes estas que se mostraram enquanto condição para que as mulheres mães pudessem se ausentar por um período de tempo para cuidar um pouco de si mesmas, já que relataram estarem com muitas demandas com relação aos filhos e diversas outras em seu cotidiano. Assim, foram identificadas em formais e informais, as formais são: as creches municipais, escolas estaduais e particulares, a UBS (Unidade Básica

de Saúde), o CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) e uma Vila Olímpica; e as redes sociais informais: os familiares (avós, tias, filhas e filhos mais velhos, alguns pais), Igrejas Neopentecostais, irmãos mais velhos, mulheres adolescentes e jovens que cuidam das crianças menores da vizinhança, as madrinhas e as escolinhas de futebol do bairro que realizam a tentativa de transmitir valores como o respeito através do esporte.

Ainda, percebeu-se que no que tange a pessoas que contribuem na criação dos filhos, essa rede diminui sua abrangência, é citada limitando-se aos pais, avós e alguns tios específicos.

Com as contribuições teóricas e o trabalho de campo, interpretei que há mães que realizam o trabalho de cuidado com a contribuição de familiares em uma relação de reciprocidade e ajuda mútua por exemplo. (CAILLÉ, 2014; FERNANDES, 2020; FONSECA, 1999). Observou-se ainda que a Vila Olímpica esteve fechada por anos e foi reaberta no mês de abril de 2023 com longas filas para as inscrições em atividades como natação, funcional e artes marciais. Notou-se também que na rede informal, foram citadas frequentemente mulheres a desempenhar este papel, um exemplo é o caso do apadrinhamento, onde só foram citadas as madrinhas como compostas da rede.

Assim, interpretei que as redes formais e informais se conectam quando determinadas pessoas das redes informais de confiança da mulher mãe, ou seja, avós, tias, irmãos mais novos, vão até a creche ou a escola para levá-las ou as trazerem de volta para casa.

Há ainda, limites no horário de funcionamento da creche que funciona até às 16h, deste modo, me questionei acerca dos horários dos empregos formais que finalizam o expediente das 17 às 18h, assim, uma mulher mãe que trabalha nestes termos não conseguiria ir buscar seu filho ou filha no horário, portanto alguém de sua rede de apoio informal teria que se ocupar desta tarefa, as mulheres mães que trabalham de forma autônoma vão quando podem e quando estão no atendimento a clientes, alguma outra mulher da família nuclear realiza esta tarefa. Foram observados não mais do que dois homens a buscar crianças na creche em todo o período da pesquisa, um deles estava sozinho e o outro com a esposa, portando, interpreta-se a questão da ausência masculina. (FERNANDES, 2020) E o que ocorre nas férias escolares? Perguntei às mulheres mães que responderam sobre uma rotina que fica mais “pesada” ou contam novamente com as mulheres da família para conseguir este

apoio.

Foi observado ainda brinquedos diversos e em bom estado de conversação no pátio da creche e as mulheres mães não reclamaram da creche e das escolas, mesmo sendo questionadas se havia alguma reclamação a fazer ou se os horários as atendiam, afirmaram que sim. O que interpretei como uma possibilidade desta rede em meio aos limites de horário.

No evento em frente a uma das igrejas evangélicas no conjunto habitacional descrito no capítulo quatro, pôde-se compreender algo da comunicação destas redes com as instituições públicas e privadas de outros espaços na cidade como a parceria realizada da Igreja evangélica que enquanto rede ofereceu diversão e lanche para as crianças no evento, enquanto que os cuidados com a saúde das mães foram ofertados pela Faculdade de Medicina de Campos, uma universidade privada.

Outro aspecto acerca da tentativa de conhecer as chances de adensamento da comunicação dessas redes com as instituições públicas e privadas de outros espaços na cidade, ocorreu através de uma situação observada no campo de pesquisa, onde foi discutido entre o treinador e uma das líderes comunitárias um apoio de equipamentos para o projeto de esporte da escolinha de futebol, do bairro, onde eles chegaram a conclusão de que não seria possível conseguir o apoio de instituições públicas ou de políticos, devido a experiências anteriores frustradas, diante disso, a ideia considerada então foi tentar conseguir o apoio com iniciativas privadas como empresas.

Percebeu-se também com relação à responsabilidade masculina, discutida no capítulo quatro, em que os homens apareceram nas redes de apoio e nas funções de pai, nos relatos das mulheres mães casadas. Nos discursos das demais mulheres mães eram frequentes as reclamações semanais acerca dos homens com quem tinham se relacionado ou que ainda mantinham uma relação. Algo que me surpreendeu, pois não imaginava que o mal estar sentido por elas estava posto com tamanha ênfase em suas falas.

Observou-se ainda que se faz necessário investigações acerca de uma relação de causalidade entre as fragilidades das redes formais e informais e a diminuição de renda das mulheres que são mães a fim de explorar efeitos. As redes frágeis podem afetar a renda das mulheres mães. Que não conseguem um trabalho em que conseguem buscar os filhos na creche por ex devido ao horário.

A pesquisadora que vos fala, finaliza esta pesquisa transformada, modificada por toda esta experiência. Antes da pesquisa, eu não tinha o costume de ir a salões, fazia tudo o que queria no aspecto do cuidado e da estética eu mesma em casa. Em minha família nuclear o mesmo nunca foi incentivado, pelo contrário, minha mãe afirmava sua crença de que isto seria um desperdício de tempo e de dinheiro, ela só vai ao salão para cortar seu cabelo de tempos em tempos. Entretanto, enxergo agora de modo evidente os ganhos das travessias que fazemos entre o particular e o social como trata Fonseca (1999), entre estes ganhos, o de perspectivas que podem agregar e nos transformar. No salão me identifiquei com alguns pensamentos das mulheres, troquei afetividade e senti as emoções que são resgatados naquele local e que tornam a nossa vida cotidiana habitável (DAS, 2020) e, portanto, possível de ser vivida, para além da dor e dos sofrimentos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, L. **Retransmissão do Programa Pauta Brasil - TV FÓRUM**. As políticas de cuidado. Youtube, 25 de outubro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tImFjqyyfEI&list=WL&index=10&t=8s> Acesso em 16 jan 2022

ALMEIDA, F. G. de. **Por um fio de cabelo: a representação das mulheres brasileiras cacheadas, crespas e onduladas nas campanhas da Seda**. 2021. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

ARRUDA, Ana Paula Serpa Nogueira de. **Política habitacional e remoção de favelas em cidades de porte médio: a experiência do conjunto habitacional aldeia em Campos dos Goytacazes/RJ**. 2009. 166 fls. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2009.

BARROS, Valquíria da Silva; DE OLIVEIRA, Rosane Cristina. **Desigualdades de gênero e espaço doméstico: o isolamento social e seus impactos no cotidiano das mulheres em tempos de Covid-19**. Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa, v. 7, n. 2, 2020. Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/download/6746/3374> acesso em 20 mai 2023

BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BLUME, Bruno André. **O que é IDH. Portal Politize, Seção Direitos Humanos e Política Internacional**. Publicado em 03/04/2017. Disponível em: [https://www.politize.com.br/idh-oquee/#:~:text=IDH%20%C3%A9%20a%20sigla%20para,das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20\(ONU\)](https://www.politize.com.br/idh-oquee/#:~:text=IDH%20%C3%A9%20a%20sigla%20para,das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20(ONU)). Acesso em: 18 jan 2023

BOUZÓN, Patrícia. **Construindo identidades: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro**. 2010. Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro

BRASIL, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 02 de abril de 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 mai 2023

BRASIL. Lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009. **Dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV e a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas. 2009.**

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

BORDERÍAS, Cristina; TORNOS, Teresa; BENGGOA, Cristina Carrasco. **El trabajo de cuidados: historia, teoría y políticas.** Los Libros de la Catarata, 2018. Disponível em <https://www.perlego.com/book/2564445/el-trabajo-de-cuidados-pdf> acesso em 24 mai 2023

CAILLÉ, A. **Dádiva, Care e Saúde.** Dossiê: Sociologia da Dádiva. Sociologias, Porto Alegre, ano 16, no 36, 2014, p. 42-59. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-016003603>. Acesso em: 30 mar. 2022.

CHAGAS, Bárbara da Rocha Figueiredo. **Positivismo e marxismo: o debate sobre a neutralidade científica e a construção do projeto profissional do Serviço Social.** Serv. Soc. Rev., LONDRINA, V. 17, N.2, P.169 - 186, JAN./JUN. 2015. Disponível no site <file:///D:/%20Documentos%20n%C3%A3o%20delete%20backup%20dia%2013-06-18/Desktop/21954-107821-1-PB.pdf>. Acesso em 09/08/2023.

COLLINS, P. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** São Paulo: Boitempo, 2019.

CORTES, T. L. **Tinha uma casa no meio do caminho: inundações e remoções em Ururaí, Campos dos Goytacazes/RJ.** Revista Vértices, v. 23, n. 1, p. 129–150, 2021. DOI: 10.19180/1809-2667.v23n12021p129-150. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/15870>. Acesso em: 26 mai 2023.

DA COSTA, C. E. C. **Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940).** Topoi, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 101-126, 2015. Disponível em: <http://revistatopoi.org/site/numeros-anteriores/topoi30/>. Acesso em: 14 abril. 2022.

DAS, V. **Language and body: transactions in the construction of pain. In: Social Suffering.** Los Angeles: University of California Press, 1997.

DAS, V. **“What does ordinary ethics look like?”** In: Michael Lambeck; Veena Das; Didier Fassin & Webb Keane, *Four lectures on ethics: anthropological perspectives* Chicago: HAU Books. 2015. pp. 53-125.

DAS, V. **Sujetos del dolor, agentes de dignidade.** Bogotá: ed. Francisco A. Ortega. –: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas: Pontificia Universidad Javeriana. Instituto Pensar, 2008. 568 p.

DAS, V. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário.** / Veena Das ; tra Bruno Gambarotto. – São Paulo: Editora Unifesp, 2020. – 1 recurso online (312 p.): ePub

DE SOUZA, Sandra Duarte. **Religião e silenciamento do sofrimento: reflexões sobre morte e vida de mulheres em situação de violência**. Estudos de Religião, v. 34, n. 3, p. 337-351, 2020. <https://www.metodista.br/revistas/revistas/ims/index.php/ER/article/view/10933>

DELEUZE, G. 1925 -1995. **Crítica e clínica**. / Gilles Deleuze; tradução de Peter pal Pelbart. - Sao Paulo: Ed. 34, 1997. 176 p. (Coleção TRANS)

DUTRA, P. L. **Programa Habitacional Morar Feliz em Campos dos Goytacazes: Análise da percepção dos beneficiários sobre as suas novas condições de moradia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes - RJ, 2015. 207f.

ECA - **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS; Scotson. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução, Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

FALÇÃO, D. A. **A espera de morar feliz entre a remoção e o reassentamento do Programa Habitacional Morar Feliz, um território da espera**. 2015. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, 2015. Campos dos Goytacazes - RJ, 2015. 111f.

FARIA, T. P. **Gênese da rede urbana da Região Norte e Noroeste Fluminense à luz do relatório engenheiro Henrique Luiz Niemayer Bellegarde**. X Encontro Nacional da Anpur, 2003.

FAUR, E. **El cuidado infantil en el siglo XXI: Mujeres malabaristas en una sociedad desigual**. - 1ª ed.- Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014. 272 p.

FERNANDES, C. **"Ai eu não aguentei e explodi": A expressão do "nervoso" feminino no cuidado com as crianças em territórios de favela**. Etnografias Contemporâneas, 6(10), 2020.

FERNANDES, Camila. **A força da ausência. A falta dos homens e do "Estado" na vida de mulheres moradoras de favela**. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), p. 206-230, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sess/a/q6T8GxYmvPy3k6jN6fbRbZB/abstract/?lang=pt>
Acesso em 23 mai 2023

FERREIRA, D. C. **"Nosso novo endereço, Morar Feliz": os sentidos de habitar um conjunto habitacional popular em Campos dos Goytacazes**. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ.

- FERREIRA, Daniela Alexandre. **Estética e sociabilidade: o salão de beleza como ponto de encontro**. CSONline-Revista Eletrônica De Ciências Sociais, n. 24, 2017.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: WMF. Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **“A ética do cuidado de si como prática da liberdade”**. In: Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FRANCHI, M.; NASCIMENTO, S. **A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018)**.2020.
- FREITAS, Kêila Pirovani da Silva. **Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes – RJ: da residência unifamiliar aos edifícios de apartamentos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2011.
- FARIA, T. P. **Campos dos Goytacazes- Ressources et virtualités d’une ville brésilienne- données del’histoire**. Tese de Doutorado. EHESS, Paris.1998.
- GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1982.
- GOULDNER, A. **The Norm of Reciprocity: A Preliminary Statement**. American Sociological Review, [S.I.], v. 25, n. 2, p. 161-178, Apr. 1960
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HINE, C. **A Internet 3 E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana**. São Paulo, Revista Cadernos de Campo. vol. 29 n.02: 2020.
- HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Dossiê - Trabalho e Gênero: Controvérsias, Tempo soc. 26 (1). 2014
- IBGE (1957), **Anuário Geográfico do Rio de Janeiro**, nº 9, 1956. Rio de Janeiro.
- IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/campos-dos-goytacazes/pesquisa/23/25124?detalhes=true>
- ITABORAÍ. N. R. **Desafios da articulação entre trabalho e família entre as beneficiárias do Programa Bolsa Família**. In: 39º Encontro Anual da Anpocs. GT 15 Família e trabalho: configurações, gerações e articulações em contexto de desigualdades. 2015.
- ITABORAÍ. N. R. **Trabalho feminino e mudanças nas famílias no Brasil (1976-2012): uma perspectiva de classe e gênero**. December, 2016; Revista Gênero 16(2).

LATOURE, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LAUGIER, Sandra. **Le care comme critique et comme féminisme**. Travail, genre et sociétés, v. 26, n. 2, p. 183-188, 2011.

LIMA, Joana Azevêdo; ALBERTO, Maria de Fatima Pereira. **As vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 15, p. 129-136, 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000200001> Acesso em 23 mai 2023

LOPES, L. G. R. **Minha casa, minha outra vida: Implicações psicossociais da segregação socioespacial**. 2019. Dissertação de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/2078>. Acesso em: 24 Jun 2021

MALYSSE, Stéphane Rémy. " Extensões do feminino": **Megahair, baianidade e preconceito capilar**. Studium, n. 11, p. 66-91, 2002. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/11739> Acesso em: 3 maio. 2023

MARIANO, Ricardo. **Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais**. Debates do NER, 2003.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação**. 2001, vol.30, n.1, pp.71-81. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652001000100009>. Acesso em: 20 Jan. 2023.

MARTIN, V.B.; ANGELO, M. **A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda**. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 4, p. 89-95, outubro, 1999.

MARX, K. **A assim chamada acumulação primitiva**. In: MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. Livro I: O processo de produção do capital, p. 959-989.

MENDES, Fernando Ribeiro. **Segurança Social: o futuro hipotecado**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016.

MESQUITA,2023 **“Ações pentecostais nos conjuntos habitacionais das periferias de Campos dos Goytacazes-RJ: sociabilidades religiosas nos espaços de moradias**. Projeto de extensão UENF.

MORENO, R. **Retransmissão do Programa Pauta Brasil - TV FÓRUM**. As políticas de cuidado. Youtube, 25 de outubro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tImFjqyfyEI&list=WL&index=10&t=8s> Acesso em 16 jan 2022.

MUNANGA, K. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. Palestra ao Departamento de Antropologia da USP, São Paulo, 2012.

NOGUEIRA, O. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, nov. 2006

NOVAES, R. **Hábitos de doar: motivações pessoais e as múltiplas versões do “espírito da dádiva”**. In: BRITO, Mácia; MELO, Maria Emílio (Orgs.). Hábitos de doar e captar recursos no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2007. p. 15-56.

OLIVEIRA JÚNIOR, Asterlindo Bandeira de. **O discurso científico em análise: formações imaginárias e neutralidade científica**. 2020. 263 p. Tese de doutorado — UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35951/1/tese_asterlindo_bandeira_de_oliveira_junior.pdf. Acesso em: 9 ago. 2023

OLIVEIRA, J. H. P. D. **Mobilidade urbana e território: desafios na perspectiva de mulheres da Zona Sul de São Paulo**. 2020. 164 f. São Paulo: [s.n.], 2020. 163p; Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde arrumar

OOSTERBAAN, M. **Sonic supremacy: Sound, space and charisma In a favela in Rio de Janeiro**. Critique of Anthropology, v. 29, n. 1, p. 81-104, 2009.

PADILHA, Maria Angélica et al. **Teen mothers and school dropout: a systematized review**. Revista de Enfermagem UFPE, v. 5, n. 6, p. 1534-1540, jul. 2011. ISSN 1981-8963. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/6825>. Acesso em: 03 mai 2023.

PARREIRAS, C.; LACERDA, P. **"Violência - Veena Das"**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2021. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/violencia-veena-das>. Acesso em: 17 Jun. 2021.

PEREIRA, C. R. R.; ARPINI, D. M. **Os irmãos nas novas configurações familiares**. Psicologia Argumento, v. 30, n. 69, p. 275-285, 2012. Disponível em https://www.academia.edu/download/33867311/Pereira___Arpini__2012.pdf Acesso em 20 mai 2023

PEREIRA, R. S. G. (2021). **Guerreiros de Cristo, bailarinos de Jeová: Uma etnografia sobre ritualística reteté e política do sobrenatural em um contexto de favela**.

PEREIRA, Réia Silvia Gonçalves. **Fé em Deus, DJ: Funk e Pentecostalismo entre Jovens das Camadas Populares**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Espírito Santo.

PESSANHA, R. M. **A ampliação da fronteira de exploração petrolífera no Brasil é parte da geopolítica da energia: oportunidades e riscos de inserção global em**

meio às novas territorialidades regionais e ao desafio da abundância na economia dos royalties no Estado do Rio de Janeiro, Espaço e Economia, 2019. Disponível em <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/1511DOI:10.4000/espacoeconomia> Acesso em 20 mai 2023

PIRES, R. R. C. **Implementando desigualdades? Introdução a uma agenda de pesquisa sobre agentes estatais, representações sociais e (re)produção de desigualdades**. Boletim de Análise Político-Institucional / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – n.1 (2011) - Brasília: Ipea, 2011.

PORTUGAL, S. **As mãos que embalam o berço: Um estudo sobre redes informais de apoio à maternidade**. Revista Crítica de Ciências Sociais N.42. Maio, 1995. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Sociais.

PORTUGAL, S. **Contributos para uma discussão do conceito de redes na teoria sociológica**. Oficina do CES nº 271. Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2007.

PÓVOA, Fabiana Machado Rangel. **A Municipalização da política de habitação Popular em Campos dos Goytacazes (1989-2001)**. Dissertação de Mestrado em Políticas Sociais. Centro de Ciências do Homem. Universidade Estadual do Norte Fluminense. Campos dos Goytacazes, 2002.

PUPA, Iorrana Fioreti de Menezes. **Os usos do salão de beleza: para além do consumo de estética ou sobre possibilidades de invenção de si. 2012**. Tese de doutorado. universidade federal do espírito santo.

QUINTÁNS PINTOS, I. **Las distancias: qué son en la ciudad. Percepciones, espacios, aprendizajes**. URBS. Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales, 9(1), 17-32. 2019. Disponível em http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/quintans_pintos Acesso em 20 mai 2023

REIS, E. P. **Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade**. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 15, n. 42, 2000.

RIBEIRO, Vanessa da S. Palagar. **Ação social pentecostal em uma favela de Campos dos Goytacazes: a parceria entre um projeto social evangélico e uma organização não governamental**. Tese de Doutorado em Sociologia Política. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), 2020.

ROSA, E. P. **Gênero e habitação: participação e percepção feminina na construção de viveres. 2007**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SABINO, F. **A formação do sujeito político a partir das redes pessoais: o fazer da autonomia em duas comunidades quilombolas do Norte Fluminense. 2018. 229 f.** Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ.

SANTOS, Marcela Alves de Lima; SOL, Núncio Antônio Araújo; MODENA, Celina Maria. **Território e desterritorialização: o sofrimento social por desastre ambiental decorrente do rompimento de barragens de mineração.** Saúde em Debate, v. 44, p. 262-271, 2021.

SARTI, C. A. **Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo.** 1994. Tese (Doutorado). Departamento de Antropologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHELIGA, Eva Lenita. **Educando sentidos, orientando uma práxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros [recurso eletrônico]. 2013.** Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2013 [Originalmente apresentada como Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011].

SILVA Carlos Alberto da; FIALHO Joaquim; SARAGOÇA José. **Análise de redes sociais e Sociologia da acção.** Pressupostos teórico-metodológicos. Revista Angolana de Sociologia, 2013. Disponível em <http://ras.revues.org/361>

SILVA, Juliana Marcia Santos. **Mães negras na Pós-Graduação: uma abordagem interseccional / Juliana Marcia Santos Silva.** – 2020. 150 f.: il. Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ângela Maria Freire de Lima e Souza Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2020.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. **“O significado do botequim”.** In: Cidades, usos e abusos. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1978. p. 76-113

SORJ, Bila. **O care como um regime estratificado: implicações de gênero e classe social cuidado e cuidadoras.** As várias faces do trabalho da Care. São Paulo: Atlas, 2012.

SOUZA, C. **Modernização do Estado e construção de capacidade burocrática para a implementação de políticas federalizadas.** Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 27-45, 2017.

TEIXEIRA, Daniel Viana. **Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres**. Revista Direito GV, v. 6, p. 253-274, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/cfxjZqpdBnmLG7w4vJr9rJr/abstract/?lang=pt> Acesso em 21 mai 2023

TRONTO, J. Moral Boundaries. **A Political Argument for an Ethic of Care**. New York: Routledge, 1993.

VALLADARES, L. **A invenção da favela: do mito de origem da favela**. 2016. Editora FGV.

VALLADARES, L. **Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil**, In: **BOSCHI, Renato. (org.)**. Corporativismo e desigualdade, a construção do espaço público no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo / IUPERJ, 1991.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira; CASTRO, Iára Quelho de; NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. **Diferenças & alteridades: abordagens e perspectivas dos estudos culturais**. Diferenças & alteridades: abordagens e perspectivas dos estudos culturais, 2022.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In.: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar:1981.

VIANA, A. S. **Periferia segregada: Um estudo sobre os processos sócio-espaciais no Jockey Club**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Ambiente e Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, RJ. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/10696/Aline%20da%20Silva%20Viana.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 21 abr 2023

VICTORA, C. **Sufrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia**. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v5, n.4, p.3-13, Dez., 2011.

VIEIRA, Simone Pedro; ARAÚJO, Raphaela (ed.). **Superintendência da Igualdade Racial: Análise das Condições Socioeconômicas da População Negra em Campos dos Goytacazes - RJ**. Campos dos Goytacazes - RJ: [s. n.], 2020. Mapas.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 15ª ed. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 2000. p.01-62.

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. In: COHN, Gabriel (org.) Max Weber. Sociologia. São Paulo: Ática, 2003, p. 79-127.

ZAMBONI, S. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. 4 ed. Revista – Campinas, SP: Autores Associados, 2012. 112 p.

APÊNDICE A – IMAGENS

IMAGEM 5 - Escudo do time infanto juvenil



Escudo confeccionado pela própria pesquisadora de modo fiel ao pedido de um dos treinadores e ao modelo por ele fornecido. Fonte: elaboração própria.

IMAGEM 6 – Proposta de apoio para o torneio de futebol.



- **OBJETIVO:** REALIZAÇÃO DO TORNEIO COM CRIANÇAS DA ESCOLINHA DE FUTEBOL UNIDOS BOLA BOA;
- **AÇÕES:** BUSCA DE PARCERIA COM PESSOAS INTERESSADAS OU EMPRESÁRIOS(AS) COM A DIVULGAÇÃO NO TORNEIO A SER REALIZADO NO BAIRRO NOVO JOCKEY, COM ANUNCIO DE SEUS NOMES PARA TODOS OS PRESENTES.
- **BENEFÍCIOS:** COLABORAR COM O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DE NOSSA COMUNIDADE, REALIZAR UMA AÇÃO DE MARKETING SOCIAL DESTAS EMPRESAS E VALORIZAR AS IMAGENS DAS PESSOAS QUE COLABORARAM OU DAS EMPRESAS PERANTE SEUS CLIENTES.
- **INVESTIMENTOS A ESCOLHER:**
 - 1 BOLA TOPPER
 - 2 JOGOS DE COLETES
 - UNIFORMES
 - CONES
 - JOGO DE REDES
 - LUVAS
 - 3 TROFÉUS, 1, 2 E 3 LUGAR OU MEDALHAS.



Proposta de apoio para torneio de futebol solicitado por um dos treinadores. Fonte: elaboração própria.



IMAGEM 7 – Cartaz torneio de futebol

Cartaz para divulgação de torneio de futebol solicitado por um dos treinadores e confeccionado do modo como ele solicitou. Fonte: elaboração própria a partir de modelo proposto pelo treinador do time.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

APRESENTAÇÃO

- Informar ao entrevistado a finalidade da pesquisa e seu objetivo. Em caso de aceitação de participação, será assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, no qual irei me responsabilizar pelo sigilo das informações e a não identificação do entrevistado (a).

INFORMAÇÕES GERAIS

Data da entrevista: //

Idade:

Cor:

Nível escolaridade:

Situação profissional:

Renda (principal fonte de renda):

Renda familiar:

1. Você reside neste bairro? Sempre morou neste bairro? Se mudou para cá por qual motivo? Como foi a sua trajetória de vida?
2. Pode me contar um resumo de como é o seu dia? As principais coisas que faz de quando acorda até a hora em que vai dormir?
3. Quais as maiores dificuldades que você enfrenta nos seus dias?
4. O que lhe fornece forças para enfrentar os dias difíceis?
5. Como você se cuida no dia a dia?
6. O que gosta de fazer no seu dia?
7. Como você organiza sua vida para conseguir um momento para vir ao salão?
8. Porque você vem aqui? Ou o que faz você vir aqui.
9. Quais serviços utiliza no salão? E porquê?
10. Como se sente quando vêm aqui?
11. Quantas vezes por mês vem ao salão?
12. Você mora com quantas pessoas? Quais são seus familiares? (Se tiver mais mulheres no domicílio perguntar se elas também têm filhos e como se dá esta relação)
13. Quantos filhos você tem? Quais as idades deles? Algum deles é uma pessoa com deficiência? Se sim, qual? O que considera importante ensinar ou passar para seus filhos?

14. Com quem você frequentemente pode contar para deixar seus filhos em sua ausência, quando você está com salão por exemplo?
15. Você gosta da forma como a pessoa olha seu filho ou filha? Há algo que não aprove tanto?
16. Quais pessoas você diria que contribuem no cuidado ou criação do (a) seu (sua) filho(a)?
17. Quais pessoas realizam a arrumação da casa? Quem faz o que? E o cuidado com os filhos? Quem cozinha? Quem cuida das crianças?
18. Há familiares que residem próximo?
19. Como é a sua relação com seus vizinhos? De amizade? Vocês se ajudam? Eles ajudam com alguma coisa relacionada as crianças? Ajudam a olhar as crianças?
20. Você utiliza uma das creches municipais do bairro? Se não, qual frequentam?
21. O que você acha da creche e dos horários dela? Você tem algo para reclamar?
22. O que acha da Escola do bairro e dos horários dela?
23. Qual o meio de transporte que seus filhos utilizam para ir à escola ou creche?
- Para saírem para outros lugares é o mesmo? Se não, qual é?
24. O que acontece quando a escola e/ ou creche fecham? Nas férias por exemplo?
25. Como você se considera enquanto mulher e enquanto mãe? O que diria de si mesma?

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a Sra. para participar da pesquisa *“Sofrimento social e cuidado no cotidiano de mulheres-mães: narrativas em um salão de beleza do conjunto habitacional de interesse social morar feliz da prefeitura de Campos dos Goytacazes -RJ.”*, sob a responsabilidade da pesquisadora Luiza Soares de Almeida Souza com o objetivo de compreender o sofrimento social presente na experiência cotidiana de mães e suas práticas de auto cuidados em um salão de beleza no conjunto de habitação de interesse social Morar Feliz da Prefeitura de Campos dos Goytacazes. Espera-se que os resultados da pesquisa possam gerar subsídios para a reflexão e atenção das políticas públicas de cuidado para as mulheres que são mães, além de contribuir com a comunidade científica na investigação do tema. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista que será gravada. Após a transcrição, as mesmas serão apagadas. Se depois de consentir sua participação a Sra. desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A Sra. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, a Sra. poderá entrar em contato com a pesquisadora na Avenida Alberto Lamego, n.º 2000, Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes/RJ, CEP 28.013-602, pelo telefone (22) 998510118 ou poderá contactar o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro no prédio do Centro de Ciências do Homem no endereço citado acima.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Data: ___/___/2023.

Assinatura da participante: _____

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____